

ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
TERÇA-FEIRA, 29 DE JUNHO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 427 ANO 51.º PREÇO 1\$50

1x2

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana?
Na pág. 20 pode encontrar uma ajuda...

TOTOBOLA

A poluição mata 10 000 pessoas por ano em Nova York

ATLANTIC CITY (New Jersey). 29 — (F. P.) — A poluição atmosférica seria responsável pela morte de dez mil pessoas, todos os anos, em Nova York, ou seja 12 por cento das mortes registadas naquela cidade.

Estes números, citados durante um colóquio organiza-

do pela associação para o controlo da poluição do ar, resultam das investigações levadas a cabo durante um período de seis anos por membros do colégio de medicina Albert Einstein. Estes pensam que «aproximadamente 10 000 mortes não teriam ocorrido se não tivesse havido poluição do ar».

Os efeitos da poluição são especialmente perigosos para as pessoas que sofrem de doenças cardíacas ou respiratórias.



Aproxima-se o dia marcado para a eleição da «Princesa das Teen-Agers Portuguesas». As candidatas, entretanto, prepararam-se para disputar o título, levando o seu cuidado ao ponto de aprenderem os segredos de uma conveniente apresentação em público, para o que recebem lições numa escola de manequins. A foto acima foi obtida durante uma dessas aulas, na qual participaram todas as finalistas do certame que é promovido por iniciativa do «Diário de Lisboa» (Ler notícias na 2.ª página)



A CANTORA NA PEDREIRA — Ann Howard, estrela da companhia de ópera do Sadler's Wells, acaba de passar uma experiência curiosíssima: tendo ido ensaiar para uma pedreira em Marsden, cujas condições de resonância são invulgares, foi pouco depois impedida de continuar devido à iminência de alvimentos... É o que se chama uma voz de peso

POLÍTICA INDUSTRIAL E ASPIRAÇÕES DO POVO DEBATIDAS PELA SEDES

«Em que medida é que a nova política industrial vai ao encontro das aspirações da maioria da população portuguesa, nomeadamente nos aspectos que dizem respeito à repartição equilibrada de rendimentos e à melhoria das

condições de trabalho? Esta foi uma das interrogações em que se baseou o debate sobre «Política Industrial», realizado na sede da «SEDES». O tema foi introduzido por uma mesa constituída pelos srs. dr. Domingues Megre,

Manuel Bidarra e eng. Torres, servindo de moderador o eng. João Botequilha.

Abrindo a sessão, o eng. Botequilha começou por afirmar que a iniciativa da proposta

(Continua na 6.ª página)

TERMINA AMANHÃ O PRAZO PARA ENTREGA DOS CUPOES DE IDENTIFICACAO

Apenas mais um dia e deixará de ter hipótese de se habilitar a um dos valiosos prémios que o «Diário de

Lisboa» oferece aos seus leitores na segunda fase da iniciativa com que iniciámos o ciclo comemorativo dos

cinquenta anos do nosso jornal.

Termina, pois, amanhã o prazo para a entrega dos cupões-duplos

de identificação que, depois de preenchidos com letra bem legível, deverão ser enviados, juntamente com um se-

lo de 1\$00 aos nossos serviços na Rua Castilho, 185-1.º—Lisboa 1.

Este é o primeiro passo a dar para se (Continua na 10.ª página)





MAIS PRÉMIOS NO CONCURSO DAS «TEEN-AGERS» PORTUGUESAS

As 12 finalistas do concurso das «Teen-Agers» visitam hoje à noite o «Apolo-70» onde jantarão, a convite da administração deste importante e moderníssimo estabelecimento. Num dos intervalos da sessão de cinema as «Teen-Agers» serão apresentadas ao público e receberão inúmeros presentes pelas firmas com lojas naquele drugstore, e que são: um ramo de flores, oferta da administração do «drugstore» Apolo-70; um rádio da marca «National» oferta de Raio de Luz Lda., «hot-pants» em camurça oferta de Penelope; «hot-pants» em

**a 3.ª classificada irá passar
um fim-de-semana a Ofir**

nhora do Apolo-70; desodorizantes, oferta de Fenícia; artigos de charcutaria, oferta da Charcutaria Garrafeira-900; artigos de sargaria, oferta da sargaria Casa Ribeiro; vales-cheques, oferta da Tinturaria Portuguesa.

«Teen-Agers» 1971 ficou assim consideravelmente aumentada, graças à colaboração do «drugstore» Apolo-70, o maior da Europa.

Até há bem poucos anos só um reduzido número de lisboetas sabia o que era um

Paulo Guilherme, o «Apolo-70» é a última palavra no género quer pelo arrojado da concepção quer pelas soluções de funcionamento adoptadas. Foi construído em 14 meses e ocupa uma área de 8.000 m2 distribuída por dois pisos. Foi inaugurado há um mês e, sendo o mais jovem «drugstore» de Lisboa, o «Apolo-70» não quis alhear-se do concurso de juventude que o nosso jornal está a organizar, decidindo colaborar também.



O magnífico hotel Praia-Mar, vendo-se em primeiro plano a piscina privativa

PRAIA-MAR DE CARCAVELOS: O HOTEL DAS «TEEN-AGERS»

Se não houvesse mais, havia o restaurante no 8.º piso, com a sua deslumbrante vista sobre o Tejo, com o seu notável panorama que tudo abrange desde a Ponte a Cascais e a Sintra, para indicar que as «Teen-Agers» vão ficar (permanecer, viver, duran-

te os dias que precedem a eleição) no mais agradável Hotel da Costa do Sol: o PRAIA-MAR de Carcaveiros.

Pois será assim. Nas belas «suites», na sua maior parte com terraços amplos e soalheiros todos voltados ao mar, é que as jovens

(este ano pela primeira vez em Portugal e numa organização do «Diário de Lisboa») discutem o título mundial da «Teen-Agers-71».

Vão ser uns dias de prazer, com o Tejo em frente e aquela piscina de água clara, servida por um bar próprio, num ambiente espaçoso e discreto, sem o barulho dos grandes centros, nem a perturbação dos meios excessivamente frequentados.

«Teen-Agers» de todo o Mundo, desde a sua chegada no próximo dia 2 de Julho até à sua partida no dia 11, depois da eleição da mais «Teen-71» no dia 10, no Casino do Estoril, vão estar no Praia-Mar, ali, em Carcaveiros, a 15 quilómetros de Lisboa — afinal a um salto de quem as queira ver antes do grande dia.

Não será o caso, pois, as «Teens» (podemos, desde já, divulgá-lo) têm um vasto programa social a cumprir, com recepções, visitas, deslocações e encontros, mas, no Praia-Mar, as concursistas têm tudo o que uma jovem pode desejar para fazer do seu dia-a-dia um motivo de interesse e atracção: salões de estar e de leitura, «boite» e bares com ar condicionado, não contando com a piscina e a poucos metros do Hotel, as belas praias da Costa do Sol, incluindo Carcaveiros, que lhe fica a dois passos.

PRAIA-MAR, uma residência a que já chamam o HOTEL DAS «TEEN-AGERS».

Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas 1971 PRÉMIOS

PARA A 1.ª:

- Viagem a Londres e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de Produtos REVLO);
- Viagem a Paris e estadia de 3 dias para 2 pessoas (oferta do Centro de Estética Feminina — Academia Internacional de Estética);
- Gama completa de produtos Lyncée;
- Gama completa de produtos Revlon.

PARA A 2.ª:

- Viagem a Palma de Maiorca e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de VIAGENS APOLO).

PARA TODAS AS FINALISTAS:

- Abertura de uma conta depósito à ordem no valor de 1500\$00 (mil e quinhentos escudos) no CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS (oferta do Crédito Predial Português);
- Um rádio GRUNDIG modelo «Elite Boy 209» com alimentador Grundig modelo TM 12 (oferta da Nacional Rádio SARL);
- Hot-pants e túnica em DRALON (oferta da Bayer Portugal SARL);
- Um corte de DRALON IMPRIME e 500 escudos para o feitiço do vestido (oferta da Bayer Portugal, SARL);
- Um corte de tecido RIOPELE e 500 escudos para o feitiço do vestido (oferta da Riopele);
- Um curso de manequim (oferta da Escola de Manequins JUNO);
- Produtos REVLO da linha NATURAL WONDER (oferta de Estabelecimentos Jerónimo Martins);
- Produtos LYNCEE da linha TENDRE KID (oferta de M. L. Sousa e Silva, Lda.);
- Produtos BRECK (oferta da Intermark, Lda. — Grupo S. N. S.);
- Perfumes e produtos ENGLISH LEATHER (oferta de Intermark, Lda. — Grupo S. N. S.);
- Botas altas (oferta da Sapataria Bola de Prata).

PRÉMIO BAYER DE ELEGÂNCIA:

- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em DRALON IMPRIME.

PRÉMIO RIOPELE DE ELEGÂNCIA:

- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em tecido RIOPELE.



Algumas das finalistas no concurso de «Princesa das Teen-Agers Portuguesas» são iniciadas nos segredos de «passar» em publico. As lições foram ministradas na escola de manequins JUNO e, certamente, serão proveitosas para as jovens que, no próximo dia 3, vão disputar, na Estufa Criata, o 1.º lugar do concurso e, consequentemente, o direito de representar Portugal na eleição da «Princesa Mundial das Teen-Agers 1971», que decorrerá no Casino Estoril.

malha de seda, oferta de «boutique» Linha 20; roupa interior «formfit», perfumes franceses, oferta da Perfumaria Apolo-70; Candeeiros J. G., oferta de Candeeiros J. G., peças de artesanato, oferta de «O Florão»; livros, oferta de Almeida & Leal, Lda.; discos, oferta de Valentim de Carvalho; «mise en plis», oferta do cabeleireiro de se-

Finalmente a Agência de Viagens Mercury Turismo, com o local de venda n.º 1 do «drugstore» decidiu oferecer à 3.ª classificada do concurso nacional e a uma acompanhante viagens de ida e volta a Ofir e estadia durante um fim-de-semana no Hotel de Ofir.

A lista de prémios das finalistas do concurso das

«drugstore». Hoje, especialmente depois da inauguração do «Apolo-70», toda a gente sabe e pode aproveitar agora do aparecimento de vários complexos que reúnem num só local o maior número possível de actividades comerciais, com horário de dois turnos (16 horas por dia).

Projectado pelo engenheiro Augusto Silva e decorado por

ELEIÇÃO NO CASINO ESTORIL E BAILE DE GALA NO RITZ

— MANIFESTAÇÕES DE INTERESSE NO PROGRAMA DO «MUNDIAL»



A LENTE

da

memória

VIAGEM DE AURA A AURA

Aura! Reencontrei-te na novela de Carlos Fuentes. Mas não vivias acaso há muito em mim, sombra, mulher metamórfica, aparição nocturna repetida, obsessiva, suma perfeição e suma miséria, estátua feita de espinhos, feixe de carícias sufocadas, entre o ouro da imagem pia a desfazer-se e a rosa ligeira dos valsas?!

Sim, Aura, falsa memória, teus seios de mármore aquecido, teus lábios só de fumo avermelhado, vejo-te envelhecer agora num

no ar morno e húmido. E vinha-me inspecionar a chaveira, cingida no seu cinto de terros chocalhantes. Ela, nunca mais a vi (não pude redescobrir aquela casa de uma só noite nas noites vulgares do bairro sujo), ela era a festa dos sorrisos inesperados, toda a face ensombreada pelas pestanas azuis, incestuosas e doces, conheciamo-nos de há um minuto e de sempre e para sempre...

Cheirava o meu tronco adolescente molhado de suor, reluzente de êxtase. Beijava-me

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

segundo, e é com amor que cravo no teu ventre a sonda da razão e recolho serradura de sonho na palma das minhas mãos secas. Eras assim, quase sem palavras, olhos de Junho maduro, girando no círculo da ilusão, há vinte, há quantos mais anos, no tempo da levandade sincera, dos juras salgadas, dos contornos tomados por corpos...

Quando em Lisboa havia ruas cujo nome esqueci, ou que nunca mais soube encontrar, tão semelhantes à Rua Donceles da Cidade de México e casarões antigos com pátios de acessos escuros irrecuperáveis, esconderijos muito secretos, as mesmas plantas odorosas que não se distinguiam nem se palpavam. Aquele perfume adormecedor e espesso...

Uma noite achei, sem procurar. Havia também luzes débeis pestanejando, madeiras velhas rangendo. E outras coisas: um nevoeiro muito silencioso com diamantes esfaceladas pelas esquinas, presas aos candeeiros, que, às vezes, lentamente, voltejavam

as orelhas frias, para as caquecer. É claro que não me surpreendeu naquele instante que ela nada quisesse aceitar de mim senão, direi?, a ponta de uma madeira castanha, encarcacolada, que cortou meticulosamente com a sua tesoura de unhas. E nem lhe perguntei o nome, o verdadeiro, que o outro já o esquecera. O que é ridículo? o que é conveniente?, o que é obscuro? Tudo questão de óptica, de idade, lugar e condição...

E eis que o seu rosto moreno, o gosto a lírios do seu ombro mordido, a mudez estranha e deslumbrada, sem identidade, mãe, irmã, companheira mais velha de jogos lascivos, puríssimos, achada e logo perdida, no adedo da névoa na Lisboa clandestina, no corredor longuíssimo de uma nostalgia adormecida— tudo desperta nos gestos incertos de Aura, delgada como uma escultura medieval, agarrando o espaço vazio em sua ânsia de reter, pelo fulgor de mais uma alegria, o tecido corpóreo da juventude corroida, vivida, sorvada.

«FINANCIAMENTO DA EUROPA»

TEMA DO SEMINÁRIO PROMOVIDO PELO BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Chegam amanhã a Lisboa importantes individualidades da banca internacional, entre as quais se salientam os srs. Eusebio Armada — Banco Espanhol de Crédito, Madrid; Hans J. Bidermann — Bahn & Bodner Bankers, Zurich; Arnold Curtis — Midland Bank, Londres; R. R. Erbrich — National Westminster London; Jean Frère — Banque Lambert, Bruxelas; Paul F. Genachte — Chase Manhattan Bank, Madrid; Nicolas V. Me Clausland — Manufacturers Hanover Trust Company, N. York; Georg Oechler — Union Bank of Switzerland, Zurich; Eng.º Luís Vaz Pinto — Irving Trust Company, Londres; Joseph Rand — Export Import Bank, Viena; Dean Ross — First National City Bank, N. York; Timothy Boyd Wilson — Morgan Trust Co., Londres; E. Bindert — Deutsch Bank, Dusseldorf; M. Durand — Banque International de Paris; M. Simon-Bank of America, S. Francisco; Ph. Duvieusart — Kredietbank S. A., Luxemburgo; A. Mc Culough — Export Import Bank, Washington e J. Sten Nor-

thwestern National Bank of Minneapolis, Minn. que participarão no Seminário sobre o tema «Financing in Europe».

Este Seminário, que é patrocinado pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, começa amanhã no Hotel Ritz e finda no próximo dia 2.

Com a colaboração do Management Centre Europe de Bruxelas, o Seminário que está a despertar enorme interesse nos meios financeiros nacionais e estrangeiros, será presidido pelo sr. J. Adant, membro do Management Committee da Société General de Banque S. A. de Bruxelas, sendo principais conferencistas os srs. D. J. Moore, director do Allied Irish Investment Bank de Dublin; dr. S. R. F. Plasschaert, director do Banco de Bruxelles S. A., de Antuérpia e J. C. Lemberger, director do Leopold Lazarus Ltd. de Londres e dr. Mário Amaral, director do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, constituindo mais uma importante realização deste Banco, sendo o tema a tratar de grande actualidade.

vocação animal

HERBERTO HELDER

«Poeta visionário, poeta órfico da estirpe de um Hölderlin ou de um Rilke»... Leitor, este é um dos grandes poetas portugueses. Conheça-o e não desista à primeira leitura. Tente penetrar com ele a pureza das palavras reinventadas. Um apogeu para os CADERNOS DE POESIA. Um objectivo que assim julgamos se cumprir do modo mais incontroverso.

Colecção Cadernos de Poesia n.º 19

30\$

o mundo alucinante

REYNALDO ARENAS

Um livro que inicia uma colecção especialmente destinada AOS QUE PENSAM NÃO DEVER PERDER TEMPO A LER ROMANCES.

Mil livros diferentes num só livro. Nela encontrará o leitor os objectivos, as «qualidades» e a exigência que tentaremos sejam medida desta nova colecção GALAXIA: Estímulo para a imaginação, abrir de novos caminhos para o pensamento reflexivo, antidoto de «sonhos» para um quotidiano programado. O MUNDO ALUCINANTE do jovem escritor cubano REYNALDO ARENAS é um imaginar refrescante e livre que convidamos vivamente os nossos leitores a partilhar.

Colecção Galáxia n.º 1

55\$

mulheres contra homens?

MARIA LAMAS, KATE MILLETT, VALERI SOLANAS, BETTY FRIEDAN

Os recentes movimentos de emancipação feminina, desmontados alguns exageros, vieram formular inequivocamente a denúncia de uma situação injusta — a da mulher, reduzida em muitos casos, à condição de objecto, quer ao nível familiar quer à escala social. NESTE CADERNO: O problema, as posições (os exageros também), os argumentos. Uma tentativa para fornecer ao leitor elementos para formar uma opinião COM CONHECIMENTO DE CAUSA.

Colecção Cadernos Dom Quixote, 37

30\$

para uma contracultura

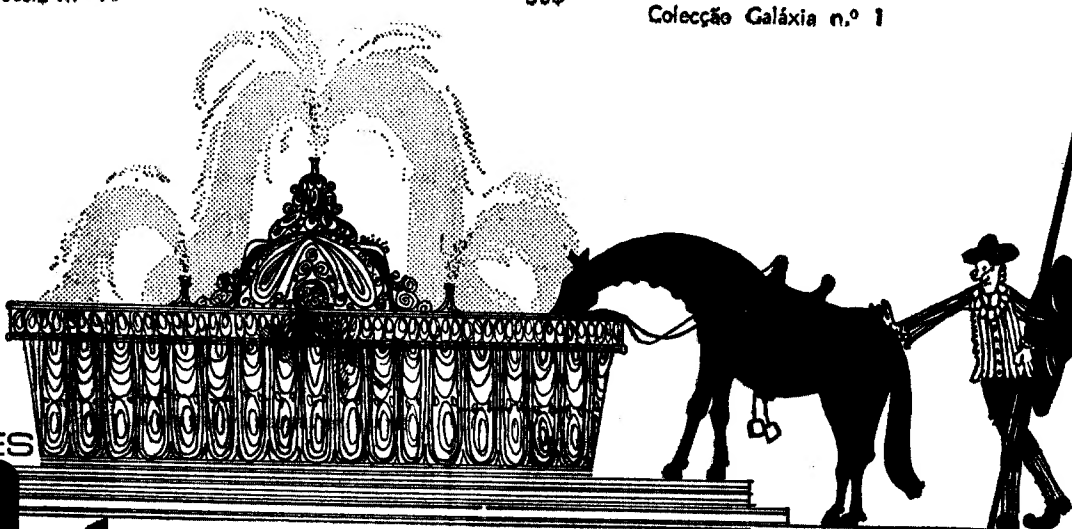
THEODORE ROSZAK

Um estudo sobre a nova cultura que os jovens estão a criar um pouco por toda a parte; uma análise dos principais teóricos dessa cultura: T. Leary, Marcuse, Paul Goodman. THEODORE ROSZAK empenha-se em compreender uma juventude à qual se deve, indiscutivelmente, a maior parte do que de novo ocorre actualmente no mundo. Uma juventude que talvez esteja a abrir o que será a única saída para esta nossa civilização cada vez mais desumanizada. Trabalho sério, isento de demagogia, equacionar dos grandes problemas humanos e sociais cuja evolução perturbadora perspectiva, esta obra de THEODORE ROSZAK é instrumento obrigatório de estudo exigindo leitura atenta e rigoroso exame crítico.

Colecção Vector n.º 5

75\$

PUBLICAÇÕES
dom
quixote



Teatro
ABC
T. 366745

OS BONS VELHOS TEMPOS RECORDADOS

HOJE
AS 21.45 H.
AMANHÃ
Descanso
da Companhia

- ★ NA SUA GRAÇA PICANTE
- ★ NUM FAUSTOSO FIGURINO
- ★ NA BELEZA DOS CENÁRIOS
- ★ NUMA FELIZ INTERPRETAÇÃO



A SENHORA MINHA TIA

COM
IVONE SILVA
NICOLAU BREYNER
ANABELA **LUÍS HORTA**
VITOR MENDES ★ **MARIA TAVARES**

E AINDA
VÍTOR ESPADINHA

NINA FLORES, LINA MORGADO, FERNANDA PINTO,
ANTÓNIO RIBAS e CARLOS FÁRIA

C — Não é permitida a assistência de menores de 14 anos

CML — Estufa Fria

HOJE, AS 21.30 HORAS

BARCA SEM PESCADOR

de ALEJANDRO CASONA

COMPANHIA DE TEATRO
POPULAR

Empresa
Augusto de Figueiredo

Direcção e ensaios de
António Manuel Couto Viana

com Beatriz de Almeida,
Alina Vaz, Fernanda Figuei-
redo, Leonor Poeira, Assis
Pacheco, Joaquim Miranda,
Andrade e Silva, Vladimiro
Franklin, Alberto Inácio,
Igor Sampayo e Augusto
de Figueiredo

ÚLTIMAS
REPRESENTAÇÕES

Bilhetes a 0\$00, 5\$00 e
20\$00 — Venda na Praça
dos Restauradores das 8
às 20 horas, e na Estufa
Fria à hora do espectáculo
(MAIORES DE 2 ANOS)



A MAIS POPULAR ACTRIZ DA ACTUALIDADE
ROMY SCHNEIDER
EM MAIS UM FILME APONTADO PARA O ÊXITO
QUEM?



Quem tenta matar Marina?...

Quem acaricia Marina?



Quem agride Marina?...

com **MAURICE RINET** e **SIMONE BACH**
prod. Raymond Danon real. Léonard Keigel

HOJE GRANDE

As 21 e 30 horas

MONUMENTAL

EM COMPLEMENTO:

Estrela do documentário **MOVIEMANIA**
real. e prod. de FRANCISCO SAALFELD

VIDA MUSICAL

CONCURSOS INTERNACIONAIS DE PIANO E VIOLINO

Decorrerão no Porto durante
o mês de Outubro os Cursos
Internacionais de Piano e Vi-
olino.

O primeiro espectáculo será
no dia 11 e o segundo no dia
15, daquele mês dirigidos, res-
pectivamente, pelos profs.
Vlado Perlemuter e André

Concurso «Guilhermina Suggia»

Como em tempo anuncia-
mos a Secretaria de Estado

ROLLS-ROYCE TEMA DUM FILME

LONDRES, 29 — (A.N.L.B.)
— Uma nova produtora in-
glesa de filmes vai fazer uma
película intitulada «Mr. Rolls
and Mr. Royce», sobre os fun-
dadores da conhecida casa
automobilística. Os protago-
nistas ainda não foram esco-
lhidos mas muitos actores
conhecidos mostram-se inte-
ressados. O filme conta a his-
tória do início da Rolls-Roy-
ce até às suas recentes difi-
culdades.

da Informação e Turismo vai
realizar de novo, no corrente
ano, o Concurso de Inter-
pretação Musical «Guilher-
mina Suggia», para o qual
o regulamento prevê a atri-
buição de três prémios (15
mil, dez mil e 5 mil escudos)
e, ainda menções honrosas.
O instrumento escolhido para
o concurso deste ano foi a
viola.

A inscrição, destinada so-
mente a artistas nacionais,
deverá ser feita em carta di-
rigida à Repartição de Teat-
ro, Cinema e Etnografia até
31 de Julho.

O programa das provas,
elaborado pelo júri, consta
das seguintes obras: «Suite
em sol menor, op. 131 n.º 1»,
de Max Reger; «Marchenbil-
der», op. 113 de Schumann;
«Khroma», de Cláudio Car-
neyro; e uma peça original
para viola, de livre escolha
do concorrente, com a dura-
ção máxima de dez minutos.
A obra de Max Reger consti-
tui prova eliminatória.

As provas terão lugar no
decorso de Novembro próxi-
mo, em data a fixar oportu-
namente.

«Uma aventura musical à sombra de Santiago»

No auditório n.º 2 da Funda-
ção Gulbenkian, a man-
hã às 18 e 30 horas, o emba-
xador Ruiz Morales pronun-
ciará uma conferência sobre
«Uma aventura musical à
sombra de Santiago».

Paladino da restauração do
«Caminho de Santiago», que
durante séculos tem sido se-
guido por peregrinos desde os
mais distantes pontos do mun-
do até Santiago de Compos-
tela, o embaixador Ruiz Mo-
rales foi também o fundador,

com o artista Andrés Segovia,
no ano de 1958, dos cursos
«Musica em Compostela», con-
siderados da mais alta didác-
tica instrumental, vocal e vo-
luntária.

Conferencista muito conheci-
do, tem-se ocupado, em inu-
meros centros culturais, como
o Museu Victoria e Alberto,
de Londres, Metropolitano de
Nova York, Nacional de Es-
tocolmo, Ecole du Louvre, de
Paris, Ermitage de Lenine-
grado e Pushkin de Moscovo,
de temas de história, arte, li-
teratura e economia, assim
como em diversas universida-
des europeias, orientais e ame-
ricanas.

III Concurso Internacional Maurice Elsenberg

O III Concurso Internacio-
nal, promovido no âmbito dos
Cursos Musicais da Costa do
Sol, iniciativa e realização da
Junta de Turismo da Costa
do Sol, terá este ano como pa-
trono o famoso mestre da Juil-
liard School de Nova Iorque
e colaborador de Pablo Casals,
Maurice Elsenberg.

O concurso, para violoncelo,
realiza-se de 1 a 7 de Setem-
bro. Serão atribuídos três pré-
mios, respectivamente, de vin-
te, quinze e dez mil escudos.
Além destes será atribuído o
Prémio «Pro-Arte» de 5000\$
para o português melhor clas-
sificado.

Quaisquer informações po-
dem ser solicitadas à secre-
taria da Junta do Turismo da
Costa do Sol (Arcadas do Pa-
que — Estoril) ou pelo tele-
fone 26 01 18.

DE SICA E MIZOGUCHI NO CICLO DA CASA DA IMPRENSA

No Eden e no Alvalade
continua, esta noite (21
horas) o Ciclo de Cinema
da Casa da Imprensa, com
a projecção de dois filmes
antológicos: «Ladrões de
Bicicletas», de Vittorio
de Sica, e «Contos da Lua
Vaga», de Kenji Mizogu-
chi.

«Ladrões de Bicicletas»,
que Georges Sadoul consi-
derou o mais importante
filme do imediato pós-
guerra é uma das obras
mais significativas do pe-
ríodo d'ouro do neo-realismo
italiano e, juntamente
com «Umberto D», a
mais pura e ortodoxa
aplicação das teorias de
Zavattini, que pretendia
aproximar o cinema do
mais banal quotidiano e,
por essa via, chegar aos

importantes problemas so-
ciais que afligiam a Itá-
lia saída de um período
negro da sua história.

Com «Contos da Lua
Vaga» oferece-se ao es-
pectador uma das últimas
oportunidades de ver a
única obra que chegou a
Portugal do maior criador
da cinematografia japone-
sa hoje considerada uma
das mais importantes do
Mundo.

O ciclo prossegue ama-
nhã às 15 e 21 horas, com
dois filmes de índole di-
versa, mas ambos extrema-
damente significati-
vos, um da cinematografia
italiana, «O Grito», de
Antonioni, e outro da ci-
nematografia americana,
«Johnny Guitar», de Ni-
chols Ray.

BOICOTADO UM FILME SOBRE A MAFIA

ROMA, 29 (F. P.) — Após
o desaparecimento misterioso,
na Sicília, duma cópia de «A
pedra na boca», filme violento
contra a Mafia do realiza-
dor comunista Giuseppe Fer-
rara, uma outra cópia aca-
ba de ser apreendida pelos ca-
rabineiros em Catânia sem
que tenha sido dada uma ex-
plicação oficial para este ca-
so. Aliás, a projecção deste
filme já tinha sido boicota-
da em Turim e em Roma.

Os produtores decidiram
dirigir-se à Magistratura e à
Comissão Parlamentar Anti-
Mafia pedindo que seja aberto
um inquérito acerca deste
assunto.



A actriz finlandesa Kirsti
Wallasvára chegou a Lon-
dres para colaborar no in-
cumbente de «Um retrato de
mulher», comédia escandin-
nava que a publicidade diz
ser o mais bonito e gran-
de filme jamais feito pelo
realizador John Danner...



Complexo de RESTAURANTES
Em plena Baixa. Na rua de S. Julião

SELF-SERVICE

CAFETERIA

RESTAURANTE DE LUXO GRILL ROOM

e na rua da Prata, MINI-SNACK

Único no género no nosso País. Equipamento ultra-moderno

Facilidade de estacionamento a partir das 20 horas



«CRIME NO BOSQUE»

TÍTULO ORIGINAL —
«Assault».

REALIZAÇÃO — Sidney
Hayers, 1970 (In-
glaterra).

INTÉRPRETES — Susy
Kendall, Frank Fin-
lay, James Lauren-
son, Lesley Anne-
-Down, Freddie Jones,
etc.

TRINDADE

F. N. A. T.
APRESENTA
HOJE, ÀS 21.15 — 5.ª Récita
(M/10 anos)

ANDRÉ CHENIER

de Giordano
Maestro: SILVA PEREIRA
Encenador: GINO BECHI

ELENCO
Teresa Barbieri, Helena Clau-
dio, Manuela Pizarra, Con-
ceição Ramos, Carlos Fon-
seca, Luis França, Carlos
Jorge, Guilherme Kjöbner, Ma-
nuel Leitão, Mário Oliveira,
João Pessanha, João Veloso

Orquestra de Ópera
Bailador pelo Grupo de
Anna Mascolo
Coro do Teatro Nacional
de S. Carlos

Espectáculo Subsidiado pela
Fundação Calouste Gulbenkian

AMANHÃ, 1.ª Récita do
«BARBEIRO DE SEVILHA»
6.ª-FEIRA, 2.ª — ÚLTIMA
RÉCITA DO
«ANDRÉ CHENIER»

TEATRO GIL VICENTE

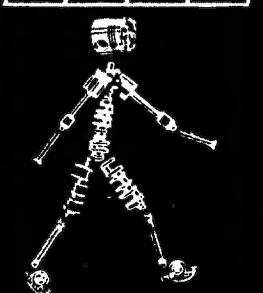
CASCAIS TEL. 280919

HOJE: DESCANSO
DA COMPANHIA



Patrocínio da Junta de Tu-
rismo da Costa do Sol—Sub-
sídios do Fundo de Teatro e
da Fundação Calouste
Gulbenkian

FIAT



FENIX

Rua Palmira 62-A
Telefs. 84 41 69

DISTRIBUIÇÃO—Rank
Filmes.

ESTREIA — Cinema
S. Jorge (24.6.1971).

As meninas andam no colé-
gio, onde aprendem as maté-
rias tradicionais. Depois vão
até ao bosque, onde um lou-
co, um sádico, um venerando
pai de família, um tarado se-
xual, um simpático médico
psiquiatra, um amaneirado di-
rector de colégio, um agressi-
vo director de hospital, um cão
(felpudo e Labrador), um tí-
mido amante ou qualquer ou-
tro suspeito as violam com re-
quintes, ensinando-lhes então
o que é a vida. As meninas,
quando não morrem, ficam
estupefactas para o resto do
filme.

A professora, que tem cer-
tamente a nostalgia da vio-
lação, resolve então oferecer-
se como cobaia. Pelo telefone
combina o «rendez-vous» com
o diabo. Que aparece, mas
foge. A região vive em «sus-
pense». O espectador é que
não se rala. Se Sidney Hayers
fosse o Chabrol de «O Cami-
ceiro», então sim, a coisa se-
ria falada. Mas «Crime no
Bosque» é, seguramente, um
dos filmes policiais mais in-
consequentes e idiotas entre
todos os vistos ultimamente.
Os erros de lógica são cons-
tantes, os disparates um tor-
rente. Nada a fazer. Cada qual
tem as violações que merece.
Sidney Hayers fica-se pela
fancaria. — L. A.

DIVÓRCIO E FALÊNCIA

PARA VIC DAMONE

LOS ANGELES, 29 (R.)
— A actriz Judith Rawlins di-
vorciou-se ontem do cantor
Vic Damone com o fundamen-
to em diferenças irreconciliá-
veis. Damone, de 43 anos, foi
anteriormente casado com a
actriz Pier Angeli. Consocei-
ou-se com Judith Rawlins, de 35
anos, em 1963, e separaram-se
em Agosto do ano passado.

Judith Rawlins e as três
filhas do cantor receberão
mensalmente uma pensão de
alimentos de 2.100 dólares
(cerca de 61 contos). Num re-
querimento sobre a solução dos
bens do casal, apresentado ao
tribunal, Vic Damone indicou
que pensava em requerer fa-
lência numa data posterior.

MARLENE (65 ANOS)

VOLTA A ACTUAR

EM LONDRES

LONDRES, 29 (A.N.I.) —
Marlene Dietrich aceitou vol-
tar a actuar em Londres,
num «One-Woman-Show», em
15 de Setembro próximo, a
favor de uma obra de cari-
dade — anunciou ontem o
organizador do espectáculo.
A vedeta de «O Anjo Azul»
tem 65 anos e há cinco que
não vinha a Londres.

posto de informações comerciais AGRO 71
IV exposição-feira agro-pecuária do norte
22 de Junho a 4 de Julho/BRAGA

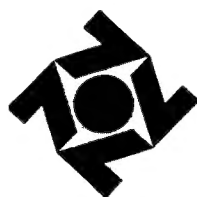


Banco Borges & Irmão



SNACK-BAR

APOLO 70



— HOJE —
JANTAR DE HOMENAGEM
ÀS 12 CANDIDATAS A
MISS TEEN-AGER PORTUGUESA

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de
Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carva-
lhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de
Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas,
a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aero-
porto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Não tendo a Assembleia Geral Extraordinária convo-
cado para o dia 25 de Junho de 1971, para apreciação
da situação do pessoal de diversas empresas em conse-
quência de reformas antecipadas, supressão de rega-
lias, etc., concluídos os seus trabalhos, decidiu-se que
a mesma prosseguirá, em nova sessão, no próximo dia
2 de Julho de 1971, às 21 horas.

Lisboa, 26 de Junho de 1971.
O 2.º secretário da Mesa da Assembleia Geral,
(Herminio de Ferreira Nunes)

— COLÉGIO —

COM INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO;
COM ENSINO MASCULINO E FEMININO DOS GRAUS
INFANTIL, PRIMÁRIO, PREPARATÓRIO E LICEAL
GERAL E COMPLEMENTAR; COM SITUAÇÃO PRIVI-
LEGIADA, EM CIDADE DO CENTRO; BEM APETRE-
CHADO E PRESTIGIADO: TRESPASSA-SE

CARTA A ESTE JORNAL, AO NÚMERO 847



Um aspecto da reunião internacional ferroviária que está a decorrer em Lisboa

Estão reunidos em Lisboa 80 directores comerciais de Administrações Ferroviárias

O presidente da Comissão Executiva da C. P., brigadeiro Almeida Fernandes, saudou, esta manhã, na Sociedade de Geografia, durante a sessão de abertura, os participantes à reunião anual dos directores comerciais das administrações ferroviárias membros da União Internacional dos Caminhos de Ferro (UIC), que, este ano, a convite da C. P. se realiza em Lisboa.

Esta reunião, que se prolongará até 2 de Julho próximo, é presidida pelo dr. Fernando Targia, director comercial dos Caminhos de Ferro Italianos.

Estão presentes cerca de 80 delegados, representando a Alemanha Federal, Austria, Bélgica, Checoslováquia, Dinamarca, Espanha, França, Finlândia, Holanda, Inglaterra, Itália, Jugoslávia, Noruega, Polónia, Portugal, República Democrática Alemã, Ro-

ménia, Suécia e Suíça e ainda organizações ligadas à actividade ferroviária tais como a O. S. I. D. (Organização dos países de Leste para a colaboração dos caminhos-de-ferro), Intercontainer (Sociedade internacional para o transporte de contentores), Interfrigo (Sociedade ferroviária internacional de transportes frigoríficos), C. I. T. (Comité internacional dos transportes por caminho-de-ferro), E. C. E. (Comissão económica para a Europa) e O. C. T. I. (Organização central de transportes internacionais por caminho-de-ferro).

Durante a reunião serão tratados, entre outros, os seguintes assuntos: Estudo de mercado, prospecção comercial, publicidade, unificação de tarifas internacionais, concorrência e cooperação dos diversos meios de transporte.

tráfego de contentores, mecanização das operações de venda de bilhetes, melhoria da qualidade do serviço ferroviário facultado ao público, a exploração comercial ferroviária face ao futuro do caminho-de-ferro europeu e o cinquentenário da U. I. C.

(Continuação da 1.ª página)

de uma nova linha de rumo para a indústria nacional coube ao Governo, tendo este divulgado as primeiras imagens por intermédio do Secretário de Estado da Indústria, no discurso de abertura do «Colóquio sobre Política Industrial» realizado em Fevereiro de 1970 e dado forma à definição da sua política industrial na proposta de projecto-lei sobre Fomento Industrial que submeteu à apreciação da Câmara Corporativa, em Março deste ano. O moderador referiu, depois que a exiguidade de tempo da sessão impunha uma limitação da área de discussão pelo que, atentos os chamados domínios prioritários para a actuação da SEDES procura situar o problema central do debate formulando, desde logo, além da já referida, mais as seguintes interrogações:

«As soluções de desenvolvimento subjacentes ao texto do projecto de lei situam-se, sim ou não, nos limites das soluções técnicas, alheando-se de objectivos humanos? Em que medida é que um esquema de base em que a função principal cabe à iniciativa privada e acção supletiva cabe ao Estado, poderá, nas circunstâncias actuais, compatibilizar os interesses da iniciativa privada com as aspirações dos trabalhadores?»

Industrialização e desenvolvimento

Intervieram, a seguir, os restantes membros da mesa. Dentro do tema debatido, foram produzidas diversas afirmações sintetizadas no seguinte:

O esquema industrial, prosseguido nos últimos 20 anos, embora se realizasse com uma certa coerência na magra escala das suas ambições, deixou-nos quanto muito na situação que já tínhamos no contexto europeu. A própria

DE ONTEM PARA HOJE

LISBOA - MONTREAL

O voo da TAP Lisboa-Montreal fica assinalado na evolução das relações entre Portugal e o Canadá como um marco importante. Virá contribuir sobremaneira para o incremento das relações, tanto mais que são muitos os portugueses que no Canadá ganham a vida. O voo efectuado há semanas teve agora a sua contrapartida na visita de personalidades canadianas a Lisboa. Nada menos de 150 pessoas vieram de Montreal, incluindo o presidente da Câmara Municipal, o representante do ministro do Turismo, os representantes do ministro dos Transportes, bem como alguns dos cônsules portugueses no Canadá. Os voos continuarão depois destas ligações de lancheira sobre o Atlântico. O grupo de canadianos foi recebido na Câmara Municipal, numa recepção a que presidiu o vice-presidente do município, tendo havido troca de saudações. Ainda nas actividades da TAP as sinal-se que as novas instalações, no aeroporto, foram visitadas por 50 engenheiros, acompanhados dos directores de serviço de manutenção e obras. A companhia mantém-se dessa forma, na primeira fila das empresas transportadoras aéreas.

UM MORTO E TRÊS FERIDOS

A uns 5 quilómetros de Castelo Branco, perto da ponte da Ribeira da Liria, um automóvel, conduzido pelo sr. José de Almeida Lourenço, de 30 anos, despiçou-se e foi chocar violentamente contra uma camioneta que seguia em sentido contrário. O condutor teve morte imediata. Feridos ficaram os srs. Joaquim Gomes, de 60 anos, Manuel Mendes Jerónimo, de 44 anos, serralheiro, e Jacinto Santiago da Conceição de 32 anos, tendo dado entrada no hospital de Castelo Branco.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República esteve ontem nas instalações de Monsanto do Clube Português de Tiro a Chumbo, tendo havido um almoço íntimo a que estiveram presentes diversas personalidades.

Recebeu o sr. Presidente da República, em Belém, os marqueses de Sabugosa e o comendador Stanley Ho, administrador-delegado da Sociedade de Turismo e Diversões de Macau, acompanhado do ge-

neral Flávio dos Santos e do dr. Armando Hagaton, da direcção da Casa de Macau, em Lisboa.

VIAGEM A GUINÉ

Para a Guiné seguiu o general Venâncio Deslandes, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, que ali vai em visita ao comando daquela província. É acompanhado dos srs. coronel Rui Santos e tenentes-coronéis Vieira de Araújo e Santos Reis.

«A MORTE DE INÊS DE CASTRO»

Na Sociedade de Geografia falou ontem à noite o redactor do nosso prezado colega «Diário de Notícias» sr. Armando de Aguiar sobre «A morte de Inês de Castro». Na presidência o prof. Adriano Moreira. Armando de Aguiar evocou as condições em que se desenvolveu a vida da «miserável e mesquinheta» como foi condenada à morte e executada.

NA PISCINA DE VILA FRANCA

Morreu na piscina de Vila Franca de Xira, ao que se julga devido a congestão, o jovem José Luís Gonzaga Rama, operário fabril, morador na Póvoa de Santa Iria. Deve ter sido acometido de congestão, sem que ninguém se tenha apercebido do desaparecimento. Só quando fechou a piscina o corpo foi encontrado no fundo.

Nova política industrial

lógica do esquema haveria de conduzi-lo ao esgotamento.

A situação de bloqueio económico surgiu por duas ordens de razões principais: a falta de recursos financeiros do Estado (prioridades da guerra em África) e o atraso da sua estrutura institucional. Entretanto, a nova política industrial nasce sob o signo da participação, embora não faça referência à organização corporativa. Uma interrogação a pôr aqui:

Esta política industrial conduz-nos a um acentuado desenvolvimento social?

Analisado o modelo de desenvolvimento do período 1947-48 a 1967-68 foi este classificado de pouco ambicioso e até certo ponto ingénuo, e que terá conduzido à estagnação que se verificou. O impasse económico foi imputado a duas origens: à inércia dos empresários e à inoperante capacidade de intervenção da administração pública.

A posição do trabalhador

Seguidamente o sócio Manuel Bidarra referiu-se à posição do trabalhador face aos problemas de desenvolvimento económico-social. Assim, afirmou que o trabalhador português, na generalidade, não sabe não interessa saber das coordenadas que conduzem ao desenvolvimento industrial — que, segundo alguns, é ou será equivalente a promoção social; que o trabalhador português sabe, porque o sente na sua própria carne, é que tem uma vida de sacrifício sem recompensa quer em salários directos, quer em salários indirectos; acrescentou que, a muitos dos trabalhadores, a quem poderemos designar de promovidos, e que militam em organizações sindicais já o problema se põe com uma visão maior: comentam, debatem e criticam, as leis e os projectos que afectam ou vão a afectar a problemática do trabalho; propõem melho-

rias através de convenções colectivas; lutam por direitos de igualização no domínio de cultura, de habitação, da segurança social.

Referiu-se ainda que as instalações de unidades industriais é uma parte de um todo harmonioso e no caso concreto português a desarmonia entre o económico e o social é cada vez maior: falta de apoio à concentração sindical.

Generalizado o debate, foi dito que a proposta de lei refere uma série de medidas em favor do processo de industrialização, tais como, créditos selectivos, isenções de impostos, subsídios, avales do Estado, etc., medidas que se podem considerar como contribuições impostas à colectividade em favor da indústria. No entanto, não é referido nessa proposta, em termos de reciprocidade, o que a colectividade poderá vir a receber em troca de tais sacrifícios.

Seguidamente, foi posta em dúvida que para uma economia em situação de subdesenvolvimento, como a portuguesa, uma mera actuação de carácter supletivo por parte do Estado, possa conduzir a um

desenvolvimento económico-social acelerado.

Foi apontado, ainda, que um esquema participado, em regime corporativo, devia, por definição, ser feito com a intervenção dos trabalhadores. Até hoje não houve a mínima participação efectiva dos trabalhadores na nossa política económica e social de desenvolvimento. Só quem conhece de perto o funcionamento das corporações e os aspectos de representação sindical poderá compreender quanto os esquemas de participação tem sido apenas teóricos, acrescentou-se.

Foi ainda posta em relevo a discordância ao princípio de que os salários só devem crescer na medida em que a produtividade o consinta, uma vez que se não aceita que a mão-de-obra seja a principal causa da baixa produtividade da indústria portuguesa. Uma dúvida ficou a pairar: «até que ponto é que o novo instrumento de política industrial será operacional face às dificuldades apontadas e às conhecidas dependências interministeriais e à sua inserção na nossa política económica global?».

Directamente do Casino Estoril

Primeiro programa de TV para o Brasil (via satélite)

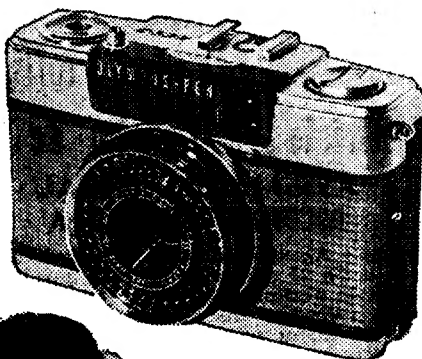
Chegou esta manhã a Lisboa o produtor e realizador da televisão brasileira Flávio Cavalcanti, que vem realizar, no Casino Estoril, o primeiro programa a transmitir directamente para o Brasil, via satélite.

O programa, que será transmitido amanhã, tem a colaboração da R. T. P. e está incluído nas comemorações do 1.º aniversário de uma série que Flávio Cavalcanti mantém diariamente na TV Tupi. O tema principal será uma entrevista com a famosa artista Elsa Soares, ainda hoje uma das mais apreciadas sambistas do mundo.

Psst... já está!

OLYMPUS

para toda a gente
uma máquina de classe

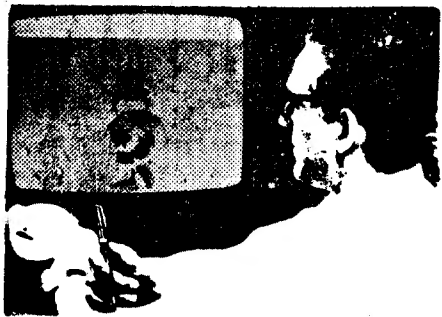


...com a minha Olympus é tão fácil e divertido fotografar. Gosto muito da Olympus, pois o papá outro dia até me deixou tirar algumas fotografias... (já em casa, tanto eu como o papá e a mamã tirámos fotografias uns aos outros). Olympus é uma máquina para toda a gente.

OLYMPUS

sonipol

LISBOA · PORTO



CANAL DA CRÍTICA

por MARIO CASTRIM

BONECOS SEM ALMA NUM PROGRAMA SEM JEITO

Aquilo não se faz. Eram 23 horas e 18 minutos, começam a ler a ficha técnica do Canal 13, sinal que costuma ser para fecho de mais um episódio de família torçava-se quem puder.

Ontem, não era ainda para fechar. Era para Madalena se ir embora, com a sala vazia, pois tem o horror da multidão. Julgávamos que iria cantar mais, mais, MAIS. Não. Cantou só mais uma coisinha. Vamos lá, vamos lá, do mai o menos.

Ah, mas aquilo de anunciar o encerramento e depois fazer ao prometido, não se faz. É partida de mau gosto. Com tantos portugueses cardíacos...

Pois Madalena Iglésias voltou pela mão sozinha do Canal 13. A altura para reaparecer aos seus fãs que são em numero incontável no país e em muitos outros países estrangeiros, como diz a Ana Lucas com aquela seu ar de quem decora tudo. Não foi boa a altura por se encontrar a diva em má forma. Está rouca, fatigada quase afónica. A voz, embora chicoteada, não obedece. Nem lhe serviu de nada o italiano, que é fala com tanto açúcar.

Mas a substituição faz-se a todo o momento, como dizia o filósofo grego, ou oriental, não me lembro bem (ou seria da Califórnia?), pois como dizia o filósofo, a vida não para. Vão-se uns, vêm outros. Al temos outro: Vitória Santos.

Quem é Vitória Santos? Paesmal de vossa ignorância, vós que entrastes! Vitória Santos anda por esse mundo de Cristo a espalhar o nome do nosso querido Portugal e vós de nada sabeis!

A crer na Ana Lucas, trata-se de «um artista famoso em toda a Europa, principalmente em França».

Ai agora começo a relacionar! Agora compreendo por que se fala tão pouco no Brasil, no Brel, no Regiam e noutros que tais! É que todos, todos tiveram de baixar bandeira diante do Vitorio Santosse, um dos tais que são *toujours gai* e, vivem de semi-cúpio no Atlântico! Os jornais só falam dele, de mais ninguém. Agora mesmo começo a compendiar porque razão a Inglaterra teve tanta dificuldade em entrar para o Mercado Comum!

Os exageros são o diabo, «mademoiselle» emises! O Vitorio Santos, embora com todos os tiques e rodrguinhos da cançoneta francesa mais deslavada, vem fazer uma séria concor-

rência aos cançonetistas cá do sítio. Não tardarão a aparecer os clubes de «fans», a bordar lençinhos e a escolher camisinhas de renda. Romântico e a cantar canções? É dinheiro em caixa!

Mas... que dará aquilo quando o Vitorio Santos começar a cantar em português?

Tem 23 anos, aprendeu a tocar violino em Portugal (tem graça! Sempre pensei que em Portugal só se desprendia a tocar violino...) e agora vai ao congresso das Juventudes musicais internacionais, em Florinça.

Tivemos de ouvir a sua história desde pequenina e decerto ainda a estas horas lá estávamos se o Dura! não ganha coragem para lhe dizer que não havia tempo para mais.

Anabela gosta muito de tocar violino e também gosta muito de conversar. As palavras cansaram e quanto ao violino só desejo que a culpa de tudo quanto escutei seja do meu televisor que está com uma horrorosa reprodução sonora.

Do Trio Boreal não vale a pena falar, embora Ana Lucas nos diga que nas suas malas de viagem há «rótulos dos mais distantes países estrangeiros». É isto, não passamos disto: nós, portugueses, somos sempre os últimos a saber.

Pelo sim, pelo não, Canal 13 ofereceu-nos apenas uma interpretação do Trio Boreal: um hino, cheio de inefável poesia, a Juventude de todos os países, mesmo os mais distantes, decerto apto a tirar o lugar ao hino à Juventude do maestro Joby:

*Canta, Juventude, canta
Canta para o mundo ouvir,
Canta pra mostrar ao mundo
Como é bom brincar e vir.*

É que se a gente não mostra isso ao mundo, sim, se a gente não mostra quem é que se vai encarregar disso?

Grupo de Teatro de Bonifrates: uma apresentação, nada mais do que isso. Iriarte e José Maria vieram dizer-nos como é que se faz. Esperemos venham um dia à televisão com repertório que valha a pena ver.

É parece que sim, parece que vale. Os jovens sonham já com a *Morte e Vida Severina*. Sonham bem. E fazem bem. Só vale a pena viver quando sonhamos coisas grandes.

Chama-se Luciano, é de Beja e dança com uma boneca. A boneca não tem nome. Ainda não lhe deu batizo. A boneca tem um ar tran-

quilo. Está amarrada ao homem, faz tudo quanto ele quer, nada lhe recusa. Luciano volta, dobra, abraça-a ao coração, mete-lhe o joelho á boa maneira avache, a câmara aproxima-se num golpe de génio, aproxima-se quando o Luciano se julga esquecido: não se sabe bem qual é o boneco pintado: se ela, se ele. Participam da mesma condição de seres abandonados no cabo do fim do mundo da solidão: ela, não tem mais ninguém senão aquele homem e alma baixinha; ele, nada mais tem além daquela bailarina sem alma.

A angustia deita a mão aos gorgomilos do telespectador. Fechamos os olhos. Quantos de nós, neste tempo fundo tempo de tristeza, não andamos presos a bonecas que perderam todo o sentido, toda a verdade, toda a força e estarem vivas? Quantos de nós não farão isso exactamente para terem a ilusão de que estão vivos?

Luciano, bailarino desumano, tu mais a tua boneca tão... humana, foram mais do que aquilo que são. Foram uma fábula. Fábula dura de ver. E de entender.

Pois é verdade. Lá ouvimos Anselmo Duarte, realizador brasileiro e conversador caute-

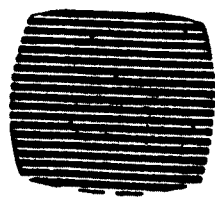
loso (cauteloso é o habitante do país Cautela), sempre com rédea curta na palavra. De maneira que o melhor de tudo ainda foram as imagens do «Págar de Promessas». Porque a respeito do cinema do Brasil, do cinema de agora, pouco ouvimos. E 1962, meu caro, já vai longe...

Curiosa aquela observação sobre a dificuldade da língua na comunicação cinematográfica. No seu entender, a fita sobre «As pupilas do sr. Reitor» foi fracasso no Brasil por causa da pronúncia: há palavras que para os brasileiros nada significam.

Será essa a única razão? Bom e a qualidade da fita que tal?

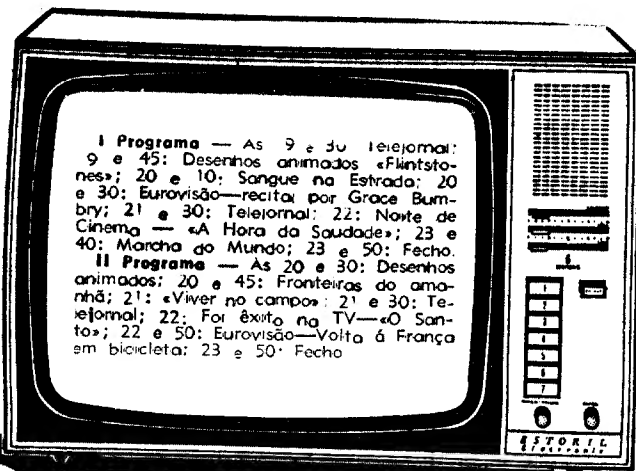
De qualquer modo, acredito na dificuldade que, em geral, a língua possa oferecer. Quem viu «Mucanaimas» sabe como isso é possível, sendo no entanto certo que outros factores possam contrabaiar-car e ultrapassar aquele. Só que às vezes não há. E quando não há, a pronúncia «ajuda».

Com tudo isto, são 23 horas e 30 minutos. A emissão acabou. Há muito tempo que não me lembro de um encerramento tão a boas horas. Obrigadinho, ó Canal 13!



TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL
electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino Singular, magazine para a mulher; 13 e 15: Filme de série, «Julia»; 13 e 45: Telejornal; 14: Portugal no Mundo; 14 e 15: Logo à Noite, cartaz dos programas da noite; 14 e 20: — Fecho.

2.º período — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: «Caligrafia» — Arte tradicional japonesa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil, coordenação de Maria do Sameiro Souto. «Tempos Livres», um programa de Carlos Tudela e Santos Careto. (Judo); 20 e 15: Vamos jogar no Totobola; 20 e 25: Convergência: programa de actualidades literárias; 20 e 55: Segredos da Vida Animal; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: António Duarte: um documentário de José Elyseu e António Botelho; 22 e 35: «A Família Forsythe»; 23 e 45: Marcha do mundo; 23 e 55: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura e desenhos animados; 20 e 45: Carta de Espanha; 21: Filme de série, «Julia»; 21 e 30: Telejornal; 22: Eurovisão: Volta à França em Bicicleta; 23: Concerto para jovens; 23 e 50: Fecho.

mais música
mais luz
mais movimento

TUDOR

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — As 16: Notícias; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Estante»; As aventuras do sr. Pickwick; Programa por Odette de Saint-Maurice; 18 e 05: O convidado de hoje: Adorno; 18 e 20: Espectáculo — Cinema, por Videira Santos; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde, com Peter, Paul and Mary; 19 e 10: Orquestras e canções; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Interlúdio: A Orquestra de Frank Pourcel; 20 e 30: 15.º Episódio do Folhetim «Duas Vidas — um Destino»; 20 e 53: Melodias pela Orquestra John Scott; 21: Momento 71; 21 e 20: Que quer ouvir?; 21 e 55: Viagem ao Passado, por Judite Navarro; 22 e 10: Vamos Ouvir... Poco Bandeira; 22 e 30: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 23 e 05: A Vida e a Mulher; 23 e 30: Eles cantam para si; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — As 16: Uma obra... Duas interpretações — O bailado «Sagração da Primavera», de Stravinsky; 17 e 08: Prelúdio e fuga em dó maior (Bach), cravo, Susana Rusakova; 17 e 15: Curiosidades musicais; 17 e 45: Parte de um recital pelo pianista Takahiro Sonoda, preenchida com duas sonatas de Beethoven (gravações cedidas pela NHK, Radiodifusão Japo-

nesa); 18 e 30: Gravações históricas; 19: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 30: Rádio Educativa (Audifólio Juvenil); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Parte de um concerto pelo quarteto clássico da Radiotelevisão Espanhola; 21: Música Coral; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Recital de canto e piano por Manuela Pizarro e Margarida Pereira de Almeida e Sousa — Os Amores do Poeta (Versos de Luís de Camões) — Ivo Cruz; 22 e 15: O Gosto pela Música, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 45: Música de Smetana; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2 — As 21: Melodias por orquestras; 21 e 35: Canções; 22: Ritmo latino-americano, com Werner Müller; 22 e 20: Fados, por Maria Teresa de Naranha e Vicente da Câmara; 22 e 40: Conjuntos ligeiros; 23: As grandes sinfonias; 0 e 25: Música electrónica — realizações electrónicas de Walter Carlos sobre obras de Bach e Scarlatti; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m 1034 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: A Orquestra de...; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira

á tarde; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é negra; 6 e 02: Diário rural; 7 e 08: Talismã.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiograma; 18 e 05: Acento con-nosco; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19: Missa vespertina da Basílica dos Mártires; 19 e 50: Página 1; No final — Continuação do programa «Página 1»; 20 e 58: Meditação; 21: Parâmetro; 21 e 30: Cantaz musical da América Latina; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora.

Estação de Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: Quarto de hora infantil; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Grande piano; 19 e 30: Página um; 21: Modo de ler; 21 e 15: Música portuguesa; 22: Variedades; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 19 e 30 às 22; Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30 e das 17 às 19 e 30; Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17; Rádio Graça — Das 10 às 12 e das 22 às 2.

Prosseguem investigações para completo esclarecimento do assalto na Avenida de Roma

Como já tivemos ocasião de aqui afirmar — após conversa com o dr. Araújo e Sá, subdirector da Polícia Judiciária — prosseguem as diligências daquela corporação tendentes à captura de presumíveis implicados no assalto à dependência bancária da Avenida de Roma.

Efectivamente, a despeito de estarem já presos nos calabouços daquela corporação os cinco principais participantes no roubo, «a P. J. não considera, de forma alguma, o assunto encerrado com essas prisões».

Ao que consta, algum ou

alguns deles, estão implicados em diversos outros casos.

As armas estavam carregadas

Entretanto, investigações efectuadas pela Secção de Justiça da P. S. P. levaram à recuperação da arma sacada ao agente em serviço na dependência bancária.

A arma referida foi encontrada com o carregador completo. Estava embrulhada juntamente com o revólver niquelado que Pio (um dos assaltantes) empunhara durante o assalto.

Com as duas armas, foram também encontradas várias munições apropriadas para as armas utilizadas.

Esta descoberta desmente as declarações de Fernando Pio da Cunha, o qual, ao ser preso, disse que as armas tinham sido lançadas ao rio.

Além disso, a descoberta também contraria as afirmações dos assaltantes, que pretendiam fazer acreditar que tinham atemorizado o pessoal da dependência bancária com armas descarregadas.

A metralhadora de ar comprimido (própria para tiro ao alvo) «parece ter sido utilizada com o propósito de levar as autoridades a acreditarem num assalto que nunca metralhasse». — Segundo a opinião da Polícia Judiciária.

«Se soubesse o dinheiro no prédio comunicava o facto à Polícia»

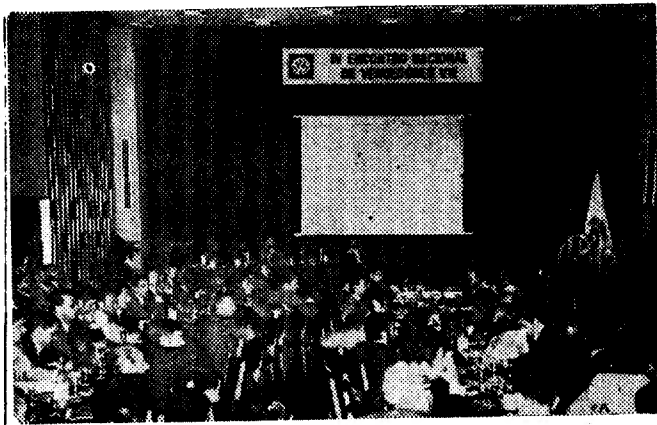
— disse-nos o marido da orientadora da limpeza

Falámos esta manhã com o sr. António Gonçalves Nunes, marido da orientadora da limpeza do prédio da Rua Actor Isidoro («E não porteira...», segundo ele).

Disse-nos que, caso soubesse da existência do dinheiro no prédio, teria comunicado à Polícia imediatamente.

— Mas — sublinhou — não foi minha mulher, Encestina da Conceição Nunes, que teve a ideia de telefonar à Polícia.

Como dissemos domingo, D. Zuzette, sem saber do roubo, e com 25 contos nas mãos, falou com uma vizinha, de nome Leonor, que habita no rés-do-chão, «tendo as coisas seguidas depois até ao telefonemo recebido na Secção de Justiça da P. S. P.».



Durante o IV Encontro de Vendedores Volkswagen

IV ENCONTRO NACIONAL DE VENDEDORES VOLKSWAGEN

Realizou-se, com a presença de dezenas de participantes o IV Encontro de Vendedores Volkswagen, organizado pela Sociedade Comercial Guérin, S.A.R.L., representante do famoso carro alemão para Portugal continental, insular e ultramarino.

Nas sessões de trabalho, realizadas num dos salões do Hotel Tivoli com a presença de membros do Conselho de Administração da firma, foram tratados assuntos de maior interesse para uma ainda mais lacta projecção da Volkswagen, tais como as vantagens oferecidas aos clientes pelo serviço Após-Venda, que inclui Diagnóstico VW, assistência, peças, etc., e, ainda, a revisão de aspectos fundamentais do ciclo Produto-Vendedor-Cliente, técnica de vendas e relações humanas.

A noite, no Restaurante Fa-teixa, em Carcavelos, foi oferecido um jantar aos participantes da reunião ao qual presidiu o sr. José da Silveira Machado, presidente do conselho de administração da Guérin, ladeado pelo vice-presidente sr. Heinz Ehlert, e pelos administradores srs. Pedro da Silveira Machado e César da Silveira Machado.

Aos brindes, o sr. José da Silveira Machado referiu-se a alguns dos problemas que afectam a industria automóvel no nosso País, mas teve palavras de fé e de confiança no futuro.

No final, o presidente da Guérin anunciou a criação do Clube Nacional de Vendedores VW que, á semelhança do que já se encontra em prática em grande parte dos países com representação VW, visa incrementar ainda mais o nível de motivação de toda a Força de Vendas VW, num clima de mais estreita colaboração entre todos os seus componentes.

A P. J. procura o assassino do desenhador da TAP

A Polícia Judiciária julga estar na boa pista para o esclarecimento do caso da Rua D. Pedro V: homem anavalhado que, transportado num táxi ao Hospital de S. José ali veio a falecer.

Trata-se, como foi averiguado, de João Augusto Caldas, desenhador da TAP, residente que foi num quarto alugado na Rua D. Carlos de Mascarenhas, 85, 1.º Dto.

Frequenter do Bairro Alto, João Caldas era um notívago. Clientes de bares locais conheciam-no há muito tempo.

FESTA DOS NOVOS CABELEIREIROS

Hoje, às 21 e 30, decorrerá, na Escola Profissional de Barbear, Cabeleireiros e Offícios Correlativos do Distrito de Lisboa, uma festa de alunos finalistas do curso de cabeleireiro de homens.

«FRATERNAL ENTENDIMENTO» NA VIAGEM AO BRASIL DO MINISTRO REBELO DE SOUSA

Regressou da sua viagem ao Brasil, aonde foi a convite do seu colega ministro Rocha Lagoa, o dr. Baltasar Rebelo de Sousa, titular das pastas das Corporações e da Saúde e Assistência. No Aeroporto aguardavam-no hoje diversas individualidades, entre as quais o ministro da Educação e os secretários e subsecretários de Estado do Trabalho e da Saúde.

de; representantes dos titulares das pastas do Interior e das Obras Publicas e dos secretários de Estado da Informação e Turismo e da Aero-náutica; embaixador do Brasil; chefe do Estado Maior do Exército, etc.

O dr. Rebelo de Sousa proferiu algumas palavras, salientando o «ambiente de fraterno entendimento» que marcou toda a sua estada no Brasil. Este ambiente, segundo afirmou, permitiu a formulação no âmbito dos acordos vigentes, do significativo acordo de intercâmbio no domínio da Saúde e, também, a fixação das normas regulamentares do acordo de Previdência Social, firmado anteriormente pelos governos dos dois países, conferindo-lhes agora, plena eficácia.

ATRASOS NA LINHA DE SINTRA

Esta manhã, os comboios da linha de Sintra registaram atrasos da ordem dos 30 e 40 minutos, que prejudicaram quem se dirigia para os empregos em Lisboa.

A causa directa desta anomalia residiu no descarrilhamento duma pequena locomotiva-tractor na estação de Campolide.

A meio da manhã, embora os atrasos tivessem diminuído, não se atingira ainda a normalidade, em virtude de a circulação se realizar por via única,

Em três linhas

Hoje, às 21 e 30, no Casa da Madeira (Rua do Século, 85), o sr. Rui Mimoso Aragão Figueira de Freitas faz uma conferência sobre «Os madeirenses na Venezuela — sua acção em prol da civilização, do comércio e da promoção social». Assiste o embaixador venezuelano, D. Nicolás Perazzo.

zação, do comércio e da promoção social». Assiste o embaixador venezuelano, D. Nicolás Perazzo.

Foi exonerado de juiz-ad-

junto dos Tribunais Militares Territoriais, a seu pedido. O dr. José Henriques Ferreira.

A dr.ª D. Maria Teresa Aguiar da Silva foi nomeada técnica investigadora da Universidade da Luanda. Era assistente do Instituto Superior Técnico.

Foi contratado para auxiliar de investigação além do quadro da Universidade de Lourenço Marques o sr. Fernando Jorge Rodrigues Neves.

Amanhã, às 18 horas, no Instituto de Zoologia da Faculdade de Ciências do Porto, realizar-se-á mais uma sessão científica da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, o prof. Santos Júnior fará uma comunicação sobre «As gravuras rupestres de Tchitundo-Nulo (deserto de Moçamedes-Angola)».

Manhã na praça

O FRANGO ESTÁ MAIS BARATO

Trazemos hoje do mercado do Rato uma boa notícia: o frango está mais barato.

Ainda há duas semanas, neste mesmo mercado, o frango limpo se vendia a 28\$00. Na semana passada já o vimos a 25\$00. Esta semana o seu preço de venda voltou a descer, desta vez para 24\$00.

Consideramos que esta é uma boa notícia, já que os preços dos géneros alimentares têm subido excessivamente, de forma incomportável para o orçamento da dona de casa média.

Seria ótimo, porém, que a descida de preços se não verificasse só ao nível do frango. Era indispensável que descessem também os preços do peixe, da hortaliça, da fruta. Para que as pessoas passem a comer aquilo de que necessitam e não só aquilo que podem comprar.

PREÇOS DOS PRODUTOS

Vimos o molho das nabijas a 7\$00; dos grelos, a 5\$00; dos espinafres, a 7\$00; dos agriões, a 1\$50; e dos rabanetes, a 2\$50.

O quilo do tomate estava a 5\$00 e 7\$00; da batata, a 1\$70; do feijão verde, a 4\$00; do tremço, a 3\$20; das azeitonas, a 8\$00 e 9\$00; dos pepinos, a 9\$00; dos pimentos a 3\$50; das favas, a 3\$00; das cebolas, a 2\$00; das ervilhas, a 6\$50; e das cenouras, a 3\$90.

O alho francês vendia-se a 2\$50; o coração, a 2\$50, 3\$00 e 3\$50; o nabo, a 1\$00 e 1\$50; a couve portuguesa, a 1\$50; a couve-flor, a 4\$00 e a alface, a 1\$00.

PEIXE

O quilo da sarda vendia-se a 9\$00; do goraz, a 16\$00, 20\$00, 25\$00 e 26\$00; da pescada, a 36\$00, 38\$50, 37\$00, 38\$00 e 39\$00; do camarão, a 40\$00; do carapau, a 10\$00 e 18\$00; da lula, a 28\$00 e 40\$00; do tamboril, a 12\$00; dos rabos de dourada, a 17\$00; da bica, a 18\$00; da pescada congelada, 18\$00 e 14\$00; dos chocos, a 22\$00; do nero, a 15\$00; do pargo, 22\$90

e 36\$00; dos linguados, a 68\$00; dos robalinhos, a 54\$00; dos linguados de areia, a 56\$00; do cherne, a 28\$80; do peixe espada, a 2\$00; da xaputa, a 16\$00; da marmota, a 39\$00; da pescadinha, a 26\$00; das cartas, a 36\$00; do chicharro, a 8\$00; da truta, a 18\$00; da garoupa, a 87\$00; e da tainha, a 8\$90.

FRUTA

Vimos o quilo das laranjas a 11\$50 e 13\$00; das bananas, a 18\$00; da pêra, a 10\$40, 11\$70, 12\$00 e 18\$00; do pêssigo, a 17\$50; da maçã reineta, a 25\$00; dos alperces, a 18\$00; do pêro «golden», a 22\$00; das nêperas, a 8\$50 e 15\$00; da cereja, a 17\$50; e da ameixa, a 9\$10 e 10\$00.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia dos ovos apresentava as seguintes tabelas: 12\$00, 13\$60, 14\$60 e 15\$40.

O quilo da criação viva vendia-se: a galinha do aviário, a 21\$00; do campo, a 28\$00. Da criação limpa: o quilo da galinha do campo, a 81\$00; da galinha do aviário, a 29\$00. Por sua vez, o quilo do frango limpo estava a 24\$00 e do coelho vivo, a 26\$00.

DONA DE CASA

BOM APETITE

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras do Cimo, 144
Tel.: 790211

JANTARES DANÇANTES AOS SABADOS E DOMINGOS c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

Premiado pelo S. N. I. (Maiores de 15 anos)

restaurante arameiro

LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão, 21
PRÉMIO DO S. N. I.

(Sala na cave)

Restaurante braseiro

A deliciosa cozinha Portuguesa ao seu dispor em ambiente seleccionado com música de fundo estereofónica.

Domingo: PERNA DE CABRITO À PADEIRO • ENSOPADO DE BINGUIS

Encerrado aos Sábados

Rua Buenos Aires, 28-B e 28-D — Telef.: 677006 - 679993

VIRIATO

SNACK-BAR RESTAURANTE CERVEJARIA COZINHA PORTUGUESA

Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 53 07 58

A «morte» da Orquestra de Ópera da Emissora Nacional

Assinado pelo dr. Clemente Rogeiro, presidente da direcção da Emissora Nacional de Radiodifusão, recebemos o seguinte ofício sobre a colaboração prestada ao Teatro da Trindade pela Orquestra de Ópera da E. N. e posterior (recente) dissolução deste agrupamento:

«Ao anunciar nos jornais do passado dia 18 a estrela da ópera André Chénier, entendeu por bem a direcção do Teatro da Trindade tornar público o seguinte «aviso»:

«A partir de hoje e por impossibilidade da Orquestra de Ópera da Emissora Nacional, passa a actuar na temporada lírica popular deste teatro uma Orquestra de Ópera constituída à base de elementos da Orquestra Filarmónica de Lisboa, por especial deferência da Câmara Municipal de Lisboa e da Sociedade Artística da Orquestra Filarmónica de Lisboa.

A Direcção do Teatro manifesta o seu público reconhecimento às Entidades acima referidas, pois que a colaboração da Câmara Municipal de Lisboa e da Sociedade Artística constitui a única forma possível do prosseguimento da presente temporada.»

A falta de indicação dos motivos determinantes da impossibilidade de colaboração da nossa Orquestra e a manifestação de público reconhecimento às duas outras

entidades que, «por especial deferência» para com o Teatro da Trindade lhe propiciaram a «única forma possível do prosseguimento da presente temporada», podem deixar na opinião pública algumas dúvidas quanto à atitude da Emissora Nacional. Isto me leva a solicitar de V. Ex. a publicação dos seguintes esclarecimentos, que ajudarão a um mais perfeito entendimento dos factos:

1.º A colaboração dada pela E. N. aos espectáculos de Ópera do Teatro da Trindade processou-se sem qualquer interrupção, e no mais perfeito entendimento, desde 1963;

2.º Prontamente acedeu a E. N. à colaboração solicitada para a presente temporada

da e neste sentido a sua «Orquestra de Ópera» assegurou a parte musical das óperas «Orfeu», «Lucia de Lamermoor» e «Elisir de Amor»;

3.º Nos últimos dias do passado mês de Maio, trinta e cinco instrumentistas das orquestras da E. N. pediram a sua exoneração, com efeitos a partir de 1 de Junho, por haverem sido contratados para a Orquestra Filarmónica de Lisboa. Este facto determinou, entre outras consequências graves que silenciosamente procuramos resolver, a morte da «Orquestra de Ópera» da Emissora Nacional e, consequentemente, a impossibilidade de a mesma continuar a prestar ao Teatro da Trindade a sua colaboração;

4.º Do que foi a actualização da orquestra nestes anos de trabalho no Teatro da Trindade fala o seu ilustre Director em ofício que nos dirigiu com data de 12 de Fevereiro do ano corrente:

«A última colaboração dada pela Emissora Nacional aos espectáculos de ópera deste teatro tem sido, sem contestação possível, um dos pilares em que assenta a obra que se vem processando, sem interrupção, desde 1963.

Só com tão frutuosa colaboração se puderam realizar as temporadas populares de ópera com artistas portugueses, destinadas às classes sociais menos favorecidas economicamente, o que representa uma actividade não só social mas também nacional.»

Lília da Fonseca

candidata

ao Prémio Andersen

Em memória do célebre escritor para crianças Hans Christian Andersen, foram instituídos dois prémios mundiais que são concedidos bi-anualmente pelo International Board on Books for Young People (IBBY), organismo internacional com secções nacionais espalhadas pelos cinco continentes — desde 1956, ao autor cuja obra tenha contribuído de forma persistente e predominante para a literatura infantil, e, desde 1966, também a um ilustrador.

Pela atribuição daqueles prémios é responsável um júri internacional que selecciona os premiados entre os candidatos que cada secção nacional propõe.

Portugal vai concorrer, pela primeira vez, ao Prémio Andersen, encontrando-se já indicado o autor que será o nosso candidato. Trata-se da escritora Lília da Fonseca, figura de incontestável prestígio e notoriedade da literatura infantil portuguesa. A selecção do autor português esteve a cargo de um júri nacional de que fizeram parte o prof. Calvet de Magalhães, D. Maria da Luz de Deus, a dr.ª Maria Helena Lucas, o dr. Alfredo Gulsado e D. Maria do S. meiro Souto.



Arrastam-se há longos meses as obras de implantação de um cano para escoamento das águas, na Parede. Devido à morosidade dos trabalhos, a situação de incomodidade e perigo para os moradores da zona parece não mais ter fim. O aspecto das obras, que a foto ilustra, situa-se na Rua Gil Vicente, ao Bairro das Caixas. Por detrás do elevado monte de terra existem três estabelecimentos comerciais cujo acesso é desta forma dificultado e que passam completamente despercebidos. Os montes de terra encontram-se ali há um mês e já foram mais altos. A chuva provocou o abaixamento dos montes que, mesmo assim, medem mais de 2,5 metros. As crianças brincam por ali de dia, com risco de se magoarem; à noite, as pessoas que passam (e por o local ser mal iluminado) ficam expostas a acidentes graves. No entanto, se as escavações são necessárias para um fim útil, o certo é que talvez fosse desnecessário serem tão morosas. Não poderá a Câmara tomar providências para que a terra seja removida o mais rápido possível?

NOVOS DISCOS

Katja Ebstein (cançonetista alemã de renome firmado) aparece em nova gravação comercial: interpretando «Wunder gibt es immer wieder» e «Ich will thun». Disco «Liberty».

«Vou embora e vou sumir» (Natan), «Céculas mortas» (Fábri), «Não vou mais chorar» (Roberto Corrêa-Sylvio Son) e «Renascença» (Natan) surgem em desempenhos de Wanderley Cardoso para a marca «Copacabana».

O brasileiro Francisco Petrólio canta «La prima cosa bella» (Mogol-Di Bari) e «L'arca di Noé» (Sérgio Endrigo) num E. P. da «Continental».

«AUTO-ESTRADAS: NECESSIDADE PREMENTE PARA O ACTUAL VOLUME DE CIRCULAÇÃO»

A propósito do artigo com o título em epígrafe, recebemos do Grupo Internacional Brisa, a seguinte carta que é assinada pelo sr. dr. Mário de Castro Azev e dirigida ao nosso director:

«No seu prezado jornal, com data de 23 do corrente, a páginas 10, vem publicado um artigo sob o título «Auto-Estradas: necessidade premente para o actual volume de circulação».

«Nesse artigo refere-se um dado que não é exacto, mas devemos dizer que o mesmo lapso tem sido largamente cometido a propósito do concurso para a concessão da construção, conservação e exploração da rede nacional de auto-estradas

«Com efeito, diz-se que as tarifas propostas pelo Grupo Internacional Brisa seriam de \$14 por km e não \$40 como estava estipulado no Caderno de Encargos.

«Ora, a verdade é que o Grupo Internacional Brisa aceitou rigorosamente as tarifas propostas pelo Governo no Caderno de Encargos ou seja a de \$40 para veículos ligeiros e \$60 para veículos pesados.

«A razão do equívoco consiste unicamente em que, para efeitos dos cálculos financeiros, se adoptou uma tarifa média de \$44. Esta tarifa média é determinada em virtude da composição normal do tráfego ligeiro e pe-

sado que tradicionalmente se computa em 80% de veículos ligeiros e 20% de veículos pesados. Deste modo se obtém a tarifa média de \$44, mas, como é evidente sem prejuízo de aos veículos ligeiros se aplicar efectivamente a tarifa de \$40 e aos pesados a de \$60.

«Vimos, por isso, rogar a V. Ex. o subido obsequio de se dignar publicar no seu conceituado jornal a presente carta.

«Com os nossos antecipados agradecimentos, aproveitamos a oportunidade para apresentar a V. Ex. os protestos da nossa mais alta consideração, subscrivendo-nos, etc.»

OS ARRAIAIS

FECHAM

AMANHÃ

Os arraiais dos Santos Populares nos bairros típicos da cidade serão encerrados amanhã à noite. Entretanto, ontem à noite os presidentes, vice-presidentes, vereadores e membros da comissivaram os arraiais de Campolide, Campo de Ourique, Benfica e Carnide. Da esplanada do Castelo de S. Jorge foram lançados centenas de balões, com ascensão iluminada por projectores

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais. Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo 60\$00. Rua das Taipas 14. Tel. 327256.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melão-Correia, Ana Rosmaninho. Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga. Tocam: Fontes Rocha José Luis, Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos.

Consumo mínimo, 90\$00. Beco dos Curtumes, 10. Tel. 860816.

TIMPANAS

Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

Canções do Minho por Quim Barreiros. Cons. mín., 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Rolz, 24. Telefones: 676655 e 672431.

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Mantinha e Alcindo de Carvalho. To-

cam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo. Rua «Diário de Notícias», 107. Tel. 328307. Encerra aos domingos.

ADEGA MACHADO

Cantam: Esmeralda Amado, Iva-

te Pessoa, Nazaré Maria, Tino Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arcautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Cons. Mín., 70\$00. Rua do Norte, 91. Telef.: 30095-328713. Encerra à segunda-feira.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telef.: 264521-264526-264596-264621-264946.

ADAGGIO

A presença de JOSE LETRIA Pop-Soul e Underground. Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. Rua Carlos dos Reis, 51-A. Telef. 775695.

TAMILA

Marão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos.

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas. Música constante. Calçada Marquês de Abrantes, 64-66. Telef. 667264.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente, Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 861633.

D QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira. Aberto até às 5 da madrugada. Rua da Trindade, 9. Telef. 327109. Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa —

Música constante. Av. Marechal Carmona. Telef. 367136. Encerra às 3 horas.

MAXIME

Conjunto 6. Reacção e Maximiliano. «Show» turístico. Variedades internacionais. Praça da Alegria, 58. Telef. 55366.

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384. Conj. Hélder Reis. Encerra aos domingos.

a fuma
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38d
(a duque de loulé)
144 66 56 19 49

TERRA DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto «Leader» Ave-

nida Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

BATACLAM

Rua Ramalho Ortigão, 39-A. Telef. 560430.

BAR: Aberto das 19.00 às 3.30 h. DISC.: Aberto das 22.00 às 3.30 h. NOITES DE PARIS EM LISBOA. ENCERRADO AOS DOMINGOS.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da 1.ª página)

candidatar aos prémios. Oportunamente receberá, em sua casa, um cartão que o identificará como leitor do «Diário de Lisboa», do qual constará o número que o habilitará ao sorteio. A sua participação activa no concurso tem ainda uma outra fase, simples sem dúvida, pois se resume a recortar e guardar os «cabeçalhos» (título e data da primeira página) dos jornais publicados entre 7 de Abril passado e 7 de Julho próximo. No caso de vir a ser contemplado a colecção dos «cabeçalhos» provará que é, na verdade, leitor assíduo do «Diário de Lisboa». Mas, se for contemplado quais os prémios que o podem aguardar?

Em primeiro lugar, um magnífico e confortável apartamento mobilado e um automóvel «Morris 1300», de quatro portas e cinco lugares. Outros dois apartamentos também mobilados, e situados como o anterior num dos imponentes edifícios que constituem o grandioso centro urbano que Empreendimentos J. Pimenta S.A.R.L. está a concluir no Bairro Comendador Joa-

quim Matias, em Poço de Arcos, são mais dois excelentes prémios que o «Diário de Lisboa» oferece aos seus leitores mais dedicados.

Os três apartamentos têm uma localização excelente, a escassas centenas de metros do areal da praia e excelentes panorâmicas sobre o oceano, numa zona de desanuviados horizontes e liberta dos efeitos perniciosos da poluição atmosférica.

Estes são os primeiros prémios de uma lista bastante aliciante, da qual se destacam ainda viagens às principais cidades da Europa e da América, instituições com a colaboração das companhias de aviação Varig, Cana-

dian Pacific e S. A. S.

Na Europa, os premiados (aos quais é dada a oportunidade de se fazerem acompanhar por um familiar ou amigo, durante os oito dias da viagem), poderão não só visitar Paris, Londres, Roma ou Frankfurt, mas também, mais ao norte, travarem conhecimento com os costumes e povo escandinavos, nas suas escalas de Estocolmo, Copenhague e Oslo. Na América do Norte, os participantes desta iniciativa do nosso jornal terão ocasião de conhecer as cidades de Toronto e Montreal e assistirem ao fabuloso espectáculo natural proporcionado pelas Cataratas do Niágara.

Descendo alguns



A famosa praia de Copacabana é uma das zonas atractivas que o leitor poderá visitar durante a sua estada na «cidade maravilhosa»

graus em latitude, a paisagem muda e os costumes também. O Rio de Janeiro com a cosmopolita praia de Copacabana e o Cristo do Corcovado, lá no alto do morro, é um pré-

mio não menos aliciante que os anteriores.

Tudo isto está ao alcance dos nossos leitores, apenas pelo simples facto de o serem. Recordemos, contudo, mais uma vez que ter-

mino amanhã o prazo para a entrega dos cupões de identificação e que existe um ditado bem português que reza: «não guardes para amanhã o que podes fazer hoje».

RESUMO DO REGULAMENTO

— A iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente. O leitor deverá recortar e preencher COM LETRA BEM LEGÍVEL, o cupão-duplo que o «Diário de Lisboa» publica e onde inscreverá o seu nome, a morada, a localidade onde reside e facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda o agente ou o vendedor a quem adquire re-

gularmente o «Diário de Lisboa».

— Preenchendo o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185, 1.º Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1\$00 para que lhe seja enviado o cartão de identidade do leitor do «Diário de Lisboa» com o número de habilitação ao sorteio dos prémios.

— Recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem alfabética e numérica. O cartão de identidade do leitor do «Diário de Lisboa» receberá o mesmo número do cupão-duplo.

— O cartão de identidade do leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a beneficiar de outras iniciativas e promo-

ções. — O leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de falta de cinco exemplares para cada mês desse período de publicação.

— A verificação dos «cabeçalhos» será efectuada na morada indicada pelo concorrente do cupão-duplo de identificação em vias no dia seguinte após a realização do sorteio entre as 19 e as 28 horas sendo realizada

por um delegado do «Diário de Lisboa» e por um representante da autoridade policial da localidade respectiva tendo o leitor (ou quem o representar) que exibir a sua identidade e o número de «cabeçalhos» exigido. No caso de o leitor não ser encontrado nos dois dias seguintes após a realização do sorteio (ou quem o possa representar dentro deste lapso de tempo) recorre-se a um suplente anulado para o efeito em sorteio Abre-se, assim, ao leitor que por qualquer motivo tenha de ausentar-se da morada indicada a possibilidade de se fazer representar e regularizar-se o período durante o qual o leitor tem direito ao prémio.

— No caso de o participante não ter colecionado o número suficiente de «cabeçalhos» o prémio será atribuído ao suplente apurado no mesmo sorteio desde que este possua o número de «cabeçalhos» determinado sendo a verificação feita no dia imediato à do premiado. Para cada um dos prémios serão designados quatro suplentes.

O prémio será atribuído ao primeiro suplente apurado no mesmo sorteio que satisfaça as condições exigidas sendo a verificação efectuada no dia seguinte após o da exclusão do premiado compreendendo os dois dias imediatos para o seu encontro (ou de quem o representar) assim se procedendo sucessivamente em relação aos restantes suplentes.

— O leitor que não tiver tomado parte na primeira fase da iniciativa pode inscrever-se nesta segunda fase até 30 de Junho de 1971 data em que será encerrada a recepção dos cupões-duplos de identificação.

— Ficou estabelecido que a partida da viagem que constituem prémios seja feita de Lisboa. Essas viagens envolvem estadia em hotéis de 1.ª classe. O alojamento e a alimentação serão considerados durante oito dias.

(*) Por «cabeçalhos» entendem-se apenas a parte da primeira página do jornal de onde consta o título e a data de publicação.

JORNAIS ATRASADOS

- Os leitores, residentes em Lisboa, que pretendam jornais atrasados e não os consigam nos vendedores habituais, podem adquiri-los na Rua Castilho, 185, 1.º e na Rua Luz Soriano, 17, das 9 e 30 às 12 e 30 e das 14 e 30 às 18 e 30, excepto aos sábados, em que o horário é só das 9 e 30 às 13.
- Os leitores que morem fora de Lisboa podem dirigir-se por carta à Rua Castilho, 185, 1.º, enviando o valor dos jornais desejados, em que o horário é das 9 e 30 às 13.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO **Diário de Lisboa**

N.º _____

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (n) _____

PROFISSÃO (n) _____

(n) Tabacaria ou vendedor onde compra o «Diário de Lisboa» _____

(n) A preencher pelo jornal (n) Facultativo _____

LEITOR DO **Diário de Lisboa**

N.º _____

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (n) _____

PROFISSÃO (n) _____

(n) Tabacaria ou vendedor onde compra o «Diário de Lisboa» _____

(n) A preencher pelo jornal (n) Facultativo _____

ATENÇÃO: O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automaticamente habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

«DOSSIER» TRANSPLANTAÇÃO RENAL

Uma carta do dr. Rodrigues Pena e uma entrevista com o dr. Jacinto Simões

Há alguns dias o sr. Ângelo Marques da Silva, que recebera um rim doado pelo pai, teve alta do Hospital Curry Cabral, onde esteve entregue aos cuidados da equipa chefiada pelo dr. Jacinto Simões, director dos Serviços de Reanimação daquele estabelecimento hospitalar. Passado o período mais perigoso da rejeição, o doente pôde regressar a casa depois de seis meses de hospitalização, considerando-se a transplantação um êxito.

O dr. Jacinto Simões, na altura, emitiu algumas opiniões, relativas ao caso e à transplantação renal no nosso País, de que nos fizemos eco. Pouco depois, recebemos a seguinte carta do dr. Rodrigues Pena, médico interno dos Hospitais Cívicos, morador na Rua Actriz Virgínia, 16, r/c direito, em Lisboa.

«Ex.mo Senhor Director: Tive hoje a oportunidade de ler, no Jornal da mui ilustre direcção de V. Ex.ª, algumas considerações referentes a uma política de transplantação renal, atribuídas ao Sr. Dr. Jacinto Simões, em relação a quem me aprez a afirmar a muita consideração que me merece»

«Alguns pontos nessas considerações são, pelo menos, controversos, e afigura-se-me urgente contestá-los, ainda quando o tom é de casualidade, de informalidade, como simples comentário a um acontecimento do momento»

«Refiro-me ao problema da doação de órgãos. Não me parecem correctos nem justos os termos em que pretende impor-me uma obrigação moral

relativa à doação aos familiares dum doente que espera um transplante de rim. A atitude corrente nos meios onde se vivem estes problemas, nomeadamente nos grandes centros de transplantação, é bem diversa da posição assumida pelo Dr. Jacinto Simões que, sendo, sem dúvida, original, não parece suficientemente sólida do ponto de vista deontológico. Assim:

DAVID HUME (Richmond, Virgínia, Estados Unidos), o pioneiro da transplantação renal cadavérica escreve sobre o assunto:

«Importância particular assume a avaliação do dador, do ponto de vista da sua motivação para doar um rim. Se parecer existir a mínima relutância, deve encontrar-se uma razão médica para excluir essa pessoa como um dador aceitável, para aliviar a sua consciência, e protegê-lo do desgosto ou da hostilidade, quer do receptor, quer doutros membros da família» *Advances in Surgery, Vol. 2 Year. Book Med. Publ. 1966 (pág. 426).*

ROY YORKE CALNE, de Cambridge, Inglaterra, com

quem trabalhou dois anos: «Penso ser da maior importância tentar excluir toda e qualquer possibilidade duma pressão exercida sobre o dador por outros membros da família, ou que a sua motivação reside apenas num sentimento do dever ou de culpa no caso de recusar. Deve haver um desejo óbvio e genuíno de doar um rim, de facto um sentimento de privação se tal desejo for recusado». *A Gift of Life, Medical and Technical Publ. (pág. 54)*

Atribui o «Diário de Lisboa» ao Sr. Dr. Jacinto Simões.

«... muitas pessoas são extraordinariamente egoístas e não são capazes de dar um rim a um filho ou a um irmão... É duro, mas é verdade (...).

Receio que, no seu entusiasmo pelo progresso do trabalho na sua Unidade, ele tenha ido mais longe na veemência do seu apelo do que se afigura admissível, do ponto de vista deontológico.

Quanto à transplantação renal cadavérica, também não é justa a apreciação relativa que dela se faz na programação duma política de transplantação, pois se verifica, em todos os centros, uma tendência para a utilização de órgãos cadavéricos, com resultados cada vez melhores, e inteiramente comparáveis aos que se obtêm com dadores vivos não aparentados. Parece-me que um programa que pretenda aproximar-se das ne-

cessidades duma população, em matéria de transplantação renal terá que basear-se essencialmente neste tipo de transplantes. Não podemos esquecer-nos, por outro lado, que a doação dum rim representa um sacrifício importante, e um risco que, embora muito pequeno, existe, como é inerente a qualquer intervenção cirúrgica.

Para terminarmos estas breves considerações importa sublinhar que a transplantação implica decisões melindrosas do ponto de vista deontológico, e é precisamente por isso que convém ser rigoroso e prudente nas tomadas de posição, sem o que todo o futuro da transplantação — e a vida dos doentes que dela carecem, 250 a 300 por ano, em Portugal — estarão gravemente comprometidos.

Lisboa, 19 de Junho de 1971.

J. Rodrigues Pena, Médico. Cirurgia Geral, Ex-bolsista da Fundação Gulbenkian e do Instituto de Alta Cultura, Ex-Senior Surgical Registrar, Renal Transplantation Unit, Addenbrooke's Hospital, Cambridge, Inglaterra. Ex-Research Fellow, Department of Surgery, University of Cambridge.

Nota: Esta carta refere-se à local com o título «Êxito da transplantação renal feita em Lisboa», publicada na oitava página do «Diário de Lisboa» de hoje, 19 de Junho de 1971.

«Citações de pessoas altamente cotadas...»

Porque não ignoramos o esforço que tem sido levado a efeito pelo dr. Jacinto Simões, ou melhor, pela equipa de que aquele clínico é chefe, achamos que teria interesse para o público ouvi-lo, no que respeita à matéria contida na carta do dr. Rodrigues Pena.

Recebeu-nos o dr. Jacinto Simões no seu gabinete no Serviço de Reanimação do Hospital Curry Cabral e, depois de ler a carta em questão, começou por nos afirmar:

— Todas as citações que o dr. Rodrigues Pena inclui na carta provêm de pessoas altamente cotadas e sobre elas nada tenho a dizer. São afirmações respeitáveis, mas em nada colidem com as declarações que fiz na altura em que o Ângelo Marques da Silva teve alta. Isto porque eu nunca defendi, nem podia defender, que fossem exercidas pressões individuais, no sentido de serem doados órgãos, tanto no que respeita a dadores vivos como no caso de familiares do falecidos. Pressões individuais, nunca! Falei, sim, e reafirmo, que a doação de um órgão é um acto moral desejável, e, portanto, deve-se estabelecer entre a população esse desejo. Há que se encetar um processo geral de educação do público no que toca às transplantações. Somos por natureza individualistas, continua a ser verdade que há pessoas que não desejam dar órgãos, mas também continua a ser verdade que quem dá é altruísta. Existem tabus religiosos, por outro lado, que estão ainda muito arraigados na população. Isto embora a própria Igreja não se oponha ao avanço da ciência. Uma campanha de esclarecimento dessas pessoas, fazendo-lhes ver o altruísmo que existe em doar um órgão. E nisto não vejo que haja quebra de quaisquer princípios deontológicos. Coações individuais,



«Nunca defendi, nem podia defender, que fossem exercidas pressões individuais para doação de órgãos»

sim, quebrariam princípios deontológicos, mas, recorrer a processos desses, de modo nenhum! Trata-se de coisa absolutamente condenável.

— O dr. Rodrigues Pena fala no risco que corre o dador...

— Mas se não houvesse risco, onde estaria o altruísmo?

«É preciso educar o nosso público»

E o dr. Jacinto Simões prossegue:

— É preciso educar o nosso público, que, como lhe disse, é muito individualista. Não se preocupa com o destino dos outros, tem falta de espírito colectivo. Em muitos países existem associações beneméritas, gente que sem qualquer interesse directo, sem parentes em risco de vida, dedica tempo a esses problemas, apenas por espírito de auxílio. Preocupam-se com as pessoas em hemodiálise, estão educadas para a benemerência pública. Não parece novidade dizer-se que precisamos de educar o público no sentido de se criar um espírito colectivo. Isto no caso das transplantações torna-se sobremaneira importante.

A utilização de órgãos cadavéricos

— E no que respeita à parte da carta do dr. Rodrigues Pena em que este fala de que, em todos os grandes centros,

se verifica uma tendência para a utilização de órgãos cadavéricos?

— Em muitos países fazem-se hoje mais transplantações a partir de órgãos cadavéricos, mas as primeiras, e muitas foram, fizeram-se com dadores vivos. Quando fiz as declarações que motivaram a carta do dr. Rodrigues Pena, não estava a falar com técnicos, nem a fazer um relatório sobre o estado actual das transplantações na Europa. Estava a falar, sim, de um clima espiritual existente e da necessidade de se criar um clima propício às transplantações.

Uma portaria muito recente

Antes de prosseguirmos a nossa conversa com o dr. Jacinto Simões, temos de recordar que apenas uma portaria muito recente (apareceu há cerca de dois meses) veio permitir o aproveitamento de órgãos de cadáveres para fins de transplantação. Mesmo assim, esse aproveitamento não é um facto automático, tem de haver licença dos familiares do falecido ou autorização dada em vida. Todos sabemos como as pessoas ainda reagem à morte, como muitas pessoas ainda se prendem a conceitos atávicos, entravando o avanço da ciência, não permitindo, no caso es-

(Continua na pág. seguinte)

O PRÉMIO MERECIDO

Seu filho completou o ano escolar com aproveitamento. Você está de parabéns. Ele venceu uma etapa importante da vida. Ao assinalar esse triunfo escolha o prémio mais desejado pela juventude — o gravador portátil de «cassettes» Philips.

N 2202 - Modelo «De Luxe» alimentado por pilhas. Compacto. Fácil de transportar.

EL 3302 - Grava e reproduz em qualquer lugar. Basta um gesto — click — e pronto!

N 2204 - Alimentação por pilhas ou corrente. Excelente qualidade de gravação e reprodução.

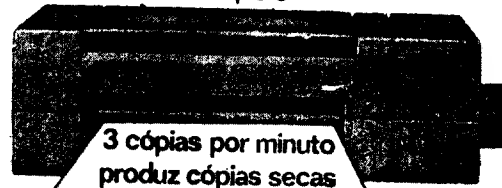
N 2205 - Modelo «De Luxe» alimentado por pilhas ou corrente. Linhas modernas.

PARA A MÁXIMA QUALIDADE DE GRAVAÇÃO, EXIJA RTAS «LOW NOISE»

PHILIPS



MÁQUINAS DE FOTOCÓPIA 4.074\$00



3 cópias por minuto produz cópias secas reproduz todas as cores

peça-nos uma demonstração sem qualquer compromisso **sertiportuguessa** rua buenos aires, 7 1º tel. 667928 e 667772

AS BODAS DE PRATA DA S.N.F.I.

A Sociedade Nacional de Fomento Imobiliário, S.C.A.R.L. (S.N.F.I.) vai comemorar, com uma sessão solene, o 25.º aniversário da sua fundação.

A sessão, a que presidirá o secretário de Estado das Obras Públicas, eng.º José Adolfo Pinto Ellis, realiza-se no dia 1, às 18 horas, no salão da sede da sociedade, à Av. António Augusto de Aguiar, 136-9.º

OS 32 ANOS DOS MARIALVAS DE SÃO CRISTÓVÃO

«Os Marialvas de São Cristóvão» festejam o seu 32.º aniversário no dia 18 de Julho. Por tal motivo, vestirão e calçarão, nesse dia, 33 crianças pobres.

«DOSSIER» TRANSPLANTAÇÃO RENAL

(Continuação da pág. anterior)

pecífico das transplantações, a cedência dos órgãos de um cadáver.

O dr. Jacinto Simões foi um dos clínicos que se bateram para que surgisse a portaria em causa, um documento que pode salvar vidas, mas, como vamos ver, não resolve todos os problemas.

— *Bati-me directamente para que pudessem ser aproveitados os órgãos cadavéricos* — afirma-nos o dr. Jacinto Simões.

— Mas dadores vivos e dadores mortos representam métodos complementares. É uma coisa é verdade: os resultados com dadores vivos são superiores aos obtidos com transplantações a partir de dadores mortos. Em alguns centros, também é verdade, os resultados tendem a aproximar-se. Mas não se aceita um dador vivo desde que não haja parentesco, não se aceita um dador não consanguíneo. Com os dadores mortos... os órgãos

nunca são em numero suficiente! Por isso eu falei que seria desejável que os órgãos dos cadáveres fossem destinados às pessoas que não têm quaisquer possibilidades de contar com dadores vivos.

Também em tal afirmação não me parece estar contida qualquer quebra de deontologia... Se existissem bancos de órgãos, onde os mesmos fossem classificados e pudessem aguardar possibilidades de transplantação, bancos onde fossem conservados rins, corações e outros órgãos; se existisse riqueza de órgãos para doação, mas estamos muito longe do desiderato. E, depois, o tempo de conservação é relativamente curto... Vou-lhe dar um exemplo: para uma escolha adequada, com maiores probabilidades de êxito numa transplantação a partir de cadáver, é conveniente que a escolha do receptor seja feita entre um grupo de eventuais receptores que atinge cerca de 130 casos.

Isto implica 128 indivíduos em hemodíalise. Com o objec-

tivo de se poder efectuar troca de órgãos entre países tem havido reuniões, prevendo-se os tempos úteis de transporte. O numero de doentes portugueses em hemodíalise, no nosso serviço, não excede os 12. Geralmente, são em numero de oito. Necessitávamos de expandir a nossa sala de hemodíalises. Encara-se a possibilidade de uma organização com a Espanha, por outro lado, para obtermos mais resultados. Vou-lhe dar outro exemplo: temos uma doente hemodialisada há três anos, neste serviço. Não tinha possibilidades de transplantação a partir de dadora viva, não se podia encetar a hipótese de transplantação a partir de cadáver, porque ainda não existia a portaria que permite agora aproveitar os órgãos cadavéricos, foi necessário encontrar um centro onde a aceitassem. A doente partiu para Lyon, aguardou que aparecesse um órgão adequado para transplantação. Este apareceu finalmente, fez-se o enxerto, mas o corpo não aceitava o novo órgão, que acabou por ter de ser

removido. A doente voltou à hemodíalise e continua a aguardar dador. É um exemplo entre muitos. Há todo um trabalho de pesquisa de compatibilidades, de procura de determinados grupos. Interessava que o publico tivesse uma ideia geral destes problemas, para que fosse fomentado o espírito colectivo de que já falámos. É preciso combater o fatalismo do nosso povo, que aceita como coisa do destino a morte.

«Do ponto de vista cirúrgico, transplantar é uma técnica»

É continuamos a nossa conversa com o dr. Jacinto Simões, que, entretanto, já atendeu dezenas de telefonemas. A dada altura, entra no gabinete o cirurgião dr. Viana Barreto, que fica a assistir e a participar no diálogo.

— É natural, dr. Jacinto Simões, que o publico seja fatalista por falta de esclarecimento, preso ainda a tabus religiosos, a superstições e face a uma ciência que progride num ritmo cada vez maior... — dizemos.

— Pois, é natural, embora desde Pio XII que a Igreja tenha definido claramente que não se opõe ao arango da ciência, mas a incompreensão surge como natural, por falta de esclarecimento. Estamos perante uma nova concepção de morte. A paragem cardíaca não mais é sinónimo de morte. O coração pode estar parado quatro minutos e ser reanimado, isso constitui hoje prática corrente. A morte é hoje determinada, e isso aceita-se internacionalmente, pela irreversibilidade das lesões causadas no cérebro. A morte é cerebral, portanto, dado que o homem se diferencia dos outros animais, precisamente, pela sua actividade intelectual. Um homem pode estar morto e a circulação a fazer-se. É uma nova concepção de morte, portanto, e isso causa estranheza ao publico.

— Já foi feita, no nosso País qualquer transplantação a partir de um cadáver?

— Ainda não fizemos qualquer transplantação desse tipo porque tudo tem de ser organizado. Mas os maiores êxitos em transplantações foram os feitos com irmãos gémeos, do mesmo óculo. Os órgãos têm de ser o mais parecidos possível, porque o nosso corpo é muito individualista. Há

tudo um conjunto de circunstâncias... Bem vê, transplantações fazem-se há dezenas de anos; em si, a técnica cirúrgica da transplantação nada tem de especial... Os progressos fazem-se nos laboratórios.

Lembramo-nos do «êxito publicitário» do dr. Christian Barnard e não podemos deixar de reproduzir as palavras do dr. Viana Barreto, do cirurgião experimental que é o dr. Viana Barreto:

— *Fazer uma transplantação, do ponto de vista cirúrgico, não constitui qualquer proeza. É uma técnica. Uma técnica que se aprende como qualquer outra. No que me diz respeito, acho bem mais fácil fazer uma transplantação do que praticar certas intervenções no Banco do Hospital... O difícil é manter o doente vivo e isso deve-se aos homens da medicina, não a nós, cirurgiões. Difícil, repito, é toda a preparação prévia, a hemodíalise, a escolha do dador e do receptor, e, uma vez o órgão transplantado, manter o doente vivo. É para isso que todos os médicos trabalham: para manter homens vivos!*

O dr. Jacinto Simões inter-

veném: — Todos, neste serviço, fazemos uma missão de conjunto. Somos uma equipa, uma equipa com o unico objectivo de progredir. Olha, de tal modo somos uma equipa que, quando o Angelo Marques da Silva teve alta, começou por querer agradecer e, a dada altura, acabou por dizer que agradecia a todos: médicos, enfermeiras, serrentes... Ele via bem que o trabalho tinha sido de todos, sem haver «vedetas», que éramos uma equipa. Há uma coisa que eu queria precisar, em relação ao dr. Rodrigues Pena: este serviço está, como sempre esteve, aberto para ele. Pode vir trabalhar connosco quando quiser. E posso garantir-lhe que terá nesta equipa, o lugar equitativo à sua capacidade técnica. Repito: a porta está, como sempre esteve, aberta para o dr. Rodrigues Pena.

A FESTA DA RAINHA SANTA

COIMBRA, 29 — Estão a decorrer na Igreja do Convento de Santa Clara as novenas preparatórias da festa religiosa à Rainha Santa Isabel, que decorrerá em 4 de Julho,



a grande evasão
(agora também com filtro)



A bica na Velha Brasileira.
Sartre. Lido. Anotado. Discutido.
O ligeiro-intenso murmúrio das outras vozes nas outras mesas.
A opressão da cidade concentrada numa só sala.
A quase imperceptível sensação de que viver dá demasiado trabalho.
Um cigarro. Gesto automático.
Um Antoninos. Gesto atento.
O contacto do filtro nos lábios. A chama.
O sabor. Profundamente inspirado.
A grande evasão. Antoninos.
A vida não é melhor? Talvez. Mas é outra.

ANTONINOS

nova embalagem - agora também com filtro

DIRIJA O SEU OLHAR

E O SEU GOSTO PARA O PRONTO-A-VESTIR



TUDO PARA HOMEM E TUDO PARA RAPAZ

**ADÃO, CAMISEIROS
ADÃO JUVENIL**

RUA AUGUSTA, 240

«COISAS QUE ESTÃO MAL NA VILA DE NELAS»

«Coisas que estão mal na vila de Nelas»: assim foi intitulada, nesta mesma secção, uma carta do nosso leitor sr. Albino Pais Monteiro, a que a Câmara Municipal respondeu em documento por nós publicado no passado dia 15. Ao mesmo tema volta agora a sr.ª D. Elvira Henriques, também nossa leitora, residente em Lisboa, à Rua Raquel Roque Gamito, 6, 6.º direito, com a carta que a seguir transcrevemos:

«Li com surpresa a resposta pouco elegante da Câmara Municipal de Nelas, publicada em 15 do corrente no vosso jornal, a uma carta em que se apontavam alguns dos muitos problemas que afligem aquela vila.

Gostaria de fazer alguns comentários à resposta da Câmara. A casa do «Fundo do Povo» é muito linda e antiga, e, mesmo «pseudo-renascença» que seja, é digna de restauro para uso da comunidade. Uma vila paupérrima em arte como é a de Nelas deveria cuidar do seu património e não, irónicamente, desfazer do alvitre judicioso do sr. Albino Pais Monteiro.

O conceito pode, na verdade, possuir algumas dezenas de construções de «grande interesse arquitectónico-arqueológico», mas em que estado, se nem sequer são consideradas de interesse público (sic)? Contradição! Basta recordar aqui o caso do Pelourinho de Vila Rica, destruído há anos por um carro, e que foi «restaurado», ou «substituído» e de que maneira!

Também não admira, tendo em conta o «plano de urbanização» do chamado «bairro residencial», no cimo da Rua D. Afonso Henriques. Se é que se pode chamar «residencial» a um conjunto de algumas moradias, bonitas mas desalinhadas, e cercadas de barracões de todos tamanhos e feitios, construídos com licença camarária, e onde se criam galinhas, patos, perus, coelhos, porcos... e onde até se fazem montureiras de esturme, com o consequente mau cheiro e mosquito para toda a vizinhança.

A Câmara de Nelas não nega, na sua resposta, a existência do problema da água. Mas há também o das lixeiras: muitos caminhos vicinais onde só se pode passar com o dedo no nariz, e com dificuldade, pois estão obstruídos com lixo em putrefacção, para ali deitado por alguns moradores. Casos concretos: no caminho de acesso às fazendas conhecidas por «Chão do Estreco», logo acima do portão das Toiças, no caminho da Borracheira, junto ao da Rogada, e até no Fundo do Povo, junto à ponte. Não poderia a Câmara preocupar-se também com esses problemas? Tal como sugere o sr. Pais Monteiro, a obra «grandiosa» do Largo do Município poderia talvez esperar melhores dias.

Não pede, tão insistentemente, o Presidente do Conselho que todos os portugueses colaborem na obra de Progresso Social e Económico do País? E criticar objectivamente não é colaborar? E não serão os problemas de água e lixo importantes na vida

sociai e económica duma povoação?

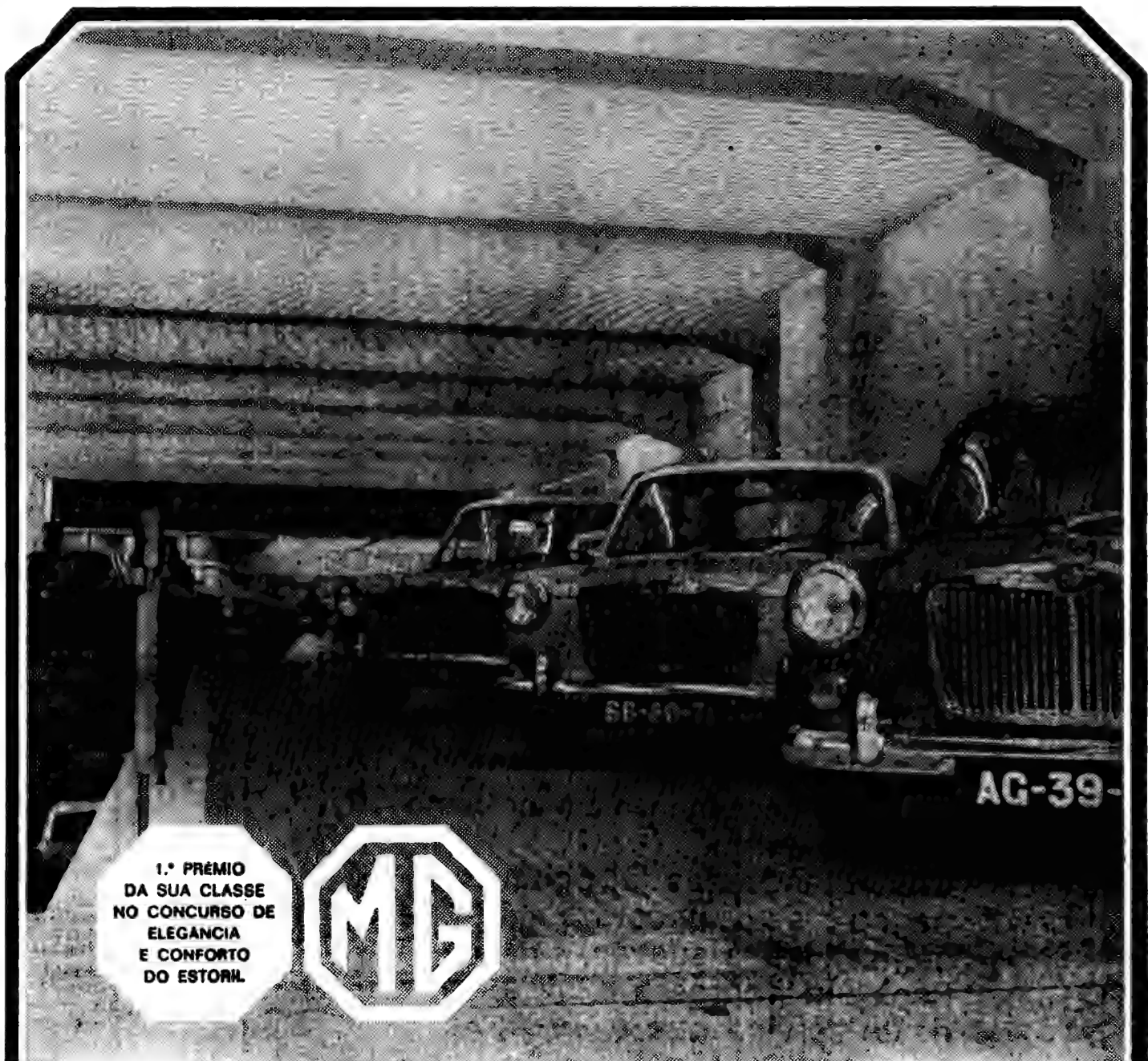
E será que a carta do sr. Albino Pais Monteiro merece uma resposta tão pouco airosa e deslembada da Câmara Municipal de Nelas?

Há ainda outras coisas que estão muito mal na Vila de Nelas. O problema do emprego, por exemplo: empregados que não estão inscritos nas Instituições de Previdência, escondendo-se quando «passa o fiscal». Embora a Câmara nada tenha a ver com este assunto, seria bom tentar encontrar uma solução».



Presença Ford na festa da Escola Agrícola D. Dinís (Paia)

No decurso da festa de encerramento do ano lectivo da Escola Agrícola D. Dinís (Paia), a Ford Lusitana ofereceu àquele estabelecimento de ensino um tractor da vasta gama Ford. Integrado no programa das festas, houve ainda demonstrações da utilização de diversas máquinas agrícolas Ford.



1.º PRÉMIO
DA SUA CLASSE
NO CONCURSO DE
ELEGÂNCIA
E CONFORTO
DO ESTORIL



MG 1300 MK II

fulgurantemente rápido e desportivo,
desenhado para quem sabe e gosta
de guiar

Não podia deixar de o ser. Tem uma tradição a cumprir. Mais: nunca se viu MG (de 5 lugares) tão requintado, nem com tanta vontade de despachar estrada. E como ele se agarral E o agradável que é com o tal volante de competição nas mãos, meter aquela magnífica terceira e deixar a longa fila de carros para trás. O MG 1300 MK II é de facto o carro para si. Mas terá de facto você unhas para ele?

A. M. ALMEIDA, LDA.
Av. Guerra Junqueiro, 16A e 16D - Lisboa
(Com parque privativo para os nossos clientes)
Porto - Coimbra - Braga - Faro - Oihão
Agentes em todo o País



nas férias
os seus filhos
podem
aprender inglês
num colégio católico da Irlanda

Peça ao seu Agente de Viagens o programa do curso de férias Multitur no Marian College, em Dublin. E ofereça aos seus filhos a importante vantagem de falar e escrever correctamente a língua internacional de hoje — o inglês.

- Inscrições — ambos os sexos, 13 a 18 anos
- Duração — 4 ou 8 semanas
- Partidas — 4 Julho e 1 Agosto
- Preços (tudo incluído) desde 9.400\$ *

* Aproveite as facilidades do sistema Multicredito

Cursos de férias
multitur



A AGUIA AGRADECE ao tratador e dono depois dele ter obtido uma vitória em face de uma ordem de despejo. Ken Dawson, o dono, recebeu a ordem de um antigo patrão. Com ele e a família teriam de sair da quinta onde viviam mais 100 pássaros dos trópicos. Finalmente, um tribunal deixou que a «família» ficasse, desde que não aumente muito

CURIOSOS E DESGRAÇAS DO MUNDO - 3

CHÁ DE TÍLIA A EXPLORAÇÃO

— Se o senhor soubesse a minha vida até ia roubar para me dar algum!

Arco de S. Vicente, à Feira da Ladra, manhã de chuva miudinha. Olho esquerdo espetado no repórter (o direito é uma névoa azulada), Francisco, ervanário dos poisos da rua, não quer mais conversa. Ele ali a ganhar o pão, o caldo, o copo de vinho — e vem um tipo, «com ordenado e barba feita», a querer saber como é, como não é, isto e mais aquilo... «Falta de respeito por quem trabalha!».

Não, ele não diria nada, que uma vez uns estrangeiros filmaram-no, fizeram-no cruzar a rua não sabe quantas vezes, ponha-se assim, ponha-se assado e, no fim, deram-lhe a miséria de 50 escudos. E agora, era, seria a mesma coisa, exploravam-no mais uma

vez, tim-tim por tim-tim, e toma lá cinco c'roas...

— Mas...

— Ponha-se a andar!

Desça ao contra q' versa!

Vaso d' toda a ge voz alta, irritado - sidade de o repórte lavas da coeira d sem ter c a compr que lhe f Coro (c vozes no te: — Resp

Reportagem de PEDRO

Já o «flash» tinha relampejado na barba por fazer do ervanário. Vai, não vai, o repórter ficou encostado na pedra de S. Vicente, os olhos nas plantas que a zanga de Francisco não conseguia arrumar bem na laje do passelo. Que idade teria aquele homem, donde viera, o que fizera na vida? Sempre pelos campos e serras à cata das ervas...? Outro ofício...? Mulher e filhos...? Enfim — coisas e coisas que toda a gente tem para contar.

Mas o homem do Arco de S. Vicente era teimoso no resmungo e afiado na ira:

— **Ai espedado como um policial** Pois olhe que tenho a licença paga...

— Ah, paga licença...?

— **Claro que sim!** Então o senhor julga que... Mas que estupidez a minha! Calate, beca! O senhor quer é que eu fale, conte coisas, isto e mais aquilo... O malandro a querer ganhar dinheiro à minha custa!

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto às pessoas de amizade.

DA MODA
RUA DA PRATA, 257
GRANDE OURIVESARIA

VIAGENS IT CITIRAMA

AMSTERDÃO	4 550\$00
BASILEIA	5 300\$00
BELFAST	5 250\$00
BERLIM	6 300\$00
BERNA	5 300\$00
BRUXELAS	5 200\$00
CASABLANCA	3 600\$00
COPENHAGA	8 750\$00
DUBLIN	5 510\$00
EDIMBURGO	5 450\$00
FLORENÇA	5 670\$00
FRANKFURT	5 550\$00
GENEVA	4 700\$00
HAMBURGO	6 000\$00
HANOVER	5 950\$00
LONDRES	4 400\$00
MADRID	2 280\$00
MILÃO	5 000\$00
MUNIQUE	6 050\$00
NICE	4 500\$00
PARIS	4 950\$00
ROMA	5 250\$00
VIENA	6 750\$00
ZURIQUE	5 460\$00
E OUTRAS CIDADES	

... PEÇA-NOS PROGRAMA

CITIRAMA

Viagens e Turismo, SARL

LISBOA

Av. Praia da Vitória, 12-B
Telef. 560668-561607

CASCAIS

Rua Dr.ª Iracy Doyle, 6-A
Telef. 283456

AVISO

O IMPOSTO PROFISSIONAL
estará a pagamento no próximo
mês de Julho.

Contactando-nos já, poderá
pagar o seu imposto em 12
mensalidades suaves.

Peça um impresso explicativo
deste serviço que o Banco
criou para si.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta.

SALÃO AUT Hotel Ritz-26 de Jun



* TAMBÉM EM VERSÃO DESCAPOT

IA NÃO ACALMA ÇÃO DO HOMEM

Na ao Rossio que lá en-
tra quem lhe dê con-
ta!

Assa difícil na rua de
a a gente. Palavras em
alta, Francisco todo
tado — e logo a curio-
dade de quem passa sobre
repórter, ali a pagar as
as da «filmagem trai-
ra dos estrangeiros»,
a ter culpa de nada, mas
compreender o homem
lhe fugia á fala.

oro (desencontrado) de
es no Arco de S. Vicen-

Responda lá, tiozinho!

PRO ALVIM

Deixe o homem vender
paz!

Então não vê que isto
para o jornal e até lhe
ve de reclame?

Ora! Ele já tem fre-
ses. Precisa lá da cara
papel!

Francisco, apoiado, desa-
ado, desabafa com um
de Maria.

Tome chá de tilia! —
a, apressada, uma rapa-

Cigarro aceso para comprar um homem

Exactamente: lá está a
tilia nas pedras do passeio.
Linda para os olhos e boa
para os nervos. Só que
Francisco vê na tilia única-
mente a rotina, o molho a
15 tostões, e beber daquilo
é que ele não bebe.

Bebeu o insulto da vida
e agora vomita-o todo:

— Ai, ai, ai, ai! Desam-
parem-me o tasco, deixem-
me aviar os fregueses,
saíam, desapareçam daqui,
que as pessoas até se assus-
tam com tanta gente á mi-
nha volta! E você, seu fo-
tógrafo, sem fotógrafo das
duzias, não me tire mais o
retrato! Não explore a mi-
nha tristeza... Tal e qual
como aqueles estrangeiros
do «catano» que me fize-
ram andar aí numa fona,
rua acima rua abaixo, para
me darem a miséria de 50
escudos! Fora, fora, gente
sem vergonha!

As pessoas vão-se afas-
tando — e o repórter, dis-
cretamente, decide-se a
pagar as palavras de
Francisco.

Uma nota de cinquenta?

Cinquenta com vinte...?
Verdade, é que a verdade de
um homem não tem preço.
Bem — um cigarro aceso
atira com a proposta do
repórter:

— Tá btm...?

Nome roubado debaixo de chuva

Acontece, então, que o or-
gulho do homem o põe todo
de pé.

Ele, agora, não podia acei-
tar o dinheiro que lhe era
oferecido. Pois se tinha
condenado a exploração
dos estrangeiros, «aquela
miséria de 50 escudos», ia
agora estender a mão a um
tipo «com ordenado e
barba feita» que lhe queria
sugar a história da sua
vida...?

— Guarde o dinheiro, o
dinheirinho, que lhe não
dou nem uma palavrinha!
O senhor é tão explorador
como os outros... Vá á sua
vida e deixe-me na minha!

— Mas, sr. Francisco...

— Ai, ai, ai! Bem se vê
que o senhor não conhece
os homens da Beira Baixa!
Eu sou de lá, sabe...? Pode
ficar todo o dia aí parado,
que de mim não leva mais
nada! Raça de explorado-
res... E não lhe perdoe a
maneira como me arrancou
o nome! Que vigário
hem...? Chega-se aqui e
pergunta se me chama An-
tónio. Eu, de boa fé, digo
que não, que me chamo
Francisco... Depois, claro,
sr. Francisco isto, sr. Fran-
cisco aquilo... Raio de habi-
lidade que não lhe renderá
mais nada cá do homem!

— Desculpe, mas...

Francisco não deu mais
palavra. A freguesia come-
çou a parar por ali, e era
um molho de loureiro, ou-
tro de ervas de S. Roberto,
outro ainda de erva cidrei-
ra... E também molhos de
lúcia-lima, que é uma erva
que tem um nome que me-
rece um poema e faz muito
bem aos males do fígado.



Francisco ervanário do Arco de S. Vicente (Feira da Ladra). Ali sempre nas terças-
feiras e sábados. Nos outros dias (disse uma sua cliente habitual) anda pelos cam-
pos e serras á cata das ervas e plantas que curam os males do corpo

Enfim — de Francisco er-
vanário oferece-se ao leitor
o resmungo contra a explo-
ração no borbório da
Feira de Ladra em manhã
de chuva miudinha.

NOVO CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

PORTO, 29 — Na sexta-
feira, ás 9 horas, o secre-
tário de Estado do Trabalho
e Previdência presidirá á
inauguração das instalações
do Centro de Formação Pro-
fissional para as Indústrias
de Madeira, na Rua Eng.º
Ezequiel de Campos.

Na mesma altura, aquele
membro do Governo conferi-
rá posse aos novos dirigentes
do Grémio Nacional das In-
dústrias de Madeira.

VOLTA A HAVER EM SERPA A FESTA DOS PASTORES

SERPA, 29 — Volta a
aver hoje nesta vila,
depois de muitos anos de
interrupção, a tradicional
Festa de S. Pedro, padroeiro
dos pastores e protec-
tor dos seus rebanhos.

A festa é animada por
um grupo de pastores com
os seus trajes regionais,
que percorre as ruas da
vila tocando tambores, pí-
aro e tamboril e execu-
tando uma melodia har-

moniosa.

As despesas são cober-
tas com o produto das
ofertas que são feitas ao
padroeiro e que se vendem
em leilão junto á ermida
do Bairro Municipal, de-
signadamente fogaças (bo-
los caseiros em forma de
roda), que por vezes atin-
gem cerca de 50 centíme-
tros de diâmetro e são en-
feidadas com miolo de
amendoa.

UTOMÓVEL DE VERÃO-71

Junho a 4 de Julho

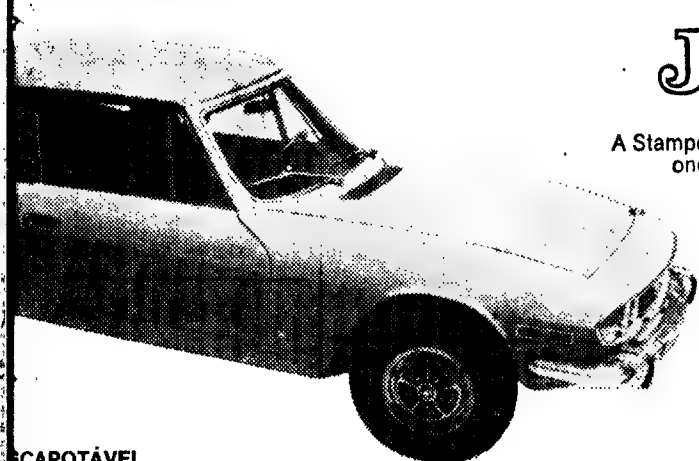
Apresentando o novo e luxuoso **TRIUMPH
STAG**

e o novo e espectacular
JAGUAR 'E'V-12

A Stampor convida-o a visitar o «Salão Automóvel de Verão-71»,
onde poderá admirar estes e todos os outros modelos das
famosas linhas Triumph e Jaguar/Daimler, grandes
vencedores do Concurso de Elegância e Conforto
Automóvel do Estoril, onde foram distinguidos com
onze importantes prémios.

Sorteio diário de magníficos acessórios de automóvel

stampor, SARL



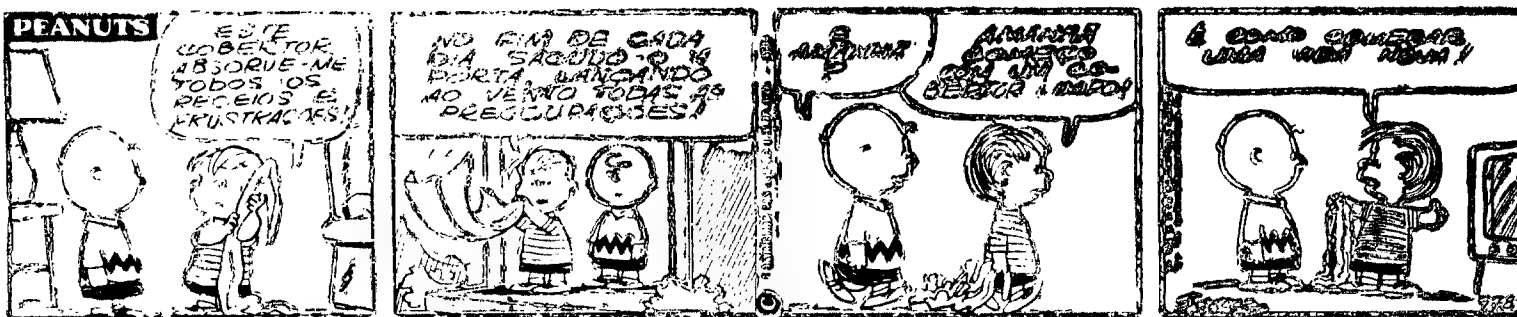
SCAPOTÁVEL



O ÊXITO COMEÇA DE MANHÃ

Você sabe, tão bem como nós,
como o êxito na vida começa de
manhã... a alegria de viver, a
confiança em nós próprios, o bem
estar físico, tudo é importante! E
tudo é preciso para o êxito do
homem! Com a sua máquina de
barbear "calor", e logo pela
manhã, com a barba
impecavelmente feita, você (será)
o êxito dum novo dia!

CALOR
um exclusivo IBEREX



OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Junho de 1941 publicava:

«O Reich volta a agrupar a sua volta as potências que combatem o comunismo, as que assinaram o pacto anti-Komintern, especialmente. Já a seu lado combatem a Hungria e a Roménia, a Finlândia em menor escala, pois as consequências do recente conflito com os soviéticos se fazem sentir em larga escala neste país, e a Eslováquia, cujo apoio militar e de pouca importância. A Itália, apesar de empenhada noutras tarefas no Mediterrâneo e no continente, prepara tropas para irem combater na Rússia, em Espanha organizam-se contingentes de voluntários.»

TRANVIAS

LISBOA-AZAMBUJA

Previne-se o Público de que, a partir do dia 1 de Julho de 1971, são feitas as seguintes alterações ao HORÁRIO em vigor:

Comboio n.º 110 — Passa a efectuar paragem em Braço de Prata às 9,36 h. e retardada para as 9,42 h. a sua hora de chegada a Lisboa (Santa Apolónia).

Comboios n.ºs 22913 e 22914 — Suprimidos.

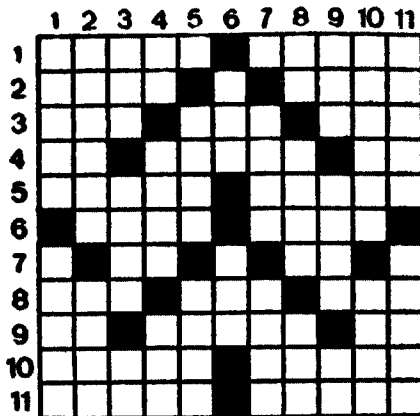
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5937

HORIZONTAIS: 1 — Venerável. Instrumento de tortura. 2 — Canga. Costumar. 3 — Bo selvagem. Tritura. Pega. 4 — Preposição. Natureza animal. Antes do meio dia. 5 — Devorador. A flor, o que há de melhor na sociedade. 6 — Planta umbelífera. Remedeia. 7 — Nesse lugar. Idem. 8 — Aqui está. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Espaço de doze meses. 9 — Ruim. Retoso. Érbio (s. q.). 10 — Mete em atoleiro. Terceiro estômago das aves. 11 — Murcha. Toste.

VERTICAIS: 1 — Robustez (f.g.). Divisa. 2 — Fora (Interj.). Pequeno barco de recreio. 3 — Ninho. Nome científico do pato. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 4 — Bosta. Duzentos e dois em romano. Renque. 5 — Madres. Estimai. 6 — Pesor. Cidade de França. 7 — Aquela que depois de morta foi rainha. Classe de tropa. 8 — Artigo definido. Prende com elas. Preposição e artigo definido (pl.). 9 — Rote. O mesmo que ainda. Pertences. 10 — Desprende. Variedade de arroz, com casca, da Índia Portuguesa. 11 — Fio de latão. Branquear ao sol.



Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5936

HORIZONTAIS: 1 — Paus. Criva. 2 — O. Trapear. 3 — Si. Afros. 4 — BOM. Bol. AMO. 5 — Acabas. Breu. 6 — Autos. Cies. 7 — Adir. Pranta. 8 — FAZ. III. Aro. 9 — Rs. Orlos. At.

10 — Arredal. O 11 — Seroa. Olmo.
VERTICAIS: 1 — Abio. Afros. 2 — Socadas. 3 — At. Matiz. Ar. 4 — Ura. Bar. Oro. 5 — Saibas. Inra. 6 — Prós. Pile. 7 — Ceal. CRIADO. 8 — Ras. Biá. Sol. 9 — Ir. Arena. Im. 10 — Amestra. 11 — Arcou. Aoto.

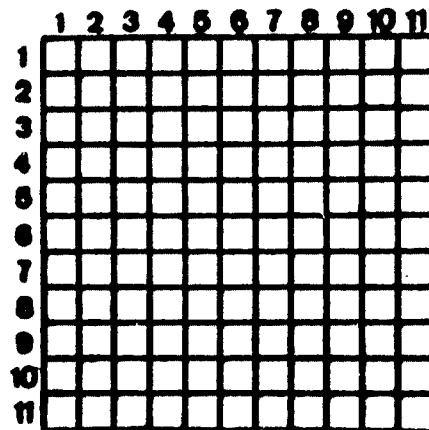
Provérbio: O BOM AMO FAZ O CRIADO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9780

HORIZONTAIS: 1 — Arrefecidas. Voltar. 2 — Molestar. Charnua. 3 — Paneles. Patrões. 4 — Raer. Dá mios. Agora. 5 — Viração. Remora para trás. Niquel (s. q.). 6 — Conduzida à forja. 7 — Prefixo que designa or. Altar. Cristão. 8 — Vila e concelho do distrito de Portalegre. Rezar. 9 — O mesmo que linha (de geração) (Ant.). Colocar. Estava. 10 — Limpe com a vassoura. Exclusiva. 11 — Guarnecidos de asas. Bancas.

VERTICAIS: 1 — Vegetação. Lva. 2 — Tor-nara a ler. Caminhos. 3 — Rio da Alemanha. Surgira. 4 — Duna na Suécia. Acreditais. Traça. 5 — Senhor. Dar mios. Utensílios domésticos. 6 — Vendas o crédito. Pedra de moinho. 7 — Futil. Cidade das ilhas Baleares. Alcool de melago. 8 — Tempo do verbo ir. Ilha do Pequeno Belt. Neón (s. q.). 9 — Braço. Ofereceis. 10 — Arma. Baú. 11 — Corais (Fig.). Glóbulos.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9779

HORIZONTAIS: 1 — Agora. Costa. 2 — Trio. Prior. 3 — Res. Fim. Ore. 4 — Al. Peres. Na. 5 — Salir. Sacar. 6 — Ruar. Ciar. 7 — Aná. Lós. 8 — El. Dia. Pd. 9 — Sarau. Rosas. 10 — Aviar. Alara. 11 — Soara. Marmal.

VERTICAIS: 1 — Atrás. Pesas. 2 — Grelar. Lavo. 3 — Ois. Lua. Ría. 4 — Ro. Piar. Aar. 5 — Ferradura. 6 — Vir. 7 — Mesclaram. 8 — Op. Saia. Olá. 9 — Sio. Cás. Sam. 10 — Tornar. Pará. 11 — Anear. Casas.

CRONOGRÁFO

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa



Incabloc Resistente
100% Impermeável



se passa por AVEIRO

pare no

LARGO DO MERCADO



O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, taxem lareiras lindas. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 208, 1.º c., Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39

VENDA AO PÚBLICO

DINHEIRO
S/AUTOMÓVEIS

Sem mudar nome, s/ alterar o seguro, sigilo. Rua D. Estefânia, 81, 3.º, dt.º — 40049 563751

GUARDE ESTE ANÚNCIO

CRÓNICA CINEGÉTICA

COPIOSA CHUVA DE PROJECTOS

SÓ FINDARÁ QUANDO TERMINAR O MONOPÓLIO DA CAÇA

Já anteriormente apontamos as principais alterações introduzidas pelo Decreto n.º 37 983, de 26 de Setembro de 1950, no regulamento da caça então vigente pelo disposto no decreto n.º 23 461, de 17 de Janeiro de 1934, motivo que nos leva a ocupá-los agora da chuva, verdadeiramente copiosa, de projectos de leis tendentes a modificar a legislação em vigor.

Antes, porém, entendemos dever salientar, por ser verdade, que qualquer diploma que viesse defender, protegendo-a do seu extermínio, a riqueza venatória da Nação só poderia ser recebido entusiasticamente pelos verdadeiros adeptos do salutar desporto que não são os que deambulam pelas regiões onde haja relativa abundância de espécies para chacinar. Não, estes, muitos dos quais se apresentam como defensores da caça só pensam exterminar esta riqueza. Chamando saudosistas aqueles que na caça não vêem modo de ser açougueiro, pois, a praticam moderadamente, esquecem que acambarcando-a, passam a ser eles os saudosistas dos tempos de 1400... em que a caça era regabofe de uns tantos senhores apenas.

E alguns destes projectos, como adiante se verificará, atingiam e superavam até a necessidade, já então ampla e plenamente reconhecida como necessária, de evitar a perda de tão valioso património da Nação, a todos os títulos, preciosos. E tanto mais, quanto é certo que essa protecção podia alcançar-se como ainda hoje é viável, sem necessidade de recorrer ao seu acambarcamento. Isto, claro, em detrimento, manifestado e exuberantemente comprovado por actos e feitos, dos usos e costumes já seculares, que outorgaram à maioria esmagadora dos interessados o usufruto desta riqueza nacional com a prática desta modalidade desportiva. E esforçaram-se por alardear o sagrado direito de propriedade como se alguém contra ele atentasse só porque de harmonia com os preceitos do Direito Romano, em vigor entre nós há séculos e de que eles mesmos se aproveitaram durante muitos anos, e ainda aproveitam talando campos livres que não são seus, matam um animal selvagem mesmo vindo, às vezes, de milhares de quilómetros de distância. Que não resultou qualquer benefício geral para a fauna está à vista, pois, ao contrário do que se alardeia, de que tal sistema, o do acambarcamento da caça, viria a aumentar a escassez, algumas zonas com a proliferação de coutos e aramados e caçadores profissionais, tanto ricos como pobres está constatada inconfundivelmente, não ilude quem quer que seja a despeito de todos os manter uma situação de falsos sofismas inventados para grande injustiça social. Serviram-se opiamente algumas centenas de pessoas de fartos proventos que já há anos defendiam acérrimamente o direito de coutar à imitação da Idade Média, já tão distante mas com a qual ainda há quem sonhe, muitos deles depois de terem, durante anos consecutivos, contribuído poderosamente para acelerar o caos venatório. Mas ainda preconizar protecção à fauna venatória através, por exemplo, do encurtamento dos dias de caça, de racionamento do número de peças que cada um pode abater já que a caça não deve ser mo-

do de vida de quem quer que seja, proibição do uso de certas armas, como as automáticas (nós também possuímos uma automática), repovoamento de espécies vindas das reservas a esse fim destinadas que não para a prática de «recordes», fiscalização nos campos para atenuar a actividade nefasta dos furtivos, etc., Por outro lado, porém, criou o regulamento situações altamente anómalas como, além dos coutos medievais, coutados e aramados,

o da permissão e oficialização do caçador profissional mediante uma licença de custo irrisório como o é a taxa paga ao Estado pelos coutos, indivíduo que nos terrenos livres, uns nos coutados, os outros praticam diariamente — diariamente num país onde as espécies cinegéticas escasseiam — chacinam de animais, de cuja comercialização vive algumas regiões, durante meses consecutivos, os primeiros, fazem milhares de escudos na venda de caça

assim sacrificada, os restantes.

Vejamos, resumidamente como não pode deixar de ser, os projectos de lei apresentados na vigência do decreto n.º 23 461, de 17 de Janeiro de 1934, e os propósitos dos seus autores alguns dos quais, digase desde já em abono da verdade respeitavam honestamente a tradição venatória portuguesa, já secular, que ao povo conferia o direito de continuar a usufruir este bem comum nacional em igualdade.

de de condições com todos os portugueses. Mas tudo leva a crer que o alvo a atingir não era o fomento cinegético por parte de alguns autores desses projectos, como depois se havia de verificar, mas o acambarcamento da caça, que desde o início do presente século se ensaiava como já anteriormente dissemos. A prova insofismável e irrefragável desta afirmação patenteia-se iniludivelmente com o estado de escassez de animais da fauna nos terrenos

livres, por manifesta falta de protecção que nunca deixou de ser implorada, tendo embora o custo das licenças de caça aumentado substancialmente. A licença geral, por exemplo, passou de 28\$00 para 300\$00. Há, é certo, outras espécies de licenças como a conceleira e a regional que custam no Sul, onde os coutos se contam às centenas, 90\$00 e 200\$00.

Voltaremos ao assunto.

NABAIS DA CUNHA

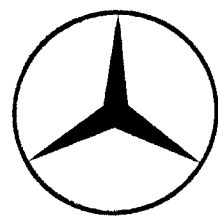
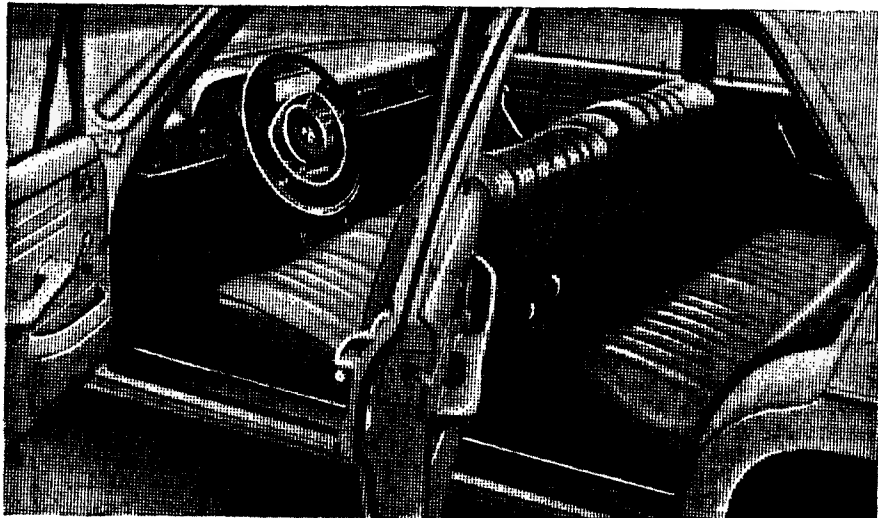


Mercedes Benz 220 D(diesel) economia com classe, robustez com elegância.

O automóvel Mercedes-Benz concretiza, melhor do que qualquer outro, o desejo de quem pretende um carro económico sem abdicar de um carro de grande classe. E o Mercedes-Benz 220 D (Diesel) não é só económico pelo seu consumo de gasóleo mas porque, concebido

e executado pela mais alta qualidade técnica Mercedes-Benz, além de uma linha de elegância requintada é um carro de uma robustez a toda a prova — o que significa uma assistência de oficina muito reduzida. Não é de admirar, pois, que o Mercedes-Benz 220 D (Diesel)

em qualquer momento, seja também o carro de maior valorização comercial. Por tudo isto ao dizermos que o Mercedes-Benz 220 D (Diesel) simboliza a economia com classe e a robustez com elegância, sabemos o que afirmamos e orgulhamo-nos disso. Certos de que V. também virá a orgulhar-se dele.



Mercedes-Benz

C. SANTOS SARL
Av. da Liberdade, 29, 41 - Lisboa
Filiais em: Porto - Coimbra
Braga - Faro - Olhão
Agentes em todo o País

FERNANDO SYLVAN

O escritor Fernando Sylvan foi nomeado director da Secção de Estudos das Navegações e do Extremo Oriente da Sociedade de Língua Portuguesa.

nova
agência
PHILIPS

Casa Júnior

(AO CAIS DO SODRÉ)

RUA DO ALECRIM, 19 A - 21 A - TEL. 32 10 53
RUA DE S. PAULO, 29, 1.º - TEL. 32 86 63
LISBOA

RÁDIOS
TELE-RECEPTORES
ELECTROFONES
GRAVADORES
ELECTRODOMÉSTICOS

HIDRO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

RUA DO DR. ALVES DA VEIGA, 57, 1.º
PORTO

SERVIÇO DE OBRIGAÇÕES

PAGAMENTO DE JUROS

De harmonia com as condições das respectivas emissões, estarão em pagamento a partir de 2 de Julho próximo, os juros das obrigações abaixo indicadas:

Emissões	Cupões	Obrigações	Importância líquida a pagar
3.ª — 5% — 1951/97	40	Portador Port. Reg. Nominativas Inst. Prev.ª	16\$04.8 21\$51 21\$33.5 24\$82.5
4.ª — 5% — 1955/85	33	Portador Port. Reg. Nominativas Inst. Prev.ª	16\$01.5 21\$51 21\$26 24\$75
5.ª — 5% — 1960/89	24		

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Conforme anúncio oportunamente publicado nos jornais, procedeu-se ao sorteio, em 3 do corrente mês, para efeito de amortização, a partir de 2-7-1971, de 826 obrigações, tendo sido sorteados os seguintes títulos:

3.ª EMISSÃO — 5 %
1951 — 97

22.º SORTEIO
84 obrigações
Último cupão
pagável — 40

Títulos de 1

131	133	140	566	604
663	704	709	856	877
884	957	1162	1243	1334
1412	1673	1852	2070	2128
2140	2173	2238	2256	

Títulos de 5

2651	3616	4591	4741
------	------	------	------

Títulos de 10

6641	6101	7781	8661
------	------	------	------

4.ª EMISSÃO — 5 %
1955 — 85

23.º SORTEIO
89 obrigações
Último cupão
pagável — 33

Títulos de 1

88	141	176	211	229
238	277	279	317	322
369	389	461	561	708
720	759	766	791	798
820	1008	1087	1104	1152
1273	1315	1330	1382	

Títulos de 5

1771	1946	2151	2251	2651
2971	3171	3636		

Títulos de 10

4901	4911
------	------

5.ª EMISSÃO — 5 %
1960 — 89

15.º SORTEIO
653 obrigações
Último cupão
pagável — 24

Títulos de 1

32504	32732	32742	32782	32790
32969	33184	33297	33373	33391
33434	33437	33525	33542	33662

33687	33756	33766	33888	33917
33924	34005	34025	34158	34174
34404	34414	34501	34502	34557
34618	34638	34911	34931	35099
35120	35132	35289	35316	35373
35383	35429	35439	35440	35587
35859	35867	35879	35888	35905
35936	35956	35965	36016	36036
36056	36106	36116		

Títulos de 5

24261	21276	24576	25056	25251
25581	25686	25876	27016	27316

Títulos de 10

27471	27611	28131	28136	28201
28231	28236	28331	28336	28431
28871	30081	30296	31611	31796
31931	32191			

Títulos de 100

15471	15731	15921	19151	19201
19221	19251	19301	20961	21061
21161	21211	21311	23291	37001
37481				

O pagamento do valor dos juros correspondentes aos cupões acima indicados e o reembolso das obrigações sorteadas serão efectuadas na Sede da Companhia Portuguesa de Electricidade — CPE, S.A.R.L., no Porto, ou no seu Estabelecimento Central em Lisboa, e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Caixa Geral de Depósitos
Almeida, Basto & Plombino & C.ª
Augustine Reis & C.ª
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco do Fomento Nacional
Banco Fonecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayer
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Bank Of London & South America
Crédit Franco Português
Crédito Predial Português
Montepio Geral

Porto, 25 de Junho de 1971.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



LEVEZA
E ROUPA
BEM PASSADA



— Luz avisadora
— Controlo automático, com selector de tecidos
— Termostato de arco que suprime as interferências na rádio e na TV
O favorito de milhões de lares, garantido pela experiência de uma marca de prestígio:
MORPHY-RICHARDS

morphy richards

soc. de rep. SIDA SUECA LDA. * RUA DE S. NICOLAU 44 4B - LISBOA

LUSO BUÇACO

GRANDE ESTÂNCIA
de

CURA
REPOUSO
TURISMO

Tratamento de litíase renal, uricemia, gota, hipertensão e doenças alérgicas do aparelho respiratório.

1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

ADMIRÁVEL CONJUNTO DE BELEZAS NATURAIS

HOTÉIS E PENSÕES
DE
TODAS AS CLASSES

Informações: JUNTA DE TURISMO
Telefone: 93133

APEADEIRO DE FAZENDA

(LINHA DO LESTE)

Previne-se o Público de que, a partir do dia 27 de Junho de 1971, passam a efectuar paragem no novo apeadeiro de FAZENDA, na linha do Leste, entre as estações de Ponte de Sor e Torre das Vargens, os comboios abaixo indicados:

Ascendentes		Descendentes	
Número	Hora	Número	Hora
2321	2-23	2322	7-31
2323	10-11	2320	10-33
2321	18-33	2324	18-39
2325	22-17	2326	20-56

A primeira circulação a efectuar paragem e a n.º 2323 do dia 27.

Lisboa, 25 de Junho de 1971

O MUNICÍPIO DA MURTOSA GASTA DINHEIRO COM ESTRADAS

MURTOSA, 29 — É grande a actividade que se nota na vida municipal. Algumas obras estão em curso, com a participação do Estado, destacando-se as seguintes: reconstrução das Ruas de Santo Estêvão, Presidente Saldanha Pais, Professor Alípio Portugal e da Saudade, e a construção de uma nova estrada na praia da Torreira. São obras cujo valor deve chegar por importância superior a 2.000 contos e que se tornavam bastante necessárias, pois o estado das vias que estão a ser reconstruídas era muito mau.

Vedação de propriedades

A Câmara Municipal deliberou há meses eliminar todos os cômodos de tamargueiras que confinassem com a via pública, para melhor estética; esta deliberação agravava extraordinariamente a situação económica dos municípios, especialmente lavradores, que todos sabemos atravessaram grave crise económica.

Os municípios protestaram e, em massa, apresentaram o seu protesto em sessão camarária. A Câmara reconheceu a justiça e a razão que lhes assistia, deliberando suspender a execução dessa deliberação até melhor oportunidade. Não seria de facto mau, mas também temos de reconhecer que tal medida não era prudente nem oportuna e, por outro lado, não podemos condenar os cômodos de tamargueiras, desde que estejam sempre bem podados e enfeitados com madressilvas ou outros arbustos.

Estão a chegar os emigrantes

Começam a chegar muitas famílias, daqui naturais, que se encontram nos Estados Unidos e vêm visitar os seus parentes e a terra natal. Espera-se que no ano corrente

o número de famílias que aqui vêm passar a época estival seja superior ao de 1970, aproveitando as deslocações económicas que as companhias de transportes aéreos americanos oferecem nesta quadra.

Carimbos especiais dos C. T. T.

COIMBRA, 28 — Os C.T.T. concederam dois carimbos comemorativos, para serem apostos, nos dias 31 de Julho e 1 de Agosto, quando da Exposição e Colóquio Filomenístico que a secção respectiva do Grupo dos Modestos promove.

Aquela exposição inclui-se no plano de homenagem a José Maria Santiago, grande

impulsor do filomenismo nacional.

— Será aposto, igualmente, nos dias 1, 2 e 3 de Julho, na correspondência apresentada no posto dos C.T.T., a instalar na sede dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto, um carimbo especial, comemorativo do 25.º aniversário daqueles serviços.

COMÉRCIO POR GROSSO

Regressaram de Amsterdã os delegados da Corporação do Comércio que ali se desfilaram para tomar parte na assembleia geral do Centro Internacional do Comércio por Grosso.

Da Delegação fizeram parte os srs. Manuel Andrade e Sousa, Sérgio Teixeira de Queirós e dr. Vasco Santiago Neves respectivamente, presi-

dente, vice-presidente, e secretário geral do Comércio.

Em Lisboa, no 1.º de Outubro próximo, reunirá o Conselho de Administração do Centro, nos dias 19 e 20 do mesmo mês, as reuniões do Conselho de Administração e da Assembleia Geral da Organização Internacional do Comércio (C. I. C.).



Reuniões de cursos de Medicina e Direito

COIMBRA, 29 — Reuniu-se aqui o curso de Medicina de 1941, do qual fizeram parte, entre outros, os srs. drs. Figueiredo Leite, de Aveiro; Esteves Correia, de Viseu; Parada Leitão, de Lisboa; Montezuma de Carvalho e Justino Girão, de Coimbra.

Os componentes do curso concentraram-se na Universidade em cuja capela assistiram a missa por alma de antigos professores e condiscípulos. Depois apresentaram cumprimentos ao reitor e vice-reitor da respectiva Faculdade; visitaram a Obra Materno-Infantil «Doutor Bis-saia Barreto» e seguiram, depois, para a Figueira da Foz, onde decorreu o almoço de confraternização.

Reuniram-se, também, os componentes do curso jurídico de 1956, que estiveram na Universidade, onde assistiram, igualmente, a uma missa. Recebidos, depois, na reitoria pelo reitor, sr. prof. dr. Gouveia Monteiro, a quem o sr. dr. Jorge Ilharco saudou, reuniram-se, a seguir, num almoço de confraternização.

APARELHAGEM

Electro-domésticos
TUDO PARA V/ CASA
— S/ FIADOR

NA NOSSA CASA
COMPRÁ COM MENOS
DINHEIRO

CASA MAX

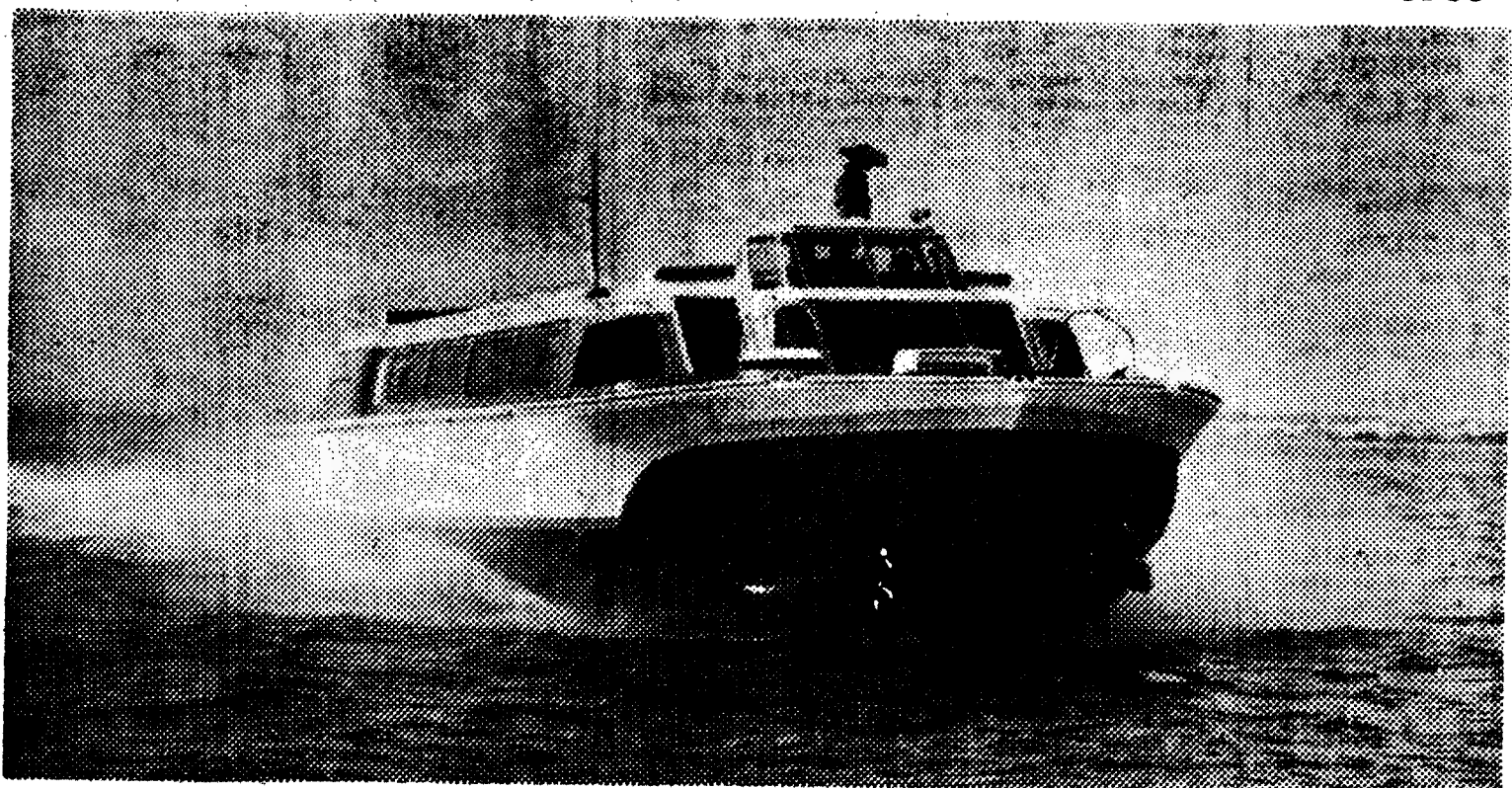
Em Julho poderá voar sobre as ondas de Setúbal a Troia em menos de cinco minutos num dos «hovercrafts» das carreiras regulares Sesimbra-Setúbal-Troia.

Visite Troia, conheça o empreendimento turístico que a TORRALTA aí vai promover e utilize o restaurante Troiamar.



TORRALTA

UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS



DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

EM BADAJOZ, OS LEÕES FORAM «GOLEADOS»

ESTRONDOSA DERROTA DO SPORTING PERANTE O ESTRELA VERMELHA (1-6)

• CINCO GOLOS MARCADOS DE CABEÇA!

BADAJOZ, 29 — Pela primeira vez na história do «Torneio Ibérico» o futebol português não estará presente na conquista do troféu. Aconteceu, ontem, que o Sporting foi derrotado pela equipa do Estrela Vermelha: e hoje, quando muito (se bater o Granada) ficará em 3.º lugar da classificação.

Sofrendo seis golos e marcando apenas um, o Sporting perdeu muito do prestígio que tinha entre os adeptos que, nesta cidade, se deslocaram ao estádio «El Vivero» para admirar a turma vencedora da «Taca de Portugal».

SPORTING — Damas: Celestino, Caló, Alexandre Baptista e Hildário; Tomé e Pedras; Joaquim Rocha, Lourenço (Gonçalves), Yazalde e Nando (Chico).

ESTRELA — Dykovic; Klenkowski, Kribo Kuca, Pavloic e Bogicevic; Antonij e Evich; Karasi, Filipovic, Acimovic e Dzazich (Nokovich).

Golos de Karasi (19 m), Filipovic (34, 40, 44 e 78), Acimovic (76) e Rocha (62).

Só se poderia aceitar a derrota leonina se for tomado em consideração que quase apresentou a reserva. Aliás, ninguém entendeu a razão por que o Sporting se sujeitou a tal: está certo que um clube profissional pense em proventos financeiros, mas já não estará ao alcance de qualquer que isso envolva evidente quebra do prestígio que granjeou noutras jornadas.

Onze homens enfrentaram uma equipa: o Sporting — sem qualquer interligação entre os seus vários elementos — foi quase um brinquedo às mãos da turma (excepcional).

mente bem preparada física e tecnicamente) do Estrela Vermelha, de Belgrado, que esta noite (às 22 horas) discute com o Real Madrid a posse de um valioso troféu.

Alexandre Baptista e Hildário, mesmo com altos e baixos, foram os melhores jogadores da defesa sportingista. O meio-campo só melhorou

com a entrada de Gonçalves. Rocha pode vir a dar que falar: o seu pontapé é muito forte e o golo que marcou foi um monumento de execução.

Quanto a Yazalde, noite nebulosa. Alinhou a meio-campo e só quando Lourenço saiu do terreno ele passou para pontade-lança subindo (levemente) de rendimento.

— Nunca joguei a meio campo — disse-nos no fim da partida, já no balneário. — Nem

sequer me adapto àquela zona! — acrescentou.

Nando foi a mais fraca unidade do ataque sportingista: a sua substituição pecou por tardia.

O Estrela Vermelha pratica um excelente futebol: muito apoiado, com bola tocada para

um companheiro logo após a recepção. Os seus defesas laterais integram-se perfeitamente na manobra atacante e o Sporting não soube contrariar as frequentes descidas de Klenkowski e Bogicevic.

A equipa tem dois jogadores fora-de-série: Dzazich e Filipovic. Celestino anulou Dzazich, uma entrada excepcionalmente violenta, absolutamente contrária às leis de jogo, à ética profissional e à honra da defesa de um emblema como o do Sporting. O público assumiu o entendimento, vaiando por muito tempo a atitude do «back» português.

O Sporting sofreu cinco golos de cabeça: um caso quase inédito. Damas (muito inseguro e sem calma) foi, talvez, quem tornou possível a marcação do 1.º e do 5.º tentos contrários.

A arbitragem do espanhol Sanchez Ibañez teve um senão: validou o 3.º golo, obtido em nítida posição de fora-de-jogo.

CARNEIRO JACINTO

AGOSTINHO (33.º LUGAR) A 10 MINUTOS DE MERCKX

ESTRASBURGO, 29 (F. P.) — O ciclista belga Eddy Merckx ganhou a segunda etapa da Volta à França, num percurso de 144 km desde Mulhouse até esta cidade.

Merckx, que tinha conquistado a camisola amarela, logo na primeira etapa, aumentou assim a sua vantagem na classificação geral.

Com bonificação, Merckx, neste percurso, teve o tempo de 3 h. 5 m. 7 s.

O português Joaquim Agostinho classificou-se em 69.º lugar na etapa, integrado num pelotão com o tempo de 3 h. 14 m. 59 s.

Classificação geral

1.º, Merckx (belga — Driessens), 8 h. 41 m. 16 s.; 2.º, Van Springel (belga — Driessens), a 21 s.; 3.º, Roger de Vlaeminck (belga — Schotte), a 32 s.; 4.º, Costa Peterson (Suécia — Martini), a 37 s.; 5.º, Paolini (Itália — Gianti), a 42 s.; 6.º, Tabak (Holanda — Schotte), a 42 s.; 7.º, Zoetemelk (Holanda — Schotte), a 42 s.; 8.º, Motta (Itália — Adorni), a 44 s.; 9.º, Tomas Peterson (Suécia — Martini), a 47 s.; 10.º, Van Impe (belga — Stabinski), a 47 s.

Joaquim Agostinho, em 33.º lugar, «ex-aequo», está a 10 m. e 18 s. de Merckx.

O filme da etapa

Quando às 18 e 9, se deu início à segunda etapa do «Tour», caía uma chuvinha miúda.

Logo à partida de Mulhouse, registaram-se ataques. Tinha-se andado 9 quilómetros, quando Vianen arrancou, levando consigo Leman, Nassen, Ballini, Letort e Gomez Lucas. Esta primeira ofensiva só durou dois quilómetros, cabendo depois a vez a Manzanque e Swerts, de se destacarem. A mata volante (ponto quente), chamam-lhe os franceses, foi ganha por

Swerts. Merckx, à cabeça do pelotão, passou quinze segundos mais tarde.

Na colina do Firstplan, quando a chuva recomeçou a cair, deu-se nova série de ataques, conduzidos por Armandi, Van Impe, Zoetemelk, Delisle, Christian Raymond e, depois, novamente por Zoetemelk, que foi o primeiro no cimo, com dez segundos sobre Fuente, 15 sobre Van Impe e Raymond e 20 segundos sobre o primeiro pelotão, com Merckx. Na descida, Raymond destacou-se, mas foi alcançado por Merckx, Zoetemelk, Gosta e Thomas Peterson, Ocana, Tabak, Roger de Vlaeminck, Van Springel, Motta, Thevenet, Paolini, Delisle, Van Impe, Mortensen e Mintjens. O grosso do pelotão ficou a 1 m e 20 s.

Mintjens desapareceu pouco depois do grupo de comando. Este foi alcançado pelo pelotão, perto de Ribeauville, aos 72 quilómetros. Aos 80 os «leões» iam com 1 m e 55 s. de vantagem sobre o pelotão. Deste destacam-se Aimar, Schleck, Steevens, Boutoux e Crepaldi. Entretanto, o avanço dos homens da frente foi aumentando, cifrando-se em 6 m., 30 s., a 25 quilómetros de Estrasburgo.

Embora o vento contrário soprasse forte, Grosskost, saiu do pelotão, quando se sentiu perto da sua terra natal, Solsheim. Mas os primeiros, então já quinze, entraram em conjunto no estádio. Vlaeminck tentou o «sprint», mas Merckx ultrapassou-o na última curva, ganhando, por uma rodada, o que lhe serviu para consolidar a camisola amarela.

Joaquim Agostinho, a correr francamente mal, não conseguiu nunca manter o contacto com os nomes mais cotados: e sofreu um golpe muito rude nas suas aspirações.

Mais uma exibição da equipa alemã do Essen, novamente em Almada, após um jantar seguido de colóquio em que intervieram o dirigente Herbert Krauz, o treinador Heinz Henneberg e o árbitro Carlos Mendes.

Seguiu-se, no pavilhão almadense, um jogo de 50 minutos entre o conjunto alemão e o Almada, que aquele venceu por 23-14, com 11-3 ao intervalo.

Excelente réplica da equipa local, mormente na segunda parte, com grande evidência para os jovens Rosado, Rui Silva, João Carlos e Sousa.

O jogo foi arbitrado por Carlos Mendes e pelo alemão Sternberg, este com critério algo diferente dos nossos juizes em relação à regra do castigo máximo.

Alinharam e marcaram: Almada — Rui (Rosado); Sousa (2), Mário, Hermínio (1), Luis Malpique (5), César, João Carlos (8), Fernando Jorge (2), Galaio, Fonte Santa (1) e Rodrigues.

Essen — Gredel (Schulz); Bock, Iank (3), Iung (2), Retting (1), Pleines (5), Kolb (4), Wehnert (1), Rebel, Kuuz (2), Beckling (5) e Shermuly.

Na Amadora disputa-se hoje o festival de encerramento do Torneio Internacional (patrocinado por J. Pimenta, SARL) que engloba os encontros Almada-V. Setubal e Benfica-Belenenses, de 80 minutos cada, e um jogo entre a equipa alemã e uma selecção de jogadores daqueles quatro clubes, para a qual foram convocados Diamantino, Carrasco,

ANDEBOL

Mais um êxito da equipa de Essen

Ferreira, Mendes, José Manuel e Espadinha (Belenenses), Mário Soeiro e Luis Malpique (Almada), Costa e Vasco (Benfica), Vitor Dias, José Manuel e Octávio Albino (Vitoria).



Cassius Clay

Livre do espectro da prisão Cassius Clay pode preparar a reconquista do título de campeão mundial

CHICAGO, 29 — (R) — Livre pela primeira vez do espectro da prisão, Cassius Clay começa hoje a pensar na reconquista do título de campeão do Mundo a Joe Frazier. Em seguida, o célebre pugilista tenciona retirar-se, para se dedicar completamente à sua religião, se obtiver autorização do chefe da seita dos muçulmanos negros, Elijah Muhammad.

Cassius Clay, aliás Muhammad Ali, falou dos seus projectos depois de o Supremo Tribunal norte-americano ter decidido, ontem, por sentença de Junho de 1967, por se ter recusado a cumprir o serviço militar.

O pugilista declarou que não tinha de prestar serviço por motivos de ordem religiosa e pela sua posição como muçulmano negro, mas o governo alega que os seus motivos eram de natureza racial e política. Entretanto, Clay foi destituído do título de campeão mundial dos pesados e continuou, em liberdade sob fiança, a tratar da sua defesa que lhe deve ter custado cerca de um quarto de milhão de dólares, aproximadamente 7200 contos.

Clay foi proibido de lutar até Outubro do ano passado, mês em que venceu o norte-americano Jerry Quarry. Dois meses depois, batia o argentino Oscar Bonavena. Em Março, lutou com Frazier, num combate em que esteve em jogo a maior bolsa da história do pugilismo, mas perdeu aos pontos.

Sobre a sua questão no tribunal, Clay declarou que teve conhecimento da decisão do Supremo quando o dono da loja onde tinha acabado de fazer uma compra desatou a correr na sua direcção gritando: «Está livre, está livre. O Supremo Tribunal já resolveu». O homem agarrou-se a Cassius Clay, abraçando-o e o pugilista agradeceu a Alá e ao Supremo por ter reconhecido a sinceridade das suas convicções religiosas.

Antes de se defrontar com

Frazier, Clay deve lutar contra Jimmy Ellis, em Houston, em 26 de Julho. Depois disso, terá dois ou três combates preparatórios para a luta com Frazier, que deverá ter lugar no próximo ano.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 161/71

Faz-se saber que no dia 26 de Julho de 1971, pelas 15.30 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171 (a Alcantara), o concurso público para a «Concessão da exploração de um quiosque na Rua da Junqueira», com a base de licitação de 1.500\$00 mensais. (Processo n.º 95/71/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 1.000\$00, sendo efectuado à ordem da Câmara Municipal de Lisboa na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo anexo ao programa do concurso.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida Repartição.

Faços do Conselho de Lisboa, em 22 de Junho de 1971.

O Presidente,

Fernando Augusto Santos e Castro

Acontecimentos DE ONTEM

FUTEBOL

Com a realização da penúltima jornada da 1.ª fase, prosseguiu o 2.º Torneio de Futebol Juvenil do Seixal F. C.

Nos jogos disputados apuraram-se os seguintes resultados:

Independente Tonense. Un. Operário, 2-1; Os Académicos-Casino, 70, 1-3; Vitória das Paivas-Desportivo do Fogueiro, 1-3.

BASQUETEBOL

O I Torneio Popular do Barreiro teve a sua antepenúltima jornada:

Série A — Académica (A) — Salão Orlando, 87-106; Série B — A Competidora-D. Carnal, 4-88; Série C-Os Patos-Gás Mobil, 49-77.

PROVAS DA A. F. SETUBAL

No campo «Leonel Martins», na Quinta do Anjo, efectuou-

se o encontro correspondente à 2.ª «mão» dos jogos de passagem da II para a I Divisão da A. F. de Setubal, em que foram intervenientes a equipa local e o Palmelense. Venceram os visitantes por 2-0. Como já tinha triunfado na 1.ª «mão» por 7-0, o Palmelense volta de novo à divisão principal da A. F. de Setubal na próxima época. O êxito dos «gigantes» foi muito apreciavelmente por toda a população daquela burgo.

Actualidade internacional

A situação apresenta-se favorável aos jornais norte-americanos no caso dos documentos secretos

WASHINGTON, 29 (R) — O Supremo Tribunal dos Estados Unidos, que devia ter entrado ontem em férias, continua hoje reunido em sessão, a estudar o caso dos documentos secretos do Pentágono, esperando-se a qualquer momento a sua decisão final, autorizando ou não os jornais a continuarem a publicação.

Entretanto, o homem responsável pela divulgação dos documentos — o dr. Daniel Ellsberg — entregou-se ontem à justiça, em Boston, e o governo prepara-se para o processo.

A decisão do Supremo era esperada ontem, último dia de trabalhos antes das férias

de Verão, mas o juiz presidente anunciou que, devido à complexidade do caso, o tribunal precisava de mais tempo para o estudar e continuaria reunido em sessão enquanto fosse necessário, até chegar a uma conclusão.

Os observadores pensam que esta demora se deve a tentativas dos nove juizes para chegarem a uma decisão unânime, ou quase unânime, em virtude das implicações constitucionais que terá qualquer decisão afectando a liberdade da Imprensa, garantida pela Constituição.

Os observadores pensam que a situação se apresenta favorável aos jornais e que o

Supremo rejeitará esta tentativa sem precedentes do governo de impor censura prévia à publicação de artigos, sob a alegação de que eles seriam prejudiciais à segurança nacional.

Entretanto, o dr. Ellsberg, o homem que está na origem do escândalo ao entregar cópias dos documentos secretos aos jornais, poderá ser condenado a um total de 20 anos de prisão, a menos que o Supremo mantenha contra a posição do governo a supremacia do princípio da liberdade de informação.

Depois de se ter entregue ontem, de manhã, em Boston, Ellsberg saiu em liberdade,

sob fiança de 50 000 dólares.

Falando aos jornalistas e simpatizantes, ao sair do tribunal onde lhe foi arbitrada a fiança, Ellsberg admitiu que tinha sido o responsável pela divulgação dos documentos, relatando a forma como os Estados Unidos entraram na guerra do Vietnam, e acrescentou que estava disposto a assumir todas as consequências do seu gesto.

Falando com grande emoção o dr. Ellsberg disse estar convencido de que, mesmo que tenha de ir para a prisão, isso será um preço pequeno a pagar desde que a divulgação dos documentos contribua para acelerar o fim da guerra.



UM BOM ARGUMENTO A FAVOR DO MERCADO COMUM. A loira Gundel Sargent nasceu na Alemanha, mas vive em Londres desde há muito tempo. Em casa, Gundel tem dois «bulldozes», uma fêmea francesa e um macho inglês e, segundo a dona, os canídeos amam-se perdidamente. Quanto a Gundel, possui qualidades que permitem transformar o mais feroz inimigo da C. E. E. num fervoroso adepto da Comunidade.

ALLENDE CANCELOU A PROPOSTA DE MEDIAÇÃO NO CASO JACKSON

MONTEVIDEO, 29 — (R) — O Presidente Salvador Allende, do Chile, cancelou a sua proposta de mediação com vista a obter a libertação do embaixador britânico raptado Geoffrey Jackson, segundo anunciou a noite passada nesta capital o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Uruguai.

Um comunicado do Ministério dizia que o embaixador chileno Raul Elgueta informou o ministro uruguaio dos Negócios Estrangeiros, José Mora Otero, da decisão do dr. Allende.

A desistência seguiu-se à

rejeição pelo Uruguai da anunciada intenção do dr. Allende de tentar negociar a libertação do embaixador com os guerrilheiros urbanos esquerdistas, tupamaros, que mantêm o enviado britânico, como refém desde 8 de Junho.

O dr. Allende afirmara em Santiago do Chile, na semana passada, que tomara em consideração o aspecto «Humanitário» do caso ao anuir a um pedido do governo britânico para ajudar a conseguir a libertação do embaixador, de 58 anos.

Oito anos de pontificado

CIDADE DO VATICANO, 29. — (A. N. I.) — Paulo VI comemora hoje o oitavo aniversário da sua coroação com uma capela papal, que se celebra na basílica de S. Pedro, às 19 horas.

A cerimónia foi antecipada um dia — pois a coroação realizou-se realmente no dia 30 de Junho de 1963 — para coincidir com a celebração da festa de S. Pedro e S. Paulo, que hoje se celebra.

Sindicato Nacional dos Professores ESCLARECIMENTO

Nas notícias vindas a público respeitantes ao assalto a uma dependência bancária, um dos implicados tem sido designado como Professor. Pode este Sindicato Nacional assegurar que José João Teixeira Ormonde dos Santos não é nem nunca foi professor liceal ou de qualquer outro grau de Ensino.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO DISTRITO DE LISBOA

ABERTURA DO NOVO POSTO CLÍNICO N.º 105 006 (ALAMEDA)

A CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA, comunica que entrará em funcionamento, no próximo dia 1 de Julho, o Posto Clínico n.º 105 006 (Alameda) — Alameda D. Afonso Henriques, n.º 17 e Rua Carvalho Araújo, n.º 103, em Lisboa, telef. n.ºs: 84 57 13/4/5/6 e 84 96 21/2/3/4/5, o qual se destina a substituir o Posto com o mesmo número da Av. Guerra Junqueiro, n.º 23-1.º andar — que encerra na mesma data.

Esta nova unidade, além de integrar a área do Posto que agora encerra, abrangerá ainda diversas zonas transferidas dos Postos Clínicos n.ºs 105 005 (Angelina Vidal), 105 009 (Alvalade) e 105 037 (Olivais Sul), nos quais se encontram afixadas relações com os arruamentos que deles deixam de fazer parte.

Com vista a uma maior eficiência dos serviços e à simplificação das formalidades a cumprir pelos doentes, vai esta Caixa adoptar neste Posto, a título experimental, novo sistema de inscrição para as consultas.

Nessas circunstâncias e dadas algumas dificuldades que se prevêem venham a verificar-se nos primeiros meses do funcionamento do Posto, resultantes já da dimensão deste já dos sistemas de trabalho que vão ser ensaiados espera-se da parte de todos os utentes a indispensável colaboração para que sejam atingidos os objectivos que a todos tanto interessam.

A DIRECÇÃO

ESCOLA NAVAL PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Nos termos do artigo 59.º do Decreto n.º 454/70 de 1 de Outubro de 1970 está aberto concurso para admissão de professores do 1.º grupo — Matemática — publicado no «Diário do Governo», II Série n.º 194 de 8 do corrente mês.

Serão prestadas informações na Secretaria da Escola Naval ou pelo telefone n.º 270955 todos os dias úteis das 10 às 12 horas.

Escola Naval, Alfeite, em 24 de Junho de 1971.

P/O SECRETÁRIO

António Gomes da Silva Cruz
cap. frag AN

LORIGA



ANTÓNIO VICENTE FIGUEIREDO — BILHA

FALECEU

Alice da Conceição Figueiredo. Filhos, Nora, Genro, Netos, Sogra, e mais família, participam o seu falecimento e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas da Igreja de S. Domingos de Benfica para o cemitério de Benfica.

A FUNERÁRIA LISBONENSE
Telef. 840098

DR. JOSÉ RICARDO BENTO

FALECEU

Elvira Marques Delfim Bento, Declinda Celeste Bento, Alea Bento Rabaca Pires, marido e filhos Alexandre Bento e mulher, Alberto Bento e mulher e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, filho, pai, sogro, avô, irmão, cunhado e parente, e que o funeral se realiza amanhã, da Igreja da Pena, a hora a determinar.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Arcos de Valdevez em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento nas freguesias de Gieia e Azere, concelho de Arcos de Valdevez, duma linha aérea a 15 kV com 1827 m, do poste n.º 10 da linha para o posto de transformação de Gondoriz-Boia ao posto de transformação de Azere-Toural, pertencente à Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Junho de 1971.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

O «ventre de Paris» será demolido

PARIS, 29 — (F. P.) — Sem querer saber da emoção suscitada em França e no mundo sobretudo nos Estados Unidos, a vereação municipal de Paris decidiu ir para a frente com a demolição prevista das velhas «Halles» — o ventre de Paris — a partir da tarde do próximo dia 1.

A decisão foi tomada no fim de um debate tempestuoso que durou dez horas, perante um numeroso público de parisienses presentes nas tribunas, o qual interveio frequentemente com «foras» ou com aplausos, o que provo-

cou, aliás, diversas suspensões da sessão.

O argumento essencial dos defensores das «Halles» edificadas por Victor Baltard, em 1854, foi a unidade do estilo dos 12 pavilhões concebidos como «guarda-chuvas», numa delicada renda de ferro, deixando penetrar no interior uma luz de basilica.

Depois de terem sido o «ventre» de Paris os mercados de Baltard tornaram-se o «coração» da cidade, graças à implantação de numerosas actividades que transformaram profundamente a fisionomia do local: um ringue de pa-

tagem cinema, exposições, teatros apoderaram-se do espaço das «Halles» que, como se sabe, foram mudadas para Rungis.

Recentemente, um dos grandes pintores franceses, Raymond Moretti instalou uma obra sem precedentes: um sistema colossal, associando pintura e escultura, que ocupava toda uma ala dos seis pavilhões que, provisoriamente, não eram detidos abaixo.

Os seis pavilhões do Leste serão os primeiros a ser demolidos, para deixar lugar à construção de uma estação do «metro».

Na semana passada, foi lançada uma campanha para a conservação das «Halles» de Baltard nos Estados Unidos, por um dos grandes jornais americanos da costa leste, e um jovem americano quis comprar os pavilhões, para reconstruir em França ou na América do Norte, mas a administração não deu a colaboração necessária e, segundo o americano, até foi maliciada com ele.

● Ler no suplemento «Exclusivo»: Um pontapé no «ventre de Paris»

Washington propõe: linha de cessar-fogo a meio do Sinai

WASHINGTON, 29 — (ANI) — Informadores da Secretaria de Estado confirmaram ontem que Donald Bergus, representante diplomático dos Estados Unidos no Cairo, entregou ao governo egípcio um memorando em que se apresenta uma possível solução de compromisso com Israel para a abertura do Canal de Suez.

O jornalista do «Washington Post» Joseph Kraft informou da capital egípcia que Bergus tinha sugerido que a actual linha de tréguas ao longo do Canal de Suez se deslocasse para meio da península do Sinai.

As forças egípcias e israelitas ficariam separadas 24 quilómetros e entre elas estacionaria uma força das Nações Unidas — acrescenta o articulista.

Kraft cita o ministro egípcio dos negócios Estrangeiros, Mahmoud Riad, como tendo dito que a proposta de Bergus era muito vaga no que diz respeito aos motivos de compromisso, designando-a como um «memorando fantasmas».

RUMORES QUE SE AMPLIAM

TEL-AVIV, 29 — (FP) — Vários jornais israelitas comentam esta manhã os rumores relativos a um recomeço das relações israelo-soviéticas, que se ampliaram depois da revelação, ontem, da presença em meados de Junho, em Israel, do jornalista soviético

Victor Louis.

Para o jornal «Haaretz» (Independente), «estes rumores têm fundamento e revestem-se do maior significado com a visita a Israel do jornalista soviético Victor Louis. Israel procederá bem pondo à prova o desejo de aproximação dos soviéticos e, de qualquer modo, não tem qualquer interesse em repelir as tentativas de Moscovo».

«Hatsofeh» (Partido Nacional Religioso) partilha a opinião do «Haaretz» quanto ao bom fundamento dos rumores e encontra duas razões para a atitude soviética: «o interesse que Moscovo tem em fazer pressão sobre o Egito e o desejo de ver uma surdina posta na luta que Israel trava a favor dos judeus soviéticos».

CONGRESSO DOS ESCRITORES SOVIÉTICOS

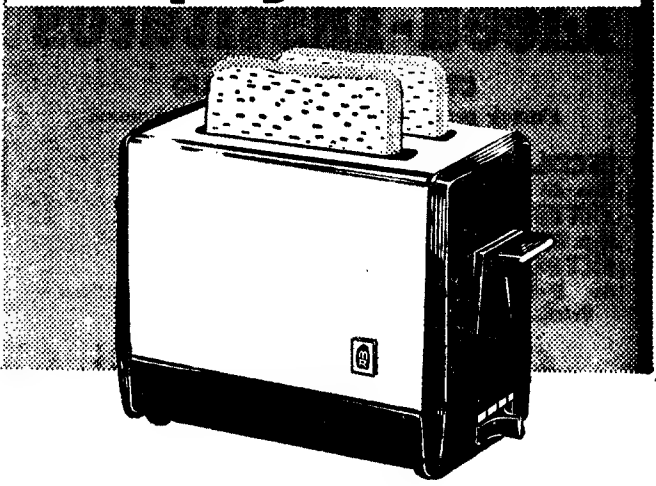
MOSCOVO, 29 — (F. P.) — Abriu hoje no Kremlin o quinto congresso da União dos Escritores Soviéticos, organização agrupando perto de 7000 homens de letras da U. R. S. S.

Estavam presentes Leonid Brejnev, Alexei Kossyguine e Nikolai Podgorny, além de outros dirigentes.

A inauguração dos trabalhos foi feita pelo decano dos poetas soviéticos, Nikolai Tikhonov.

TORRADEIRA DE DISPARO AUTOMÁTICO DE CONCEPÇÃO MODERNA.

morphy-richards



MODELO ATR

- Regulação a seu gosto do grau de tostar.
- Desliga automaticamente elevando simultaneamente as torradões.
- Tabuleiro de migalhas de fácil limpeza.

REPRESENTANTES:

SOC. de REP. SIDA SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44, 48 - LISBOA

GABINETE DE ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE

Execução de todas as tarefas de Contabilidade dos Grupos A/B, incluindo salários, facturação e controlo de «stocks», processados por organização e equipamento ultra-modernos.

Planos de Contabilidade, Partagens e Revisão de Contas, por Contabilista ICL Técnico de Contas.

Consulte-nos. Teremos muito prazer em apreciar o seu caso e propor-lhe a solução adequada.

R. Pinheiro Chagas, 70-1.º, 4.º — Telef. 53 39 30 — LISBOA-1

RECEIA-SE NOVA VAGA DE LUTAS SANGRENTAS ENTRE GRUPOS DE GANGSTERS DE NOVA YORK

NOVA YORK, 29 — (R) — Receia-se uma nova vaga de lutas sangrentas entre grupos de «gangsters» rivais em consequência de ter sido atingido a tiro o conhecido chefe da Mafia Joseph Colombo Sr.

Colombo foi alvejado a tiro durante um comício realizado ontem. O seu assaltante era um cadastrado negro que se disfarçou de fotógrafo e o atingiu com três tiros na cabeça, pondo-o em perigo de vida. A Polícia declarou tratar-se de Jerome Johnson, morto a tiro poucos segundos depois de Colombo cair no chão, banhado em sangue. A Polícia afirma que não disparou contra Johnson.

Algumas horas depois eram presos três homens — para averiguações: Joseph Gallo (Crazy Joe), seu irmão Albert Gallo (Kid Blast), e Carlo Gambino, que se diz ser o «patrão máximo» do mundo do crime de Nova York. Os inspectores da Polícia

que realizam a investigação acerca do tiroteio julgam que estará ligado a uma quadrilha de «gangsters» recentemente organizada por Joe Gallo, chefe da antiga quadrilha Gallo, de Brooklyn, e que se encontra em liberdade há poucos meses. O móbil pode ser uma antiga rivalidade entre Gallo e Colombo, que data de há dez anos, quando se encontravam em campos opostos, por altura de uma das mais sangrentas guerras de «gangsters» de Brooklyn. Esta questão provocou uma tentativa da quadrilha de Gallo para se apoderar da zona de operações de Joseph (Zeite) Profaci, que «trabalhava» na distribuição de estupefacientes, em batota, extorsão, apostas ilegais e pilhagem em aeroportos.

O incidente de ontem não foi o primeiro acto de violência contra Colombo, pois, na noite de 22 de Maio, quando Colombo se encon-

trava com três dos seus homens, na esquina de uma rua de Brooklyn, foi atacado por quatro homens, com barras de ferro.

Colombo, que sofreu graves lesões cerebrais em consequência de pelo menos, um dos tiros, foi abatido perante milhares de adeptos, em

Columbus Circle, junto ao Central Park, quando procedia aos últimos preparativos para um comício italo-americano sobre os direitos civis.

Levado inconsciente para o Hospital Roosevelt, foi submetido a uma intervenção cirúrgica que durou cerca de seis horas e o seu estado é extremamente grave.



EDWARD HEATH, o primeiro-ministro britânico, não dispensa os seus fins-de-semana descontraídos. Ei-lo ao leme do iate «Morning Cloud», o seu «hobby» preferido

Voo solitário sobre o Polo Norte em avião ligeiro

POINT BARROW (Alaska) 29 — (R.) — A aviadora britânica Sheila Scott chegou Mundo, passando pelo Polo Norte, depois de ter sobrevoado o Polo Norte, sozinho, num avião ligeiro. É a primeira vez na História da Aviação que alguém passa sozinho sobre o Polo Norte.

Sheila conseguiu aterrizar em boas condições, apesar de o seu bimotor Piper Aztec ter uma avaria no trem de aterragem.

PAIOL ATINGIDO PELA ARTILHARIA DO VIETCONG

SAIGÃO, 29 — (R.) — O Vietcong bombardeou às primeiras horas de hoje um paiol sul-vietnamita no porto de Quinhon, tendo atingido também várias casas particulares. Segundo fontes militares, ignora-se ainda a extensão dos estragos.

É a terceira vez em dois meses que a artilharia do Vietcong atinge em cheio o paiol, que se encontra a cerca de 440 quilómetros de Saigão.

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO DISTRITO DE LISBOA

REABERTURA DO NOVO POSTO CLÍNICO N.º 105 012 (DAMASCENO MONTEIRO)

A CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA comunica que reabrirá, no próximo dia 1 de Julho, o Posto Clínico n.º 105 012 (Damasceno Monteiro), sito na Rua Damasceno Monteiro, n.º 91-1.º-Dt.º, em Lisboa, telef. n.º 84 02 02, cuja área ficará constituída pelas freguesias de Pena e Socorro, anteriormente abrangidas pelo Posto n.º 105 005 (Ang. Vidal).

A relação dos respectivos ornamentos encontra-se afixada nesta última unidade médico-social.

A DIRECÇÃO

OS EXAMES DO 5.º ANO DOS LICEUS

Prova escrita de Português

Leia, com o devido cuidado, o texto e as perguntas que o seguem imediatamente. Procure reflectir antes de responder e, quando oportuno, não deixe de utilizar o papel de rascunho. Esforce-se por apresentar caligrafia e ortografia irrepreensíveis, e respeite as margens.

Texto

Mas, neste passo, assi prontos [estando], eis o mestre, que olhando os [ares andas] do apito toca: acordam, des- [pertando]. Os marinheiros d'ela e doutra [banda] E, porque o vento vinha re [frescando], Os traquetes das gáveas tomar [manda]. «Alerta (disse) estál que o [vento orne] Daquela nuvem negra que [aparece]»

Não eram os traquetes com to- [madre], Quando dá a grande e súbita [proceia]. «Amaina (disse o mestre a [grandes brados]), Amaina (disse), amaina a [grande vela]» Não esperam os ventos indi- [nados] Que amainassem, mas, juntos [dando nela], Em pedaços a fazem cum ruído [bordo]. Que o Mundo pareceu ser des- [truído]!

D'ou fere com gritos nisto a [gente], Cum súbito temor e desa- [cordo]; Que, no romper da vela, a nau [pendente] Toma grão suma de água pelo [bordo]. «Alija (disse o mestre rija- [mente]),

Alija tudo ao mar, não falte [acordo] Vão outros dar á bomba, não [cessando]; A bomba, que nos imos a a- [lgando]»

Questionário

— Não seja excessivamente apressado nem lento.
— Aprenda-se, também, o ser claro, preciso e conciso.

I

1 — As oitavas acima transcritas pertencem a um dos cinco últimos cantos d'«Os Lusíadas».

a) Qual é, precisamente, esse canto?
b) Que indícios — colhidos na observação do texto — lhe permitem justificar a resposta à pergunta anterior?

2 — Como vê, o mestre exerce funções da mais alta importância no meio em que actua.

— Que funções eram, pois, rigorosamente, as suas?

3 — Que palavras do Autor nos pintam, sucessivamente, os estados de alma referidos nas alíneas seguintes:

a) *Aflicção extrema*, perante a entrada de grande quantidade de água no navio?
b) *Ansiedade crescente*, ao verificar a confirmação das primeiras observações?
c) *Preocupação* relativa a prenúncios inquietantes?

II

4 — Dê o sentido da palavra *traquete*; e, em seguida, explique, por palavras suas, o de todo o verso 6.º da 1.ª oitava.

5 — Na expressão *cum rut do* (oitava 2.ª, verso 7.º), há curioso fenómeno fonético, não verificado em uma forma só mas numa expressão. Explique-o ou descreva-o em que consiste e — se se lembrar

(mas isso é de secundária importância), classifique-o.

III

6 — Qual é a categoria morfológica da palavra *que* no 7.º verso da 1.ª oitava? E no 6.º e 8.º, versos da 2.ª?

7 — Considerando, ainda, esta última oitava — a 2.ª das transcritas —, indique as funções sintácticas que exercem as palavras e / ou expressões seguintes:

a) *ventos* (verso 5.º);
b) *que amainassem* (verso 6.º), relativamente a um dos elementos da oração de que esta depende;
c) *em pedaços* (verso 7.º).

IV

8 — São, como sabe, dez sílabas métricas os versos do texto.

a) Separe tais sílabas que formam o 8.º verso da 1.ª oitava.
b) Classifique esse trabalho; e — o que não deixará de fazer, por muito importante — justifique a classificação que propõe.

V

Se, felizmente, ainda não viveu horas de grande aflicção, não ignora, por certo, numerosos exemplos desse estado de alma, quer de origem literária, quer referidos, com muita frequência, pela rádio, pela televisão, pelos periódicos, etc. Elabore uma redacção em que nos descreva um desses momentos — ou surpreendidos na intimidade do lar (lembra-se de certos passos de *Frei Luís de Sousa*), ou decorrente de cataclismo da natureza que, de modo especial, a/o tenha impressionado.

SOLUÇÃO

I

1 — a) As oitavas transcritas pertencem ao canto VI.
b) Vê-se claramente que o texto se refere á tempestade que surpreendeu a armada de Vasco da Gama no Oceano Índico, anunciando-se primeiro e levando o mestre a dizer que «o vento orne daquela nuvem negra...»; atacando rapidamente como se vê em «não eram os traquetes bem tomados quando dá a grande e súbita procela»; exercendo uma violenta acção como diz o passo «os ventos... em pedaços a (a grande vela) fazem cum ruído, que o mundo pareceu ser destruído!»

Esta tempestade foi desencadeada por influência de Baco.

2 — Do texto conclui-se que o mestre observava as condições para a navegação, tomava providências contra os perigos e orientava as manobras necessárias.

3 — a) Perante a entrada de grande quantidade de água no navio «o céu fere com gritos nisto a gente com súbito temor e desacordo».

b) Ao verificar a confirmação das primeiras observações, o mestre ordena «a grandes brados»: «Amaina... amaina a grande vela!».

c) Porque a tempestade se anunciava violenta, o mestre toma providências, mandando: «Alija... alijs tudo ao mar, não falte acordo! Vão outros dar á bomba, não cessando...»

II

4 — Traquete — vela grande do mastro principal.

O mestre manda recolher as velas no cimo das quais se encontram as plataformas para os marinheiros encarregados de observar as redondezas.

5 — «Cum» = com um Após a desnasalação da vogal da primeira palavra, verifica-se uma aglutinação de que resulta uma contração por orase (com um —> cum —> cum).

Este fenómeno (pouco vulgar) é uma eclipse.

III

6 — «que» (7.º v., 1.ª oit.) — conjunção subordinativa causal
«que» (6.º v., 2.ª oit.) — conjunção subordinativa integrante
«que» (8.º v., 2.ª oit.) — conjunção subordinativa consecutiva

7 — a) *ventos* (v. 5, 2.ª oit.) — sujeito
b) *que amainassem* (v. 6, 2.ª oit.) — complemento directo
c) *em pedaços* (v. 7, 2.ª oit.) — complemento circunstancial de modo.

IV

8 — a) Da-que-la-nu-ve-m-ne-gra-que-a-pa-re (ce)
b) O decassílabo do 8.º verso da 1.ª oitava é heróico porque os seus acentos predominantes recaem sobre as 6.ª e 10.ª sílabas — salienta desse modo o poeta, a côr assustadora da nuvem e o seu aparecimento.

V

Não se apresenta solução por ser de natureza subjectiva.

COMENTARIO

Em presença da prova escrita de Português do 2.º ciclo (nem informativa nem selectiva), não nos foi possível deixar de lembrar as rubricas do programa no que diz respeito ás «finalidades específicas do ensino do 2.º ciclo — 3.º: criar nele (o aluno) a admiração pelo valor e beleza das obras dos nossos escritores» e também que «seria diametralmente oposto ao espírito destas noções toda a sistematização que obrigasse o aluno a decorar... ou a papaguear designações arresacas de cunho científico... Este preceito não se refere á nomenclatura das modificações fonéticas a que haja de fazer referência a propósito de vocabulário ou de morfologia».

O texto escolhido servia admiravelmente o estabelecido em 3.º das finalidades específicas do ensino do 2.º ciclo; que pena não ter sido aproveitado para averiguar até onde teria sido levado ou teria sido capaz de ir o aluno, no sentido de ver em Camões aquele «admirável pintor das coisas do mar» que foi apontado por um notável estudioso alemão!

Porquê (afastando-se do espírito do programa) dar-se a preferência ao pormenor da gramática, ao rebuscado formal? (a eclipse não terá certamente sido trabalhada — e está certo! — na grande maioria das classes ou... talvez nem mesmo abordada; e para quê, num curso geral?). É assim, e por outros processos semelhantes, que se enraizava nos estudantes do curso geral a ideia de dificuldades que os afastaria (quem sabe se para sempre!) do sublime poeta que tantos professores se esforçam por fazer compreender, apreciar, admirar e amar.

A prova não pode talvez dizer-se difícil, mas contribui largamente para o divórcio inevitável entre os jovens e a grande figura do poeta e do homem, que com tanto amor é levada até ao seu conhecimento.

Até quando prosseguiremos nesta mesma rota de há tanto tempo tristemente trilhada?!

Prova escrita de Ciências Naturais

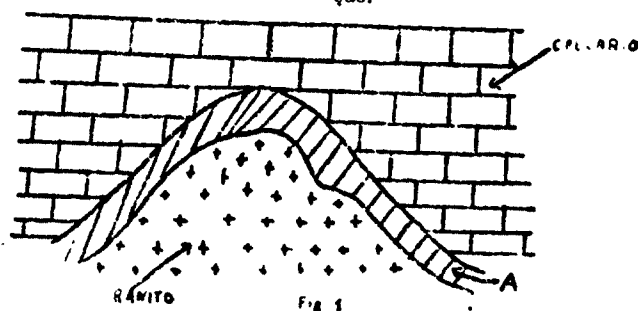
Mineralogia e Geologia

Na figura 1 estão representadas três rochas de origens diferentes.

1 — Faça corresponder á letra A o nome duma rocha, compatível com as condições da figura, e explique a formação da mesma.

2 — Que acção química provoca a água carregada de dióxido de carbono no calcário?

3 — O granito é uma rocha eruptiva que é constituída



Zoologia

1 — Verificou, no estudo que fez dos Vertebrados, que o coração não apresenta em todos a mesma constituição.

1 — Indique as principais diferenças, quanto ao número de cavidades, que encontrou no coração dos Vertebrados estudados.

2 — O lagarto é um animal de temperatura variável. A que é devida esta variabilidade?

3 — Qual o papel da água na respiração do Barbo? Indique o seu trajecto.

II

A Lombriga é um parasita que aparece, com frequência, nas orquídeas.

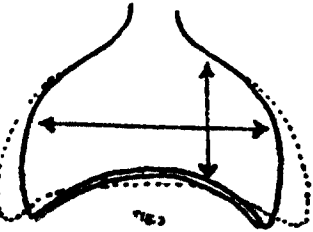
1 — Como explica que este animal possa viver dentro do tubo digestivo do hospedeiro sem que seja digerido?

2 — Como se reproduz a Lombriga? Indique, resumidamente, o seu ciclo de vida.

III

A figura 2 destina-se a mostrar a dilatação da caixa torácica pelo abaixamento do diafragma.

1 — Qual o papel desempe-



nhado pelo diafragma na inspiração e na expiração?

2 — O diafragma é um músculo. Indique as propriedades dos músculos.

3 — Os músculos são constituídos por fibras musculares. Faça um esquema, devidamente legendado, duma fibra muscular lisa.

Botânica

I

O Malmequer (figura 3) é uma planta cujas flores constituem uma inflorescência grupal.

(Continua na pág. seguinte)

essencialmente, por feldspato e quartzo sendo o feldspato dominante a ortoclase.

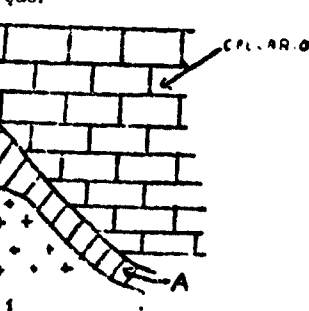
a) — Que são rochas eruptivas?

b) — Como explica que os minerais que constituem o granito se apresentem cristalizados?

c) — Com base nas propriedades físicas, como distinguiria o quartzo da ortoclase?

d) — Façam um desenho esquemático da cruz axial do sistema em que se cristaliza o quartzo (hexagonal).

Acompanhe a figura com os esclarecimentos que julgar necessários para a sua identificação.



1 — Reconhece vantagem na associação das flores? Justifique.



2 — As flores centrais são hermafroditas e as marginais são, muito frequentemente, unissexuadas femininas. Que significado dá ás expressões «hermafroditas» e «unissexuadas femininas»?

3 — É muito frequente encontrarem-se os malmequeres entre os cereais. Como explica que o seu desenvolvimento não seja afectado pela presença das outras plantas?

II

A Funária, representada na figura 4, é uma pequena plan-



ta de folhas verdes, muito comum nos lugares húmidos e sombrios.

1 — Servindo-se da figura, explique um processo de reprodução da planta.

2 — A Funária é autotrófica? Justifique.

3 — Como procederia para

Liceu-Institutos

CICLO PREPARATÓRIO

Cursos práticos de dactilografia c/ diploma

ESCOLA SÃO VICENTE:

Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904

EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:

Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 820221

EXTERNATO ALVARES CABRAL:

Av. Grão Vasco, 1 (frente á Igreja de Benfica) — Telef. 706974

CURSOS DE FÉRIAS

Julho, Agosto e Setembro

Sá de Miranda

ENSINO PRIMARIO E JARDIM INFANTIL CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL

DIURNO - NOCTURNO

Rua Alexandre Braga, 17 (á Estefânia)

Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

EXTERNATOS

● LEAL CONSELHEIRO — MASCULINO

R. do Alecrim, 47, 2.º — Telef. 326957

● NOVO RUMO — FEMININO

P. Luís de Camões, 6-1.ª, Esq. — T. 36 14 26

ENSINO LICEAL E PREPARATÓRIO

CURSO DE FÉRIAS

(EXAMES SETEMBRO)

EXTERNATO DE ALVALADE

PRIMARIO E LICEAL

CICLO PREPARATÓRIO

Telef. 771965

Rua Isidro Viana, 12

LISBOA

Campo Pequeno

OS EXAMES DO 5.º ANO DOS LICEUS

(Continuação da pág. anterior)

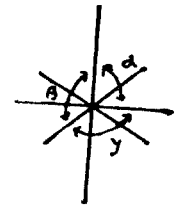
provar, ex perime n talm ente, que esta planta respira?

4 — Os órgãos indicados pela letra A não são considerados raízes. Porquê?

SOLUÇÃO

Minerologia e Geologia

- 1 — A rocha que corresponde à letra A é o marmorito, que resultou do calcário por metamorfismo de contacto.
- 2 — As águas gaso-carbónicas actuando sobre o calcário dissolvem-no transformando-o em hidrogénio-carbonato de cálcio.
- 3 — a) O granito é uma rocha magmática porque resultou da consolidação do magma.
- b) A consolidação dá-se no interior da crosta e portanto é lenta e gradual. Por isso os minerais constituintes do granito tiveram tempo de cristalizar e de individualizarem.



$$\alpha = \beta = 90^\circ, \quad \gamma = 120^\circ$$

exames para amanhã

(30 DE JUNHO — 4.ª-feira)

2.º ciclo — 1.ª chamada

História — 9 horas
(90 minutos)

Inglês — 11 horas
(90 minutos)

(Não é permitido o uso do dicionário)

3.º ciclo — 2.ª chamada

Inglês, Ciências Físico-Químicas e Grego — 15 horas
(90 minutos)

Português — 17 horas
(90 minutos)

Desenho — 17 horas
(120 minutos)

CICLO PREPARATÓRIO

2.ª chamada

Francês — 15 e 30 horas
Desenho — 17 e 30 horas

(Só para alunos externos com menos de 18 anos)

distingue bem:

O quartzo não tem clivagem. Tem fractura concoidal e a ortoclase apresenta duas direcções de clivagem perpendicular entre si.

No sistema hexagonal a cruz axial é constituída por 4 eixos, sendo um normal ao plano que contém os outros 3 que são homólogos e formam entre si ângulos de 60°

Zoologia

I

1 — Os ciclóstomos e os peixes têm duas cavidades. Uma auricular e um ventrículo.

Nos batráquios e nos répteis têm três cavidades apesar de nestes últimos aparecer já um reptio que separa incompletamente os dois ventrículos.

Nas aves e nos mamíferos há já quatro cavidades bem diferenciadas: — dois ventrículos e duas aurículas.

2 — O lagarto é um animal de temperatura variável porque o sangue não tem a temperatura relativamente elevada e constante. Este fenómeno é devido à respiração ser pouco activa e o sangue distribuído pelos diversos órgãos do corpo não ser completamente oxigenado e portanto com combustões internas fracas. Como as escamas não formam um revestimento isolador, algum calor que é produzido não pode ser conservado.

3 — A água tem o oxigénio dissolvido que serve para a respiração do barbo. A água

entra pela boca vai as guelras, onde se dá a hematose. Depois sai pelas fendas operculares carregada de anidrido carbónico.

II

1 — A lombriga não é digerida pelo hospedeiro porque é coberta por uma espessa cutícula que é uma substância dura, que a protege contra a acção dos sucos digestivos.

2 — Os ovos, produzidos em grande quantidade, saem do corpo do hospedeiro com os excrementos, e começam logo o seu desenvolvimento, que geralmente não é prejudicado porque são envolvidos por uma casca constante que os isola dos agentes destruidores. Durante este período pode ser levado pela água, pelos legumes, pelos frutos e serem ingeridos pelo homem. No estômago os ovos originam larvas, que depois de completarem o seu desenvolvimento no fígado ou nos pulmões, dirigem-se para o intestino onde se encontram os animais no estado adulto.

III

1 — São os movimentos das costelas e do diafragma que fazem aumentar ou diminuir a capacidade da caixa torácica. O diafragma quando se contrai aumenta o diâmetro vertical e empurrando as costelas aumenta também os diâmetros antero-posterior e transversal. Como os pulmões são órgãos elásticos acompanham estes movimentos. Aumentando o volume da cavidade pulmonar, diminui a sua pressão de ar. Nesta altura o ar entra pelas vias respiratórias. Quando o diafragma volta à posição de repouso, a capacidade torácica diminui e o ar é expulso para o exterior.

2 — As propriedades dos músculos são: elasticidade, tonicidade, contractibilidade e poder electromotor.



S. R.

MINISTÉRIO
DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral
dos
Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de ARCOS DE VALDEVEZ em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento nas freguesias de Azere e Couto, concelho de Arcos de Valdevez, de uma linha aérea a 15 kV com 2452 m, do poste n.º 10 da linha para o posto de transformação de Azere-Toural ao posto de transformação de Couto-Selim, pertencente à Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 24 de Junho de 1971.

Pe'l'O Engenheiro Chefe
João Gonçalves dos Santos

Botânica

1 — As flores numa associação ajudam-se mutuamente.

Assim por exemplo, no malmequer que está esquematizado na fig. 8 as brácteas externas servem de protecção; as flores marginais tornam o capitado mais vistoso atraindo os insectos para a polinização. São as flores interiores que servem mais frequentemente para a formação do fruto.

2 — As flores são hermafroditas quando têm gineceu e androceu e, são unisexuais femininas quando têm apenas gineceu.

3 — O seu desenvolvimento não é muito afectado, porque tem uma zona pilosa muito desenvolvida que lhe permite espalhar-se no solo, por entre as raízes dos cereais e de outras plantas que vivem no mesmo meio.

II

1 — Na época da reprodução aparece na parte terminal da planta um órgão filamentoso terminado por uma parte mais dilatada. O órgão

com esta configuração chama-se esporogónio e a parte terminal tem o nome de cápsula que quando está em desenvolvimento está coberta por uma membrana que tem o nome de coifa. Quando a cápsula amadurece, cai-lhe a coifa e o opusculo e deixa sair os esporos que se formaram no seu interior. Estes células em condições de germinação, desenvolvem-se e formam um corpo filamentoso e verde, onde mais tarde aparecerão novas funárias. O corpo filamentoso e verde chama-se protome.

2 — A Funária é uma planta autótrófica fotosintética. Tendo clorofila faz a luz solar a síntese da matéria orgânica a partir da mineral.

3 — Colocava-se dentro de um campânula a planta e um vaso com água de cal. Esta turvava passado algum tempo. Este fenómeno demonstrava a presença do dióxido de carbono libertado pela planta.

4 — Os órgãos indicados pela letra A não podem ser considerados raízes porque não têm tecidos diferenciados.

OS EXAMES DA 4.ª CLASSE (152 164 EXAMINANDOS) COMEÇAM DEPOIS DE AMANHÃ

Começam depois de amanhã no continente e nas ilhas adjacentes os exames do ciclo elementar do ensino primário, que compreendem provas escritas de Língua Portuguesa e de Aritmética e Geometria, prova prática de Desenho e Trabalhos Manuais e provas orais de Língua Portuguesa e História Pátria, Aritmética e Geometria e Ciências Geográficas-Naturais.

Foram propostos 152 164 alunos, cerca de 9000 mais que no ano lectivo de 1969-70 e dos quais 142 294 residem no continente e 870 nos Açores e na Madeira.

Cerca de 2250 juristas, constituído cada um por três professores irão funcionar nas sedes dos concelhos e nalgumas outras localidades.

As provas escritas e práticas

correm nos dias 1, 2 e 3, começando às 9 horas, por turno de 24 alunos, em cada manhã e em cada juria. Os seus resultados e a marcação das provas orais serão afixados até às 17 horas do dia 5.

Devem estar concluídos até o dia 14 os exames da 4.ª classe, cujos examinandos estão assim distribuídos:

Continente — Aveiro, 10476; Beja, 3150; Braga, 12 872; Bragança, 3390; Castelo Branco, 4316; Coimbra, 6685; Évora, 2806; Faro, 3955; Guarda, 4008; Leiria, 7901; Lisboa, 23 752; Portalegre, 2198; Porto, 24 110; Santarém, 6873; Setúbal, 7173; Viana do Castelo, 4909; Vila Real, 5336; e Viseu, 7842.

Ilhas adjacentes — Angra do Heroísmo, 1291; Horta, 622; Ponta Delgada, 3134; e Funchal, 4823.

O Dia Nacional da Grã-Bretanha comemorado no Rotary Glube de Lisboa

Com a presença de mais de uma centena de pessoas, entre as quais sócios do Clube, convidados e rotários visitantes,

UNIVERSIDADE CATÓLICA

Tendo sido concluídos os estudos respeitantes à definição do regime legal de funcionamento da Universidade Católica, o Ministério da Educação Nacional elaborou já o respectivo projecto de decreto-lei.

O projecto, que vai ser apreciado na próxima sessão do Conselho de Ministros, distingue, naquela Universidade, os estabelecimentos destinados ao ensino eclesástico dos que têm por fim o ensino de nível superior paralelo ao do Estado. Em relação aos primeiros, reconhece à Igreja autonomia para fixar a sua organização e orientar os estudos neles ministrados. Pelo que se refere aos segundos, adopta, nos termos da Concordata, as disposições necessárias para a garantia dos princípios fundamentais do sistema educativo português e prevê que venham a ser objecto de regulamentação especial os aspectos pedagógicos e administrativos próprios de cada estabelecimento.

nacionais e estrangeiros, efectuou-se hoje, no Hotel Tivoli, a habitual reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa. A sessão foi dedicada ao Dia Nacional da Grã-Bretanha, assistindo à reunião, em representação do respectivo embaixador, o cônsul A. J. Battle.

Presidiu o dr. Ruy Pires Branco, secretariado pelo eng. Guimarães Ferreira, estando o protocolo a cargo de Wenceslau Sarmiento.

No uso da palavra o presidente saudou o convidado de honra, o cônsul da Grã-Bretanha, e desejou para a grande nação amiga as maiores felicidades. Seguidamente cumprimentou todos os restantes convidados e companheiros e saudou o aniversariante da semana.

De seguida o presidente informou que a transmissão dos seus poderes ao novo presidente, Joaquim Ferreira Queimado, seria feita na próxima reunião, tendo agradecido a todos os companheiros a paciência e a atenção com que o acompanharam no ano anterior e, bem assim, a boa colaboração que todos lhe prestaram, nomeadamente os membros da sua direcção e os componentes das várias secções.

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria do Café Caravela d'Ouro.

INSTITUTO DE LÍNGUAS

Sede: Rua Sociedade Farmacêutica, 30-1.
Tel. 5 45 30

ANEXOS: Largo do Chado, n.º 15, 3.º — Telefone 367002
Avenida Manuel da Maia, n.º 46, 1.º — Telef. 721498



INGLÊS FRANCÊS ALEMÃO

PORTUGUÊS (para Estrangeiros)

Aberto todo o ano

CURSOS DE VERÃO

CRISFAL

3.º CICLO — 2.ª ÉPOCA

AV. DA REPÚBLICA, 83 — TEL. 77 90 47 76 96 20

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carnaflores, Carnalido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua do Castelo, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CARTAZ DOS CINEMAS



MONUMENTAL

(M. 17 anos) Tel. 555131
Hoje, às 21.30 — ESTREIA
A mais popular atriz da actualidade
Romy Schneider em

QUEM?
com Maurice Ronet e Simone Bach. Realiz.: Léonard Keigel
Em complemento, o documentário MOVIEMANIA de Francisco Saalfeld

SATÉLITE

(Adultos) Tel. 562882
As 15.30, 18.30 e 21.45
18.ª SEMANA

COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy Schneider
Situado no edifício do Monumental

LUMIAR

(Adultos) As 21 horas
PROVEM O SANGUE DE DRÁCUA
A FORÇA PARA UM INOCENTE

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5
As 15.15 e 21.30
Prémio da Crítica no Festival de Berlim
Anna Karina e Bruno Cremer no filme de Andre Farwage

O MOMENTO DE MORRER
(De Temps de Mourir)
Eastmancolor

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134/5
As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de Carlos Saura

EM TRÊS UM É DEMAIS
(Stress é tres, tres)
com Geraldine Chaplin

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) As 17 e 21.30 h.
O SÓZIA

com John Richardson, Anita Ekberg e Margaret Lee

ALVALADE

(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
NED KELLY
PERDOA... VAMOS AMAR!

BERNA

(M. 10 anos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
Alan Ladd, Jean Arthur, Van Heflin e Jack Palance. no filme que ninguém mais esquece

SHANE
Technicolor
Um clássico do «western»
(A Av. Marquês de Tomar)

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50593
As 3 e 6.15 da tarde e 9.30 noite
Curt Jurgens, Alan Ada, Jacqueline Bisset e Brad Dillman
A VALSA DO MEDO
Metrocolor

ROMA

(Adultos) Tel. 78778
As 15.30 e 21.45
Uma Eva dos nossos dias, perante um Adão à moda antiga!

UM DOMINGO EM NOVA-YORK
com Jane Fonda e Rod Taylor
Metrocolor

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
Atenção a partir de agora este espectáculo pertence ao grupo C — (Não é permitida a assistência de menores de 10 anos).

As 15.15 e 21.30
Jim Brown e Lee Van Cleff
O TESOURO DE EL CONDOR
70 m/m — Colorido

ODEON

(M. 10 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 5.ª SEMANA TRIUNFAL ROSAS BRANCAS PARA MINHA IRMÃ NEGRA
com Libertad Lamarque, Robert e Irma Lozano
— Eastmancolor —

CONDES

(Adultos) Tel. 322523-326710
4 Sessões diárias, às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Mireille Darc: sensual, amorosa, apaixonada

HISTÓRIA DE UMA RAPARIGA LOIRA
Um filme de George Lautner

ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 717480
As 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme que não é um filme qualquer...
Kyle Johnson e Estelle Evans num filme de Gordon Parks
NOVAS SEMENTES
(The Learning Tree)
Panavision Technicolor

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480
VIII CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA
Dois filmes todos os dias em versão original
Version originale
Original version
Hoje, às 15 h.:

LADRÕES DE BICICLETAS
(Ladri di Biciclette)
de Vittorio De Sica
com Lamberto Maggiorani

OS CONTOS DA LUA VAGA
As 21 h.:

OS CONTOS DA LUA VAGA
LADRÕES DE BICICLETAS

VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
11.ª SEMANA TRIUNFAL
UM MARIDO INFIEL
com Jean Yanne e Françoise Fabian
(Junto à Av. de Roma)

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
VIII CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA
Dois filmes todos os dias em versão original
Version originale
Original version
Hoje, às 15 h.:

OS CONTOS DA LUA VAGA
(Ugetsu Monogatari)
de Kenji Mizoguchi
com Machiko Kyo

LADRÕES DE BICICLETAS
As 21 h.:

LADRÕES DE BICICLETAS
OS CONTOS DA LUA VAGA

SÃO JORGE

(Adultos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
Um policial de «suspense»
CRIME NO BOSQUE
(Assault)
com Suzy Kendall e Frank Finlay

ESTÚDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779095
7.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
O maravilhoso filme de François Truffaut
O MENINO SELVAGEM

APOLO 70

CINEMA ESTÚDIO
Av. Júlio Dinis
(M. 1.ª anos) Tel. 763319
5.ª SEMANA
As 14.30, 16.45 e 21.45

O VALE DO FUGITIVO
Scope Technicolor
Robert Redford e Katharine Ross

As 19 horas:
O INSPECTOR ORIGINAL
de Jean Pierre Hocky
c/ Bouvriil e Francis Blanche
(Adultos)

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

MARIA MATOS — As 21 e 45:
«A Relíquia» (17 anos).
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«A Cozinha» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 15: «Ópera» (10 anos).
VILLARET — As 21 e às 23 h.:
«A Capital» (17 anos).
A B C — As 21 e 45: «A Senhora Minha Tia» (14 anos).
LAURA ALVES — As 21 e 45:
«Só as borboletas são livres» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — As 19: «Uma arma entre nós» (10 anos).
CINEARTE — As 21: «Quando o jogo é o amor» (17 anos).
JARDIM — As 21: «Cada casa com o seu» (17 anos).
SALÃO LISBOA — As 21 h.: «29 irmãos» (10 anos).

Linha de Cascais

CARCAVELOS — VITÓRIA CINE — As 21 e 30: «24 horas da

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
Marlon Brando, Richard Boone e Rita Moreno num filme de excepcional interesse

A NOITE DO ÚLTIMO DIA

A história de um rapto demasiado fácil e perigoso...
Panavision e Technicolor

POLITEAMA

(M. 10 anos) Tel. 426305
As 15.15 e 18.15 e às 21.30
EXITO TOTAL
DA ADMIRÁVEL COMÉDIA

A RAPARIGA DO AUTOCARRO

Glen Campbell e Kim Darby...ela estava noiva de um, mas apaixonou-se por outro...
Technicolor

ROYAL

(M. 12 anos)
As 15 e 21 horas
A INTERNACIONAL DO CRIME
O QUE ACONTECEU EM CAMPO GRANDE

LIDO

(M. 10 anos) As 21.45 h.
Espectáculo integrado nas Manifestações Comemorativas do Aniversário do Concelho de Oeiras
(Admissão por convites)

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45923

As 21 horas
A ADOLESCENTE E O QUARENTÃO A BATALHA DE EL ALAMEIN

RESTAURANTE

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30

QUEM SE METE COM RAPAZES
com Gianni Morandi

CHIADO TERRASSE

(M. 12 anos) Tel. 320017
As 15 e às 21 horas
36 HORAS NO INFERNO
RINGO, HEROI DO TEXAS
G B — Não é permitida assistência de menores de 10 anos.

vida de uma mulher» (17 anos).
PAREDE — ROYAL CINE — As 21:
«Por um punhado de dólares» e
«A última coçada» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e às 21 e 30: «O Sósia» (17 anos).
ESPLANADA — As 21 e 30:
«Quarto privado» (17 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 30: «A volta ao mundo em 80 dias» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — As 21 e 30: «Blue» (17 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «O último fica vivo» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Noites de outros tempos» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ CINEMA — As 21 e 15: «Negócios em três continentes» e «O Justiciero» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «As aventuras de Gerard» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 45: «Cala-te boca» (revisita teatral) (17 anos).

PORTO

CINEMAS
SÃO JOÃO — As 21 e 30: «O ma-

landro da bota branca» (12 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Homens em furas» (17 anos).
RIVOL — As 21 e 30: «Shilletta» (17 anos).
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «O homem sinistro» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «Casamento sem noivas» (17 anos).

BATALHA — As 21 e 30: «Tom Jones» (17 anos).
ESTÚDIO — As 21 e 30: «Paixões» (17 anos).

OLIMPIA — As 21 e 30: «Um dólar nos dentes» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21 e 30: «Strogoff» e «Vão chamar pai a outro!» (12 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Amor de Perdão» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30: «Com jeito val... campistal» (17 anos).

COIMBRA

GIL VICENTE — As 21 e 30: «Patton» (12 anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «O Rio da Violência» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «Um trém para Durango» (17 anos).
SOUSA BASTOS — As 21 e 30: «E Deus criou a mulher!» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO B

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (tel. 633288) * Boa Hora, R. dos Quatrelas, 25-27 (tel. 637777).
ALFAMA — Arnall, R. das Escalas Gerais, 88 - A (tel. 863940).
ALVALADE — Neoterapia, Campo Grande, 138 (tel. 774682) * Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (tel. 712070) * Paris, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (t. 710131) * Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (tel. 710465); Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (tel. 712803).
AREIRO — Vera Cruz, Praça Afonso Pena, 2-B (à Av. S. João de Deus) (tel. 724941) * Alvalade, Av. João XXI, 13-A (tel. 726848).
ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (tel. 45079).
AVENIDAS NOVAS — Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (tel. 40592) * Universal, Rua Actor Taborda, 5 (tel. 44158).
BAIRRO ACTORES — Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (tel. 842152).
BAIRRO ALTO — Labor, R. Diário de Notícias, 81

(tel. 323428).
BAIRRO AMÉRICA — Martins, Rua Fernão de Magalhães, 33 (telefone 849448).
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Formo do Tijolo, 40 (tel. 841122).
BAIRRO DA ENCARNÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (tel. 310172).
BAIXA — Morão, Rua da Assunção, 17 (telefone 321289) * Estádio, Rossio, 63 (telef. 327067-324224).
BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678 (tel. 702532) * Sousa, Estrada de Benfica, 429 (tel. 780027).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, Rua General Taborda, 17 (telefone 680304).
CAMPO DE OURIQUE — Portinho, Rua Francisco Metrass, 59-B (t. 663349) * Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (t. 650760).
CAMPO GRANDE — (Ver Alvalade e Lumiar).
CAMPO PEQUENO — Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (t. 770776).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel. 780181).
CONDE REDONDO — Dávi, R. Conde Redondo,

68 (telefone 54342).
ESTRELA — Martins, Calçada da Estrela, 167 (tel. 660823) * Pelais & Parente, Rua de Santo António, 98 (tel. 665196).
GRÇA — Morão, Largo da Graça, 63 (telefone 860700).
INTENDENTE — Intendente, Largo do Intendente Pina Monique, 50 (tel. 47838).
LUMIAR — S. Tomé, Estrada do Desvio, 12-C (tel. 790704) * Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (t. 790942).
MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (tel. 381612).
OLIVAIS — S. Paulo, Rua 2. Lote 823 (à Estrada de Moscavide) (Olivais-Sul) (tel. 310711) * Oliveira, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Olivais-Sul) (telefone 310026).
PENHA DE FRANÇA — Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III (tel. 843439).
PICHELEIRA — Marlux, Calç. da Picheleira, 140-B (telefones 720703-728395).
RATO — Soares, Av. Alvares Cabral, 1 (tel. 684282).
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (tel. 773728).
RETELO — Ocidental,

Rua D. Jerónimo Osório, 18-D (telefone 610256) * Tanara, Rua Rodrigo Relnel, 3-A (na encosta do Restelo) (tel. 611814).
SALDANHA — (Ver Avenidas Novas).
SANTO AMARO — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (tel. 637020).
SANTOS-O-VELHO — Fontoura de Carvalho, R. Santos-o-Velho, 12 (tel. 662075).
S. PAULO — Central, Rua de S. Paulo, 108 (tel. 320389).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Sagres, Av. Luís Bivar, 69 (tel. 47213) * Correia de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B (tel. 47385).
XABREGAS — Romana, Rua B, 7 (à R. Marquês de Olhão) (tel. 383800).

Linha de Cascais

ALGÉS — Com batentes — Av. Comb. G. Guerra, 166 (tel. 213953).
CAXIAS — Nova — R. Bernardino Ribeiro, 1-A (tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 86 (tel. 2432034).
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (tel. 2430090).
PAREDE — Aisir — B. das Caixas de Previdência,

Bloco A (tel. 2472948).
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (tel. 261186).
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (tel. 263052).
MONTE ESTORIL — Lopes — R. Hargar, 3 (Tel. 260008).
CASCAIS — Misericórdia — R. do Regimento, 9 (tel. 280141) * Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Coxas (telefone 282407).
Linha de Sintra
AMADORA — Melo, P. D. João I, lote 46, Bairro Janeiro (tel. 932756) * Igreja, P. da Igreja, 22-A (tel. 937740) * Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (tel. 93220) * Jardim, Av. Conde de Oeiras, loja X-1, Rebolero (telefone 938424).
DAMAIA — D. João V — Av. Gargal do Amaral, 2-A (tel. 970461).
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 18 (telefone 95017) * Simões Lopes — Av. Elias Garcia 51 (tel. 950123).
CACÉM — Garcia — Av. das Missões, 2 (Tel. 294281).
MEM MARTINS — Quilma — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 290012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (Tel. 980456).

SINTRA — Misericórdia, Dr. Gregório de Almeida 2 (Tel. 980391).
COLARES — Colares — Abrela — (Tel. 299088).
Outra Banda
ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge 5 (Tel. 234100).
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (tel. 224250).
ALMADA — Magalhães — R. Capitão Leão B-A 270242).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 221-B (Telefone 224141).
BARREIRO — Higiénico — Rua D. Manuel I, 178 (Tel. 2273017).
COVA DA PIEDADE — Império — R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (telefone 274356).
MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).
MONTIJO — Higiénico — R. José Joaquim Marques, 42 (Tel. 230370).
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (tel. 229028).
SETÚBAL — Lisboa — R. Dr. Paulo Borbo (Telefone 22248) * Salão — Av. Portela (Tel. 22709).
SEIXAL — Godinho —

L. da Igreja, 51 (telet. 2218580).
PORTO
Alves, R. exarato Libertador 62 (Tel. 60002) * Alves Moreira Av. Rodrigues da Silva 67 (Tel. 5889) * Antiga Porto do Olival Campo M. da Pórtua 44 (Tel. 24262) * Avenida, Av. da Boavista, 06 (Tel. 60342) * Barros, Rua do Bonifácio, 294 (Tel. 47032) * Batalha P. do Batalha, 26 (Tel. 29524) * Boa Hora, R. da Boa Hora, 80 (Telefone 28793) * Campo, P. da República, 118 (Telefone 2516) * Couto, L. de S. Domingos, 06 (Tel. 25963) * Estádio, Rua de S. do Bonifácio, 20 (Telefone 2664) * Menezes de Lima, P. Dr. Pedro I Pereira, 227 (Tel. 51764) * Nau Vitória, Rua Nau Vitória, 123 (Tel. 490427) * Silva Pereira, Rua Costa Cabral, 293 (T. 40761) * Foz, Rua Senhora da Luz, 382-Foz (T. 68027).
COIMBRA
Machado — Rua Bernardino de Albuquerque (tel. 23767) * Sitânia — Largo da Sé Velha (tel. 23234) * Luciano & Matos — Rua da Sofia (tels. 22147 e 22148).

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal



O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado ou limpo; o vento era fraco ou moderado predominante de Noroeste e havia neblina ou nevoeiro em alguns locais da orla costeira ocidental a norte do cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS E EXTREMOS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 34,8; mínima: Montalegre, 0,8.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 15; Penhas Douradas, 9; Coimbra, 6; Portalegre, 25; Lisboa, 9; Faro, 27.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera, 20,5; na água do mar, 16.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado dos quadrantes de Norte; neblina ou nevoeiro durante a madrugada e princípio da manhã na orla costeira ocidental a norte do cabo Carvoeiro.



Amnhã Dia 8 Dia 15 Dia 22

MARES: PREIA-MAR: Hoje — 3 e 55 (3,3 m); 21 e 16 (3,4 m); Dia 30 — 9 e 45 (3,2 m); 2 e 58 (3,3 m); Dia 1 — 10 e 46 (3,1 m); 22 e 55 (3,2 m). BAIXA-MAR: Hoje — 1 e 48 (1,4 m); 13 e 57 (1,6 m); Dia 30 — 2 e 42 (1,6 m); 15 (1,7 m); Dia 1: 3 e 4 (1,7 m); 6 e 2 (1,8 m).

O MINISTRO DO INTERIOR EM ÉVORA

ÉVORA, 29 — O ministro do Interior esteve hoje nesta cidade para visitar a 5.ª Exposição-Concurso Distrital de Gados, presidindo à cerimónia de distribuição dos prémios aos proprietários dos animais melhor classificados no referido concurso.

Aquele certame está integrado nas Festas de S. João e S. Pedro que têm decorrido animadamente na cidade, registando-se a visita de inúmeros forasteiros.

JOSÉ CHETA (O CANÇONETISTA AGREDIDO PELO MAESTRO BONJOUR:

«PEDI APENAS MAIS RITMO PARA A MINHA CANÇÃO...»

O I Grande Festival de Interpretes da Canção Portuguesa, organizado pela revista «Foco», cuja final se efectuou ontem no Teatro Monumental, ficou assinalado por dois incidentes: desconfiança da idoneidade do júri e agressão a um dos cançonetistas pelo maestro...

Falámos com o sr. Adalberto Fernandes, da referida revista, esta manhã. Começou por nos dizer:

— O júri foi sorteado por bilhetes, cinco pessoas da assistência, por sinal de condição humilde, e o público não levantou problemas. Foi um representante da Casa Arnaldo da Trindade, do Porto, que levantou problemas. Um locutor nosso, o sr. Pereira de Sousa, chamou mais cinco elementos para o júri, mas o público não aceitou, manifestando confiança nos já escolhidos...

tando confiança nos já escolhidos...

— Acha que era a melhor forma de escolher um júri, destinado a avaliar intérpretes da canção?

— Só escolhemos este sistema para que não pudesse haver favoritismos, pessoas ligadas a casas de discos, etc. Ainda, ganharam precisamente os artistas que ninguém previa. Tinha havido uma eliminação, no Pavilhão dos Desportos, no passado dia 19, e de 25 artistas somente 10 ficaram classificados para a final. Dessa vez era por sistema de votos do público. Este festival, cujos prémios eram cabeças de veado em ouro, prata e bronze, e mais nada, destinava-se apenas à promoção de artistas... Aliás, já foi a nossa revista que organizou o «Rei da Rádio» deste ano.



O cançonetista José Cheta quando hoje falava ao nosso repórter

— Bem, esse foi o primeiro incidente... E o segundo, que ocorreu com o cançonetista José Cheta e o maestro Vítor Bonjour?

— Eu apenas vi o que aconteceu...

Fala José Cheta

É o próprio cançonetista que nos vai narrar o sucedido. José Cheta tem 26 anos, nasceu em Odemira, prestou serviço na Força Aérea e começou a actuar no ano passado, alcançando êxito com uma canção de José Cid.

— Esquitei oito edições do meu primeiro disco e quatro do segundo.

— E o incidente com o maestro Vítor Bonjour?

Eu já na primeira eliminação, no Pavilhão dos Desportos, pretendi um acompanhamento de qualidade e, por isso, preferi usar uma aparelhagem de «play-back». O maestro Vítor Bonjour não gostou e a coisa foi-se arrastando... No ensaio para a final, o maestro regueu bem, mas, quando foi o espectáculo, em que eu fui o segundo a actuar, suprimiu o ritmo da minha canção. Pedi-lhe mais ritmo e ele disse-me uma palavra muito desagradável. Resolvi parar com a minha actuação e pedi-lhe para repetir, mas dentro do ritmo certo.

Era coisa que ele não podia recusar, mas recusou e eu, como sei tocar viola, pedi uma viola e perguntei ao público se queria que eu cantasse ou...

tra coisa. O público que o maestro ainda pretendia dar uma explicação, mas o público não o deixou...

— E qual era a canção que você apresentava no festival?

— «Este pão que é tão igual» da minha autoria, que costumeo bisar sempre... Aliás, na orquestra, estavam elementos da Emissora que conheciam o ritmo...

«Agrediu-me com dois pontapés!»

— E depois?

— Bem, terminada a minha actuação, estava eu nos bastidores a conversar com o Paco Bandeira, quando apareceu o maestro Vítor Bonjour. Dirigi-me-me, e, sem dizer palavra, agrediu-me com dois pontapés, prostrando-me.

A esposa do maestro já me insultara, durante a actuação... Inacreditável! Olhe, só lamento a minha presença neste festival e garanto-lhe que nunca mais acontecerá isso! Eu representava a minha marca, fui por causa disso. A orquestra tinha de ser mais completa, com violinos, etc. O maestro considerou-se ofendido, é pessoa que se irrita com facilidade. Olhe, o Paulo de Carvalho, o Gabriel Cardoso e o Vítor Santos prescindiram de acompanhar em t.o., preferiram o «play-back». Quando as coisas não correm como o maestro Vítor Bonjour quer, nega-se a acompanhar o artista... Quem me defendeu, aquando da agressão foi o Paco Bandeira, o empresário Arlindo Conde.

Podemos acrescentar que, depois da cena dos bastidores, o maestro voltou ao palco, para reger o resto do espectáculo...

NA ASSEMBLEIA NACIONAL CONTINUOU O DEBATE SOBRE A REVISÃO CONSTITUCIONAL

Setenta deputados responderam esta manhã à chamada na Assembleia Nacional. Durante a leitura do expediente foi assinalada a recepção de um telegrama de familiares de presos políticos sobre o problema das medidas de segurança.

Depois prosseguiu o debate na generalidade da proposta e dos projectos de lei sobre as alterações à Constituição Política, tendo o deputado Martins da Cruz aprovado na generalidade os três diplomas

em discussão. Referindo-se especialmente às modificações propostas pelo Governo para o Ultramar o deputado considerou:

— Apesar dos livros e livrinhos, dos papéis e papelinhos, que inundaram nos últimos tempos a correspondência dos deputados, visando estabelecer a confusão nos espíritos, estou de acordo com a maioria das vozes que aqui se ouviram a favor das alterações que foram propostas.

Safanões eleitorais

Foi o deputado Júlio Evangelista quem interveio de seguida para aprovar na generalidade a proposta do Governo que, conforme declarou, «está mais de acordo com a concepção corporativa do Estado e tem a vantagem de fur-

tar o País aos periódicos safanões eleitorais, bem pouco edificantes, entre nós, como recentemente se viu», e defender a inclusão do nome de Deus na Constituição.

O deputado Santos e Castro foi o terceiro orador da manhã para manifestar a opinião de que votará «segundo a linha da proposta do Governo, ponderando as dadas sugestões da comissão eventual da Assembleia».

O deputado Camilo de Mendonça foi o penúltimo orador desta manhã dando, também, a sua aprovação na generalidade a proposta e aos projectos de revisão constitucional, para por fim, usar da palavra o deputado Cotta Dias que aprovou inequivocamente a proposta governamental.

Férias no Algarve para um secretário de Estado dos E.U.A.

Vindo de Madria, chegou ao princípio da tarde a Lisboa, por via aérea, o secretário de Estado norte-americano para o Desenvolvimento Habitacional e Urbano, George W. Romney.

O secretário Romney, que é acompanhado por sua esposa, vem passar férias no Algarve. Esta tarde em Lisboa, Romney visitou o projecto habitacional dos Olivais.

MUNICÍPIO DA VILA DA FEIRA

O chefe do distrito de Aveiro confere posse, no sábado, às 16 horas, no Cine-Teatro da Vila da Feira, aos srs. Alcides Branco de Carvalho, industrial e dr. Diogo Manuel Vaz de Oliveira, advogado, dos cargos, respectivamente, de presidente e vice-presidente do Município daquele concelho.

EXAMES

estão a chegar...

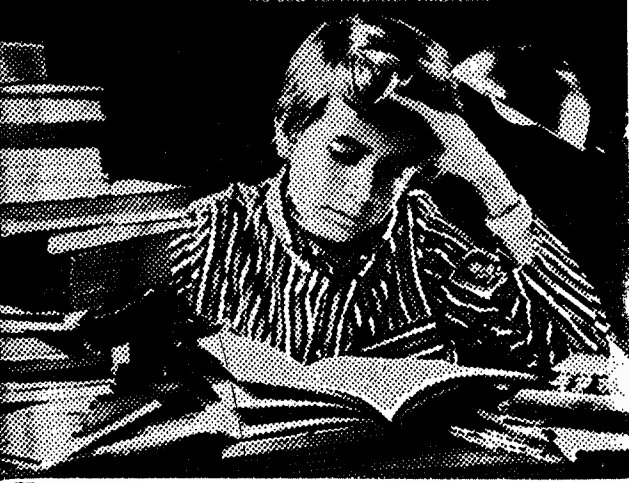
prepare a tempo um bom final com

Dietogene

O ALIMENTO QUE ALIMENTA O ÉXITO

Alimento do estudante durante todo o ano. Dietogene é INDISPENSÁVEL AGORA.

em embalagens de 30S00 e 100S00
envio pelo correio, à cobrança, se não encontrar
no seu fornecedor habitual



diese

ALIMENTAÇÃO RACIONAL AV. DA REPÚBLICA, 46 LISBOA 1

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Convite

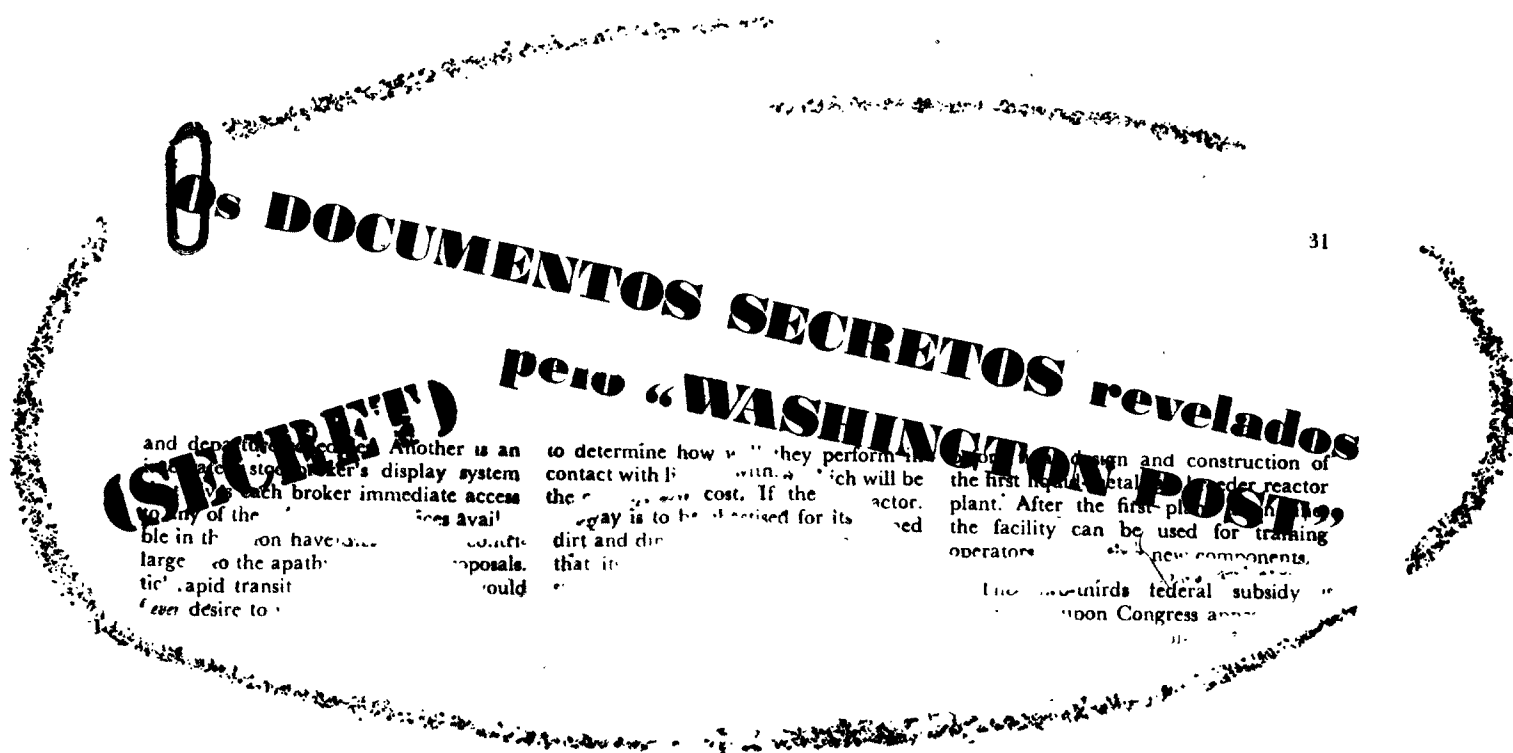
Quero conhecê-lo. Estou à sua espera em **PESTANA & BRITO**, de 28 de Junho a 3 de Julho.

Tenho para lhe oferecer uma fabulosa viagem a **LONDRES** ou **TORREMOLINOS** para duas pessoas.

Se não puder vir ao encontro, diga-lhe... a ela que venha por si.

Miss English Leather

Exclusivo



A INTERVENÇÃO AMERICANA NO VIETNAM

Por CHALMERS M. ROBERTS

A administração Eisenhower, receosa de que as eleições em todo o Vietnam — do Norte e do Sul — pudessem constituir uma vitória para Ho Chi Minh, bateram-se, arduamente, mas em vão, durante a conferência de Genebra, de 1954, por reduzir a possibilidade de aquela conferência poder impor a realização de tais eleições.

Mas, no ano seguinte, já foi o presidente do Vietnam do Sul, Ngo Dinh Diem — muito mais do que o Governo americano — o responsável por que as eleições não tivessem tido lugar. Diem recusou-se, redondamente, a discutir as eleições com o regime comunista de Hanói.

Estes são alguns dos factos que emergem do estudo do Pentágono sobre as origens da guerra do Vietnam, de que o «Washington Post» pôde dispor.

O principal responsável pela política americana de oposição às eleições foi, como muito bem se sabia na altura, John Foster Dulles, secretário de Estado do presidente Eisenhower. Mas foi este quem insistiu no apoio dos aliados no caso de pedir ao Congresso autorização para utilizar a força militar americana a fim de ir em socorro do Exército francês, em princípios de 1954. Os Estados Unidos não conseguiram esse apoio dos aliados.

Continua a desconhecer-se a origem da ideia de realizar eleições no Vietnam dividido, eleições essas pedidas nos acordos de Genebra, de 1954. Mas nada há de obscuro na atitude de Foster Dulles.

Em Julho de 1954, aquele mandou um telegrama a diversos diplomatas americanos que, na altura, enfrentavam a questão. Nele se pode ler: «...Sendo indubitável que as eleições podem, eventualmente, significar a unificação do Vietnam sob o Governo de Ho Chi Minh torna-se assim importante que as mesmas só se realizem depois do acordo de cessar-fogo, se possível, e sem intimidações de modo a darem-se mais possibilidades aos elementos democráticos. Consideramos importante que ainda se não fixe uma data e especialmente que não sejam aceites condições

pelos franceses o que poderia ter o directo ou indirecto efeito de impedir uma efectiva fiscalização internacional de um acordo que assegure garantias tanto políticas como militares».

Dulles prosseguia chamando a atenção para uma declaração formulada, em Junho, pelo presidente Eisenhower e o primeiro-ministro britânico, Wiston Churchill, especialmente para a parte em que se fala em alcançar a «unidade através de eleições livres fiscalizadas pelas Nações Unidas».

Alguns dias depois do «New York Times», também o «Washington Post», de que temos o exclusivo para Portugal, começou a publicar artigos com base no «Relatório McNamara», os já célebres «Documentos Secretos» do Pentágono acerca da intervenção norte-americana no Vietnam.

A Administração Nixon apelou para o Poder Judicial a fim de evitar a continuação da publicação de informações constantes o aludido Relatório. Dada a decisão do Juiz Murray Gurfein favorável ao prosseguimento dos artigos, o Governo recorreu para a instância superior, o que prolongou a suspensão dos textos que os jornais se propunham levar ao conhecimento do público.

Embora não haja revelações sensacionais nos artigos publicados pelo «Washington Post», aqui os trazemos ao conhecimento do público português (pags. 1, 2 e 3).

Pediram-se, por fim, as eleições, após grandes debates em Genebra, onde os Estados Unidos actuaram através dos franceses, mas couberam a outros as afirmações mais importantes.

Entre estes, contava-se Chu En-Lai, que era então, tal como agora, o primeiro-ministro chinês, e V. M. Molotov, ministro soviético dos Negócios Estrangeiros.

A POSIÇÃO CHINESA NADA TINHA DE DESARRAZOADO

Em Junho de 1954, o embaixador americano em França, Douglas Dillon, telegrafou a Dulles para lhe transmitir as conversações que tinha tido com Jean Chauvel, figura-chave da representação francesa à Conferência. Chauvel informava que Chu En-Lai tinha «dito que reconhecia haver agora dois governos no território do Vietnam, o Governo vietminh e o Governo vietnamita. Segundo Chauvel, era a primeira vez que Chu reconhecia a existência, válida, do Governo vietnamita».

Quanto às eleições, Dillon informou: «No que respeita à declaração política final, Chu disse que deve ser atingida por meio de negociações directas entre os dois Governos no Vietnam... O primeiro-ministro francês Pierre Mendes-France disse, neste ponto, que dado que a guerra tinha durado oito anos e as paixões ainda subsistiam seria preciso deixar passar muito tempo até que as eleições pudessem ter lugar, isto depois de se ter dado ao povo a possibilidade de serenar. Chu nenhuma objecção fez a tal declaração de Mendes-France e não insistiu por eleições imediatas».

Em fins de Junho, Smith visitou Molotov na sua «vila» de Genebra, redigindo um longo relatório, com os seus comentários, que incluem este: «Em conversação particular com o secretário britânico dos Estrangeiros, «Sir» Anthony Eden e outros, os delegados comunistas, em especial Chu

A INTERVENÇÃO AMERICANA NO VIETNAM

En-Lai, expuseram um aparentemente razoável ponto de vista sobre o Laos e o Camboja, mas agora que chegamos a altura de tentar obter um acordo sobre pontos específicos mostramo-nos incapazes de o fazer...

«Chu En-Lai devia estar preocupado com a possibilidade de bases americanas no Laos e no Camboja. Nós, por nosso lado, queríamos estar seguros de aqueles países se não voltarem para a China. Molotov disse-me que embora nada soubesse sobre a atitude que a China poderia ter, no futuro, quanto a outras questões, podia garantir-me que a posição chinesa neste caso particular nada tinha de desrazoado, nada havendo nela que pudesse dar lugar a conflitos. Acrescentou...»

Smith afirmou a Molotov que esta «aparência de divisão» era desagradável aos Estados Unidos e informou que «quanto à repugnância dos Estados Unidos pela divisão, ele (Molotov) respondeu que o problema podia ser facilmente resolvido por meio de eleições imediatas, o que decidiria de uma maneira ou de outra».

DULLES CONTRA A PARTILHA

Quando Molotov afirmou ao seu interlocutor que este devia encorajar os franceses a concordarem, «respondi», relata Smith, «que os Estados Unidos não eram dos principais intervenientes nos debates sobre a Indochina, e que os Estados Unidos não dispunham de voto decisivo, ao que Molotov replicou «talvez assim seja, mas os senhores têm o «veto», palavra que, tenho ouvido dizer, utilizam muitas vezes».

Dulles tinha combatido toda e qualquer partilha do Vietnam, mas, em Junho, na cidade de Genebra, Chauvel informou Alexis Johnson, da delegação americana, que «tinha havido conversações entre os vietnamitas e os vietnamines em que estes tinham tornado claro que só existiam duas alternativas, um Governo de coligação ou a partilha».

Dulles telegrafou, no mesmo dia, referindo-se à sugestão que, na altura, surgira de se estabelecer uma linha a dividir o Vietnam, «a linha Thakhek-Donghosi, aliada à rápida deterioração verificada no Delta, leva-nos a reexaminar a possível partilha «de facto» do Vietnam».

Tanto Dulles como os principais membros da sua equipa sempre se tinham oposto à partilha e às eleições. Em Abril de 1954, Dulles telegrafou a Dillon, em Paris, e ao embaixador americano Winthrop Aldrich, em Londres, a transmitir-lhes um resumo do que tinha dito ao embaixador francês, Henri Bonnet, na véspera da conferência de Genebra.

Afirmava aí que a «partilha da Indochina é impraticável. Poderá ser o princípio do desastre». Mas acrescentava que podia conduzir a uma «fórmula de salvar a face, encobrindo a rendição das forças francesas».

Quando a conferência de Genebra começou, já os Estados Unidos tinham considerado a possibilidade de uma sua intervenção militar.

Por exemplo, em Janeiro de 1954, numa reunião da comissão presidencial sobre a Indochina, discutiu-se a possibilidade de mandar aviões aos franceses assim como 200 mecânicos militares.

O adjunto do secretário da Defesa, Roger Keys, «perguntou se ao enviar aqueles homens os Estados Unidos não se comprometeriam a apoiar os franceses de tal modo que devemos estar eventualmente preparados para uma completa intervenção, incluindo a utilização de forças americanas de combate». O subsecretário de Estado, Smith, discordou, afirmando que «estariamos a enviar forças de manutenção e não forças de terra». Pensava, no entanto, que era de tal importância vencer na Indochina que, mal por mal, ele, pessoalmente, era a favor de uma intervenção dos Estados Unidos com forças aéreas e navais.



Nos princípios de Janeiro, o presidente Eisenhower aprovou o relatório presente ao Conselho Nacional de Segurança, dois dias antes, sobre os «objectivos dos Estados Unidos e as acções a empreender quanto ao Sueste Asiático».

DESAGRADO DE EISENHOWER

O fim imediato era ajudar os franceses, enviando-lhes, «se fosse necessário», mais auxílio, para lhes assistir em:

A. — Um agressivo programa militar, político e psicológico, incluindo operações dissimuladas, para eliminar as forças organizadas do Vietmin, em meados de 1955.

B. — Desenvolver as forças armadas locais, incluindo os serviços logísticos e administrativos, que seriam, eventualmente, capazes de manter a segurança interna, sem a assistência das unidades francesas.

O documento do Conselho Nacional de Segurança faz notar que se as actividades acima esboçadas fossem concretizadas, «os Estados Unidos teriam de reconhecer que corriam o risco de se envolverem num conflito com a China e, possivelmente, com a União Soviética, pelo que teriam de tomar medidas para proceder a uma mobilização em larga escala».

Mas o presidente Eisenhower, embora tivesse aprovado o plano, quis que o Congresso também lhe desse o seu acordo, assim como pretendeu a participação aliada em quaisquer intervenções americanas.

Dulles, no entanto, teve dificuldades com os aliados, especialmente os ingleses. Dulles deu notícia a Smith de uma conversa que tivera, em Londres, no mês de Abril, com Anthony Eden, a quem achou receoso de que uma intervenção militar seria «um caso mais sério do que o da Coreia», onde as hostilidades tinham terminado há menos de um ano.

Uns dias depois, Dulles resumia, em parte, as suas decisões, desta maneira: «A atitude do Reino Unido é de cada vez maior fraqueza. A Grã-Bretanha parece sentir que estamos dispostos a aceitar os actuais riscos de uma guerra com a China, o que unido ao seu receio de que poderíamos começar a utilizar armas atómicas muito contribuiu para o assustar».

As declarações sumárias constantes dos documentos de que o «Washington Post» dispõe não incluem nenhuma decisão de Eisenhower no sentido de intervir em qualquer dos diversos pontos que, durante o ano de 1954, estavam a ser estudados. O elemento que melhor pode servir para definir o pensamento do Chefe do Executivo é um memorandum, do mês de Maio, enviado ao secretário da Defesa, por Robert Cutler, conselheiro especial do presidente, e a quem competiam os assuntos do Conselho de Segurança.

Cutler dá notícia de uma reunião no gabinete do Presidente, a que apenas assistiram Eisenhower, Dulles e ele próprio. Eisenhower exprimiu o seu desagrado pelas propostas de Eden, que lançaram por terra qualquer intervenção.

O «Ponto 3», no entanto, exprime bem o modo de ver do presidente. Nele se afirma: «Os Estados Unidos não concordarão com um «Partido dos homens brancos» para resolver os problemas das nações do Sueste Asiático».

RECUSA DE DIEM

Nos documentos de que dispomos não há sinal de esforços americanos, posteriores à conferência de Genebra, no sentido de evitar que se realizassem eleições em todo o território do Vietnam.

Segundo um relatório de Genebra, os soviéticos tinham «proposto Junho de 1955», mas tanto eles como os chineses e os norte-vietnamitas tinham aceite, por fim, o mês de Julho de 1956. O Vietnam do Sul, a quem, conforme se pode ver pelos telegramas, quase nada se disse sobre as conversações secretas de Genebra, embora ali estivesse presente uma delegação saionesa, nunca aceitaram os acordos de Genebra, tanto nessa altura como agora.

Um documento sumário, dado como pertencente ao Pentágono por um perito não identificado, formula os resultados nestes termos:

«Conforme se aproximava o termo fixado para as consultas (Julho de 1955) Diem foi tornando cada vez mais explícito que não considerava possíveis eleições livres no Vietnam do Sul e não tinha a intenção de ter consultas com o Vietnam do Norte sobre as mesmas».

Os Estados Unidos — contra o que tantas vezes se alega — não foram coniventes com Diem no sentido de se ignorarem as eleições. Os documentos do Departamento de Estado indicam que a recusa de Diem em aceitar os acordos de Genebra e a sua oposição a consultas pré-eleitorais são de sua única iniciativa.

«No entanto, os Estados Unidos, que esperavam que as eleições pudessem ter lugar em Maio de 1955, deram-lhe o seu completo apoio, mudando a sua posição em face dos opositores de Diem e da evidente natureza agressora do regime norte-vietnamiano», estabelecendo-se no histórico estudo elaborado pelo Departamento de Estado que «a nossa posição seria a de que tudo quanto respeitasse às consultas e eleições no Vietnam deveria ser entregue aos próprios vietnamitas e não determinado por acordos externos, que uma das partes nunca aceitou e continua a rejeitar».

REFRIGERAÇÃO ELECTRO - AUTOMÁTICA
CONSTRUÇÃO E MONTAGEM DE INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS, ASSISTÊNCIA TÉCNICA E SECÇÕES DE ACESSÓRIOS

LUSOFRIO, LDA.

AV. SACADURA CABRAL, 19-A
Tels.: 77 62 87 Stand — 77 46 55 Escrit.
LISBOA 1

OS BOMBARDEAMENTOS AO VIETNAM DO NORTE NA ENGRENAGEM DA GUERRA

WASHINGTON



Por MURRY MARDER

Os estrategos da Administração Johnson tinham poucas esperanças de que a da hélice, a fim de ficadas, entre 1965 e 1968, dos bombardeamentos do Vietnam do Norte pudessem levar a conversações de paz. E havia muitos dos seus conselheiros que pensavam que aquelas improdutivas pausas poderiam constituir uma conveniente justificação para intensificar o conflito — isto segundo o estudo do Departamento da Defesa sobre aqueles anos de guerra.

Os autores daquele plano consideravam as interrupções dos bombardeamentos como «uma espécie de dente de uma engrenagem destinada a reduzir a tensão para depois a intensificar, provocando «mais uma volta da hélice», a fim de «quebrar a resistência do inimigo a entrar em negociações» — afirma-se naquele estudo.

No decurso daqueles anos todos, os responsáveis americanos sempre consideraram as suas condições para o estabelecimento da paz como virtualmente irreconciliáveis com as oferecidas pelo Vietnam do Norte e o Vietcong, reconhecendo-se, porém, que as condições de paz poderiam ser facilitadas antes mesmo de se terem entabulado negociações.

Os Estados Unidos moderaram as suas condições em 31 de Março de 1968, aquando do dramático anúncio feito pelo presidente Johnson, através da televisão, de que não se candidataria a uma reeleição, acrescentando, na mesma altura, que iria interromper por tempo indefinido, alguns dos bombardeamentos. Hanói, para grande surpresa da maior parte dos especialistas americanos, aceitou encetar conversações preliminares.

O estudo do Pentágono também lança uma nova e significativa luz sobre a controversia travada nos últimos anos acerca de quem foi o primeiro responsável em incitar o presidente a pôr termo à escalada e a encetar negociações.

A especulação centrava-se nos antigos secretário da Defesa Clark Clifford e secretário de Estado Dean Rusk, como sendo dois antagonistas naquilo que veio a ser chamado «a luta para influenciar o espírito do presidente», embora Johnson, negando que tal luta alguma vez tivesse tido lugar, dissesse que Rusk — e não Clifford — tinha sido o primeiro a sugerir a suspensão parcial dos bombardeamentos, em 5 ou 6 de Março de 1968.

OBJECTIVOS DIFERENTES DE RUSK E CLIFFORD

O estudo do Pentágono, recentemente revelado — que se admite ser incompleto, em especial no que



respeita à actividade da Casa Branca e do Departamento de Estado — apresenta informações que demonstram terem sido muito mais complexos os meandros que levaram à tão controversa decisão de 31 de Março.

A nova documentação afirma, em parte, que a ideia da limitação dos bombardeamentos foi, pelo menos, ventilada no seio da Administração Johnson, já em 1966, pelo secretário da Defesa, Robert McNamara, e foi Nicholas Katzenbach, então subsecretário de Estado, quem, em Maio de 1967, propôs, pela primeira vez, especificamente, «uma suspensão, territorialmente limitada, dos bombardeamentos», suspensão essa

que, por fim, se concretizou ser até ao paralelo 20 do Vietnam do Norte.

O estudo confirma, também, que, em princípios de Março de 1968, foi Dean Rusk, mais do que Clifford, quem propôs ao presidente a suspensão parcial dos bombardeamentos.

A nova documentação também indica que os objectivos de Rusk diferiam dos de Clifford. A intenção deste era mudar o curso do conflito. Com a sugestão de Rusk, porém, não se pretendia modificar os objectivos iniciais da América ao participar na luta.

Os serviços americanos de informação tinham feito notar que o tempo para bombardear o Vietnam do Norte se estava a pôr mau

e «até Maio não haveria, por mês, mais do que uns quatro dias bons para se empreenderem bombardeamentos».

Por conseguinte, o ponto de vista que prevaleceu foi o de que os Estados Unidos apenas se arriscavam a mais outra «pausa» nos bombardeamentos.

Um telegrama enviado em Março a todas as embaixadas no estrangeiro, e citado no estudo do Pentágono, dizia, em parte, o seguinte: «É mais do que provável que Hanói vai denunciar o projecto o que nos deixará as mãos livres (para os bombardeamentos limitados), depois de um certo período».

Entre 1965 e 1968, como falharam, repetidamente, as

previsões optimistas acerca da guerra, os estragos dos Estados Unidos tentaram todas as formas de pressão militar que eram capazes de imaginar, para destruir a deliberação comunista de prosseguir com a guerra no Vietnam do Sul — dentro dos limites estabelecidos pelo presidente Johnson para se evitar uma guerra aberta, com poderosos meios militares.

Segundo os documentos do Pentágono, num «memorandum» por ele escrito em Julho de 1965, «Rusk declara, sem rodeios», o seguinte:

«O objectivo central dos Estados Unidos no Vietnam do Sul deve ser assegurar-se de que o Vietnam do Norte não consiga fo-

mar conta ou determinar o futuro do Vietnam do Sul, pela força. Temos de levar a cabo este objectivo, sem, se possível, provocar uma guerra generalizada».

O documento cita, então, aquilo que tanto de como o presidente Johnson e outros responsáveis muitas vezes afirmaram em público ou particularmente:

«A integridade do compromisso dos Estados Unidos é o principal pilar da paz no Mundo. Se esse compromisso se mostrar inseguro, o mundo comunista poderá, com certeza, tirar conclusões que podem levar à nossa ruína e quase com toda a certeza a uma guerra catastrófica...»

BAI L. A ÚNICA «POMBA»

O estudo do Pentágono mostra que, a partir do incidente no Golfo de Tonquim, em Agosto de 1964, as personalidades mais altamente colocadas dentro do Governo começaram, particularmente, a mostrar reservas contra toda e qualquer «corrida à mesa das conferências». Em 1964, e mais ainda em 1965, as tropas do Vietnam do Sul encontravam-se perante o risco de sofrerem uma completa derrota diante dos comunistas, o que as entidades oficiais americanas só admitiram muito mais tarde, quando a participação de grandes forças dos Estados Unidos afastou o perigo.

Aquela advertência contra os riscos de conversações de paz quando os comunistas procuravam controlar Saigão foi também compartilhada pelo secretário da Defesa, McNamara e pela sua equipa, assim como por muitas outras individualidades ligadas ao Governo, gente que, mais tarde, se mostrou desanimada com o curso levado pela política dos Estados Unidos.

Em Julho de 1965 o «memorandum» citado no documento do Pentágono defende uma harmonização das iniciativas políticas e militares, mas com prioridade para estas últimas.

«Ao mesmo tempo que damos passos no sentido de mudar o curso das coisas no Vietnam do Sul — afirma McNamara — «os Estados Unidos devem encetar o «diálogo» com a União Soviética e o Vietnam do Norte e talvez mesmo com o Vietcong, de modo a estabelecer aberturas diplomáticas para se prepararem as bases de um acordo em tempo oportuno...»

Embora McNamara tivesse autorizado este estudo do Pentágono, os cáusticos comentários do autor da análise acerca desta e de outras iniciativas sugeridas por aquele secretário da Defesa, são do teor seguinte:

OS BOMBARDEAMENTOS AO VIETNAM DO NORTE

te: «As recomendações de McNamara pouco mais significam do que dizer, que os Estados Unidos devem estabelecer canais para uma discreta rendição do inimigo, com um relativo salvar de face, quando aquele decidir que o jogo se lhe está a tornar demasiado caro».

O comentador acrescenta: «Era isto, de facto, o que Washington (uma vez mais com excepção de Ball) queria dizer em meados de 1965, ao falar de um acordo político. «Ball é o subsecretário de Estado George Ball, que era, na altura, a única «pomba» a alto nível administrativo.

O estudo do Pentágono credita a McNamara e ao falecido secretário adjunto da Segurança Interna, John McNaughton, o terem, em Julho de 1965, proposto, para o fim do ano, uma suspensão dos bombardeamentos, com a duração de 37 dias.

Ao delinear as suas ideias sobre o que seria a tal sus-

pensão de 37 dias, estabeleceu-se o seguinte no memorandum enviado por McNamara ao presidente, em 30 de Novembro de 1965: «Sou de opinião que deve haver uma pausa de três ou quatro semanas no programa de bombardeamentos do Norte antes de termos aumentado o envio de tropas para o Vietnam ou intensificado os nossos ataques ao Norte. A minha opinião assenta em que, primeiro, devemos criar no espírito do público americano e na opinião mundial as bases justificativas de uma fase de alargamento da guerra, e, segundo, dar ao Vietnam do Norte a oportunidade de, sem perder a face, parar com a agressão».

Mas os chefes militares — prossegue o estudo — «profissionalmente desconfiados da arte diplomática e da habilidade de quantos, em Washington, tomam as decisões políticas, em resistir à pressão, nos Estados Unidos, do «Movimento

para a Paz», não se mostraram tão seguros.

«Aqueles (fazendo-se eco do general Westmoreland e do almirante Sharp) opuseram-se, também, a qualquer medida que pudesse, ainda que momentaneamente, reduzir a pressão sobre o Vietnam do Norte». O general William Westmoreland era, então, o comandante militar americano no Vietnam do Sul, enquanto o almirante G. Sharp era o comandante-chefe no Pacífico.

PAUSA MAIS «PRODUTIVA»

Nesta altura, segundo o estudo do Pentágono, apareceu «um documento do Departamento de Estado falando em nome de Dean Rusk, a pronunciar-se contra a suspensão dos bombardeamentos».

O estudo do Pentágono conta que, depois de ter encarádo os argumentos pró e contra, o «memorandum» do Departamento de Estado, afirmava: «Os argumentos que se opõem à suspen-

são dos bombardeamentos são convincentes para o Secretário de Estado que recomenda que se não tome, por agora, tal decisão».

O estudo do Pentágono relata, ainda que, no mes-



O presidente Diem do Vietnam do Sul

mo dia em que se recebeu o ponto de vista de Dean Rusk, McNaughton infor-

mou McNamara, num «memorandum», que o argumento básico do secretário de Estado era que «a suspensão dos bombardeamentos era uma «carta» que só se poderia jogar uma vez».

«De facto», escreve McNaughton, «é mais razoável pensar que se pode jogar, qualquer número de vezes».

Naughton, «a pacificação atolou-se, apesar dos esforços e das esperanças, a infra-estrutura política de Saigão está moribunda e é cada vez mais força, nas áreas rurais, do que a dos vietcongues, e o Vietnam do Sul está muito perto de uma grave inflação e do caos económico».

«O actual objectivo dos Estados Unidos no Vietnam» — afirma McNaughton — «é evitar a humilhação».

MUDANÇA NO GOVERNO

Embora defenda um ponto de vista que desce da vitória ao compromisso, McNaughton reconhece que isso poderá «criar sérios embaraços ao regime de Saigão» e dar ao Vietnam do Norte «o cheiro a sangue». Por conseguinte, afirma McNaughton, «torna-se necessário intensificar a guerra caso o inimigo interprete mal a nossa vontade de estabelecer um compromisso».

Entretanto, McNamara começava a sentir-se desanimado com a inutilidade dos bombardeamentos. Desiludido com a incapacidade destes em alterarem a feição que a guerra tinha tomado, McNamara — relata-se no documento — pensou em estender uma «barreira» ou «vedação» ao longo da fronteira norte do Vietnam do Sul, numa tentativa para impedir infiltrações.

A ideia, segundo o «dosiers», «foi, primeiro, proposta em Janeiro de 1966, por Roger Fisher, da Faculdade de Direito de Harvard num dos seus periódicos memorandos dirigidos a McNaughton».

Os militares protestaram dizendo que para se montar tal barreira seriam necessários sete ou oito divisões, grandes recursos aéreos e uns três e meio a quatro anos para se completar o trabalho.

O presidente Johnson aprovou a ideia da vedação. Mas o documento relata que a batalha sobre a estratégia prosseguiu durante o ano de 1967.

O estudo do Pentágono conta que, durante o ano de 1967, as coisas começaram a mudar dentro do Governo. Os civis começaram a opor-se, «no todo ou em parte», aos pedidos dos militares no sentido de se intensificar a guerra.

Mas os militares voltaram-se para um poderoso aliado, o senador John Stennis. A subcomissão senatorial por este dirigida concordou com a reclamação dos militares de que se tinham restringido, sem justificação, os bombardeamentos ao Vietnam do Norte.

Era grande a pressão exercida sobre o presidente, tanto mais que as suspensões dos bombardeamentos, verificadas em 1967, «não criaram melhores condições para estabelecer a paz» — afirma-se na análise.

Sobreveio, então, a marcha ofensiva comunista do «Tet», iniciada em 31 de Janeiro de 1968, sobre as cidades sul-vietnamitas; o que veio destruir o optimismo criado nos Estados Unidos sobre a marcha do conflito.

Aumentaram as pressões no sentido de se pôr termo à participação americana na guerra. Foi o que pretendeu fazer o presidente Johnson, depositando todas as suas esperanças em conversações de paz.

chegaram os incomparáveis!

VENHA ESCOLHÊ-LOS NA SIDIAL!

Eles aqui estão! O novo Sunbeam Avenger 1250. E o novo Sunbeam Avenger 1500 Super. Venha vê-los à SIDIAL. Admire a elegância e a raça destes novos carros: 4 portas, segurança, economia e um toque nervoso incomparável. Venha escolher o seu Sunbeam Avenger.

Ou, se preferir, decida-se pela linha Simca: Simca 1000 GL e S, 1100 GL e S, 1301 S e 1501 S. Damos-lhe um novo modo de assistência. Entrega imediata do automóvel e facilidades de pagamento... incomparáveis! Não demore. Venha!



SIDIAL — Avenida de Roma - 15 B - Lisboa — Tel. 76 70 41

CONCESSIONÁRIO  CHRYSLER DE PORTUGAL



Por TOM LAMBERT

FALTA DE MÃO-DE-OBRA — DILEMA ISRAELITA

JERUSALÉM — A economia de Israel, pouco segura da sua expansão, apresenta aos seus dirigentes uma série de perturbantes dilemas no campo ideológico, económico e da segurança. A questão está em saber como conseguir mais trabalhadores.

Em suma, existem, em Israel, mais trabalhos de certo género do que israelitas para os executarem.

Como há aqui escassez de trabalhadores e os imigrantes não se sentem atraídos por certo género de tarefas — especialmente a construção civil e de estradas — os territórios árabes ocupados podem ser encarados como fontes de mão-de-obra.

Mas reside aqui o dilema: poderão os dirigentes israelitas admitir mais trabalhadores árabes dos territórios ocupados, criando, assim, o perigo do estabelecimento de um «protetorado» árabe, o que contraria o conceito israelita de que devem ser eles próprios a executar as suas tarefas, não vivendo do trabalho alheio?

Se se admitir mais árabes, provenientes da margem ocidental do Jordão, não se irá comprometer o modesto surto económico que se está a verificar naquela zona? Se se admitirem mais árabes da faixa de Gaza não se irá acirrar as hostilidades entre os habitantes anti-israelitas e os que se mostram dispostos a «colaborar», criando mais problemas de segurança?

RISCO DE AFROUXAMENTO

Espera-se que o Governo israelita acabe por tomar, dentro em breve, uma deci-

venham trabalhar para Israel.

Os economistas afirmam, de facto, que é escasso o número de 30 000 trabalhadores, estabelecido pelo Governo, e que se torna necessário o dobro.

Sugeriram, também, que se aumente o número de centros de preparação profissional, existentes na mar-

gem ocidental e na faixa de Gaza, de modo a que haja mais árabes especializados na construção civil, em mecânica e noutros ofícios.

«COLABORAÇÃO»

É quase certo que o Governo se decidirá pela ad-

missão de mais trabalhadores árabes em Israel, e que estes não deixarão de acorrer. É isto por várias razões:

— Um horário de trabalho de oito horas, comparado com as 10 a 12, correntes na margem ocidental e na faixa de Gaza;

— Os árabes que trabalham em Israel ganham o

dobro ou o triplo do que recebem os dos territórios ocupados;

— Os trabalhadores árabes, em Israel, recebem a mesma assistência e os mesmos benefícios sociais dos trabalhadores israelitas.

A atração exercida pelo trabalho em Israel provocou certas modificações sociais

entre os operários árabes, especialmente na faixa de Gaza. Centenas de famílias abandonaram aquela desolada região, repeta-se campos de refugiados e onde a animosidade campeia, deslocando-se para Jericó e para a área de Hebron, na margem ocidental, onde o «colaboracionismo» desperta menos atenção.

ÚLTIMOS SUCESSOS MUNDIAIS DO



RALLY DA SUÉCIA

1.º Stig Blomqvist | SAAB V4

RALLY DA NORUEGA

1.º Per Eklund • Rolf Carlsson | SAAB V4

RALLY DA ÍNDIA

1.º Maharajkumar of Gondal | JAGUAR XK 150

4 HORAS DE MONZA (ITÁLIA)

2. Dieter • Quester • Alex Soler-Roigh | BMW 2002

ÁUSTRIA TROPHY RACE

1.º John Fitzpatrick • Jochen Mass | FORD ESCORT

EM TODOS OS CLIMAS, EM TODOS OS CARROS

Castrol GTX Feito para proteger mais e melhor!



GOLDA MEIR: — O
Governo decidirá-se-á
pela admissão de mais
trabalhadores árabes

são, e tudo parece indicar que optará por admitir mais trabalhadores árabes.

Já trabalham em Israel cerca de 30 mil árabes provenientes da margem ocidental e da faixa de Gaza, mas existe uma determinação governamental no sentido de esse número não ser ultrapassado.

No entanto, os economistas do Ministério do Trabalho informaram, recentemente, o detentor da pasta, Joseph Almoggi, de que a expansão económica do país corre o risco de afrouxamento se se não permitir aos árabes, radicados na zona ocidental e em Gaza, que

Por JEAN
CHARRY

AS NOVAS ENGRENAGENS DA INFLAÇÃO

Na conjuntura actual poderíamos ser tentados a pensar que a inflação é apenas manifestação de um crescimento excessivo da massa monetária e do déficit da balança de pagamentos dos E.U.A. Ajustamentos monetários, acompanhados de uma política de austeridade financeira, além-Atlântico bastariam então para travar a raça inflacionista que grassa por todo o mundo. E, no entanto, a crise de confiança no dólar não deve iludir-nos quanto à natureza e às causas da actual inflação. Esta apresenta características específicas que não permitem que a liguemos, pura e simplesmente, aos fenómenos cíclicos ou às desordens localizadas que anteriormente se conheceram. A inflação actual tem características específicas que levanta novos problemas.

Primeiro, a originalidade desta inflação reside na sua dupla dimensão: é mundial e é persistente. Fenómeno mundial, a inflação manifestou-se primeiro nos E. U. A., em 1966. A partir dessa época, o ritmo anual de aumento dos preços americanos esteve em constante aceleração, passando de 1,8%, entre 1960 e 1965, para 3,3%, em 1965-66 e depois para 5,4%, em 1969. Este aceleração não se manifestou imediatamente nos outros países industrializados (Europa e Japão), os quais abriam cada vez mais largamente as suas fronteiras às trocas com o exterior. Mas, em 1970, a alta de preços atingia na Grã-Bretanha, 7,9% (contra 3,7% nos anos de 1965-1968), na Alemanha, 4% (em vez de 2,3%), na França, 5,3% (contra 3,3%), e no Japão, 8,4% (em vez de 4,8%).

Agora, a alta de preços afecta o mundo inteiro: afecta as economias subdesenvolvidas, sobre as quais tem efeitos positivos, pois causa a subida das cotações dos produtos de base, e efeitos negativos pois provoca o encarecimento dos produtos manufacturados importados e o do dinheiro emprestado. O fenómeno parece mesmo infiltrar-se nas economias socialistas. É certo que poderíamos ser levados a pensar que se trata apenas da propagação, pelo conjunto mundial, de um desregramento conjuntural da economia americana dominante, mas a persistência do fenómeno leva-nos a rejeitar tal explicação.

CONTESTAÇÕES E PROBLEMAS NOVOS

De facto, a inflação é permanente: esta hipótese, que podemos formular, pela simples leitura das estatísticas da evolução dos preços, parece ser confirmada pela falência das medidas de correcção postas em funcionamento. A inflação persiste, mesmo quando já não há expansão: a alta dos preços americanos passou de 5,4% a 5,5%, entre 1969 e 1970, quando, nesse período, não houve crescimento da produção interna.

Fenómeno mundial e persistente, a inflação actual levanta, além disso, novos problemas. O primeiro diz respeito aos instrumentos a utilizar na luta contra a inflação. O arsenal utilizado para este efeito tem vindo a ser incessantemente aperfeiçoado, e vemos no célebre relatório da O. C. D. E., de Novembro de 1970, a panóplia completa do combatente anti-inflacionista: «controle» dos preços e dos rendimentos, intensificação da concorrência, supressão dos entraves ao comércio externo, melhor gestão do Estado e dos seus dinheiros, redução da massa monetária, restrição do crédito, e, em definitivo, afrouxamento marcado da actividade económica, com a manutenção de um certo desemprego. No entanto, forçoso é constatar que os meios recentemente utilizados por diferentes países têm sido pouco eficazes e chegaram, em certos casos, a resultados piores que o mal que iam debelar: a coexistência da inflação e do estagnação.

A partir desta constatação de falência, os responsáveis pela política económica e financeira viram-se perante um segundo problema: a actual inflação será, na verdade, um mal que deve ser combatido? Na verdade, alguns desses responsáveis chegaram à conclusão de que, dada a característica internacional deste fenómeno, ele já não oferece os inconvenientes habituais no plano do comércio externo.

É certo que a inflação era tradicionalmente condenada, por razões sociais: através da corrida preços-salários via-se surgir um lucro por desfasamento de que os capitalistas se apropriavam em detrimento dos trabalhadores e dos consumidores. Mas o problema complicou-se: hoje já não há inteira certeza de que os preços precedam os salários na espiral inflacionista nem de que os trabalhadores sejam as principais vítimas de uma situação que obviamente afecta alguns deles, mas que — segundo parece — atinge com muito maior gravidade aqueles geralmente designados por «postos à margem da expansão»: as pessoas da terceira idade, os pequenos agricultores, artífices e comerciantes, incapazes de fazerem face intelectual e financeiramente às exigências da economia moderna. Além disso, atingirá provavelmente muitos países subdesenvolvidos (se exceptuarmos a reacção dos países produtores de petróleo).

Em resumo: parece inteiramente necessário proceder a uma renovação da análise da inflação e olhar com novos olhos o funcionamento da economia. A partir de um certo estágio de abundância, mesmo quando esta é desigualmente repartida, os mecanismos do mercado transformam-se: a concorrência complica-se, a procura evolui, os rendimentos formam-se de modo diferente, a moeda e o crédito eriam-se, segundo novas regras, de modo que todo este conjunto estimula a alta dos preços e o avolumar da liquidez, em vez de os travar.

Os países da C. E. E. esperavam que a abertura das suas fronteiras, nos anos 60, proporcionasse uma intensificação da concorrência, a qual, por sua vez, garantiria (segundo pensavam) uma travagem duradoura dos seus preços (a exemplo do que se observara nos E. U. A.). Mas, à medida que a gestão das empresas se vai aperfeiçoando, que as técnicas de comercialização se vão afinando e que as necessidades essenciais de consumo vão sendo satisfeitas, vai-se constatando uma transformação (e não mesmo uma verdadeira «perversão») dos mecanismos da concorrência, na medida em que a estabilidade dos preços seja erigida em regra moral da vida económica e social.

Esta concorrência manifesta-se, com frequência cada vez maior não por uma baixa do próprio preço nos diversos estádios da produção, mas pela comparação falaciosa entre o preço praticado e um preço teórico apresentado como «preço normal» ou «preço de tarifa» ou «preço aconselhado para a venda ao público». Por isso a publicidade se afere muitas vezes mais pela percentagem de desconto consentido ao comprador que pelo montante da soma a desembolsar. Ao mesmo tempo, utiliza as técnicas de compensação entre os produtos vendidos com pequena margem (porque os seus preços são notoriamente conhecidos ou porque estão sujeitos a uma ávida competição) e aqueles em cujos preços o comerciante incorpora a maior parte do seu lucro.

Verifica-se, sem dúvida, um progresso das trocas internacionais; mas estas resultam cada vez mais de uma organização internacional do trabalho e cada vez menos de uma concorrência directa entre os produtores. De um modo geral, a concentração que esta evolução subentende, encaminha as diferentes economias para estruturas oligopolíticas. Não poderemos afirmar em definitivo se estas estruturas intensificam ou atenuam globalmente a intensidade da concorrência, mas do que não restam dúvidas é que vão deixando um lugar cada vez menor à concorrência directa pelos preços.

Verifica-se, sem dúvida, um progresso das trocas internacionais; mas estas resultam cada vez mais de uma organização internacional do trabalho e cada vez menos de uma concorrência directa entre os produtores. De um modo geral, a concentração que esta evolução subentende, encaminha as diferentes economias para estruturas oligopolíticas. Não poderemos afirmar em definitivo se estas estruturas intensificam ou atenuam globalmente a intensidade da concorrência, mas do que não restam dúvidas é que vão deixando um lugar cada vez menor à concorrência directa pelos preços.

A ECONOMIA DOS SERVIÇOS

A subida dos serviços já não é apenas uma questão de libertação dos entraves da concorrência, mas sim um factor estrutural de alta dos preços. Nas prestações de serviços (que são actividades de mão-de-obra por excelência) a produtividade progride muito mais lentamente que nou-

Sendo assim, não causa espanto nenhum que os serviços conheçam uma evolução de preços mais rápida que as outras actividades económicas e que o aumento do custo de vida sofra um aceleração, em virtude de a percentagem destas prestações aumentar nos orçamentos domésticos. Observe-se, assim, que o aumento dos preços de consumo dos serviços privados foi da ordem dos 42% na República Federal Alemã, durante o período de 1962-1970, contra 15%, na alimentação, 17%, nos produtos manufacturados e 25%, no total do custo de vida.

A REIVINDICAÇÃO DE PARIDADE...

Sendo os preços muitas vezes considerados um «salário», por empresários individuais do sector dos serviços, estes tentam praticar aumentos inspirados pelos acordos salariais das empresas industriais.

Alinhar por aquele que obteve o maior aumento da sua remuneração: tal é o objectivo comum dos diferentes titulares de rendimentos. Os prestadores de serviços ao fazerem tal, limitam-se a aplicar uma lei fundamental da sociedade moderna. Esta é talvez a mais inflacionista manifestação da tendência geral para o alinhamento se tivermos em conta a relativa debilidade dos ganhos de produtividade realizados nesta fracção do sector terciário.

Mas, objectar-se-á, há já muito tempo que esta paridade está inscrita, se não na evolução efectiva dos rendimentos, pelo menos, nas reivindicações das diferentes categorias socio-profissionais; por conseguinte, não poderia explicar o carácter súbito da inflação actual. Seria, sem dúvida, necessário alargar a análise económica a considerações de carácter sociológico, referindo-se, nomeadamente aos progressos fulminantes da televisão, nos países mais desenvolvidos. De certo modo a TV fez entrar o «salão do rico» na casa do pobre e avivou, de modo imediato e intenso, a reivindicação de paridade que se invocou anterior-



tos sectores, por mais mensurável que essa produtividade seja. Ora o peso crescente dos serviços na produção contribui para reduzir a taxa média de melhoria da produtividade na economia moderna. Certos economistas americanos não deixaram de estabelecer uma relação directa entre o afrouxamento do ritmo da produtividade média imputável ao peso crescente dos serviços na economia e ao desenvolvimento da inflação nos E. U. A. Estas hipóteses formuladas a propósito da economia americana poderiam aplicar-se a todos os países industrializados.

A concorrência tem, aliás, o seu papel mais dificultado no sector dos serviços que nos outros, e isto por duas séries de razões. O consumidor não pode efectuar facilmente comparações de preços entre os prestadores de serviços, porque lhe faltam critérios precisos e objectivos. Além disso, a própria natureza das actividades de serviços implica, na maioria dos casos, relações pessoais entre fornecedor e cliente, que são acompanhadas de uma apreciação subjectiva da prestação. Do lado dos prestadores, a concorrência também joga com dificuldade.

mente para explicar o desregramento inflacionista do mecanismo de formação dos rendimentos.

... E A REFERENCIA AOS SALÁRIOS INDUSTRIAIS

Ora os salários constituem actualmente, nos E. U. A., como no Japão e na Europa Ocidental, com altas anuais muitas vezes superior a 10 por cento, o elemento motor da evolução dos rendimentos nominais e a reivindicação de paridade tomam como referência a remuneração dos trabalhadores da indústria. Assim, é neste tipo de rendimento que deve concentrar-se a atenção, para analisar as novas molas da inflação. Notar-se-á que, no próprio interior do sector industrial, o alinhamento das evoluções é reclamado pelos assalariados entre as diferentes empresas dum mesmo ramo, entre os diferentes ramos e, finalmente, entre as diferentes categorias de pessoal. Para o futuro não está, de modo nenhum, excluído que essas reivindicações não se alimentem (isso já existe nas zonas fronteiriças) dos níveis

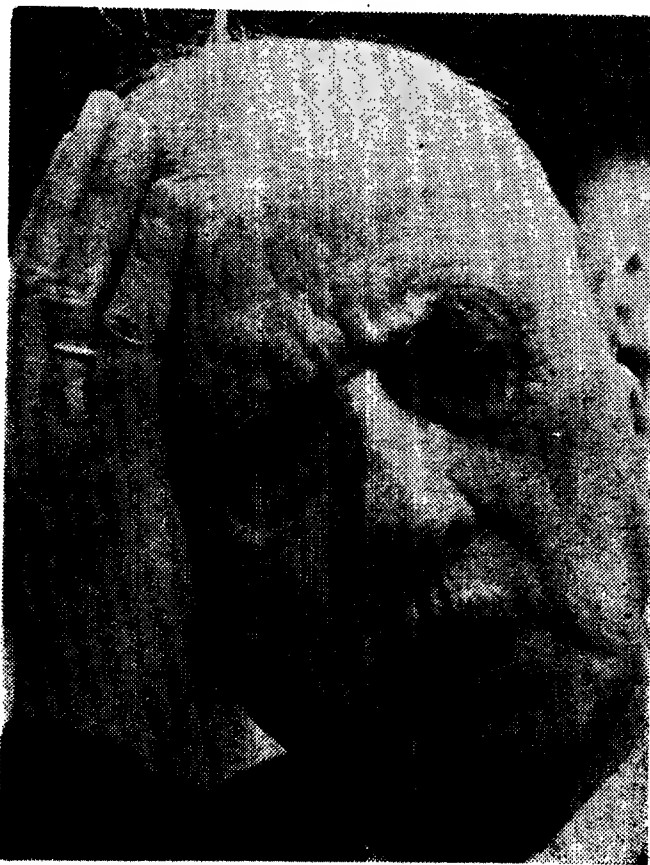
de remuneração industrial.
Se le-
que a al-
esta orige-
haviam
tuição a
falha de
quência
integral
ção (em
assim ob-
de traba-
que dela
Para
convém
farcas ei-
porque o
financie-
vistas de
E, se
ção, já n-
mático,
mas con-
finança
hoje a in-
terias so-
A ate-
o cabo,
darem os
des, sem-
tados por
jugam-se
vas liqui-
Tem-
rand-
vo e
gustional
melhor n-
mentos
desencor-
Esta-
tas, no
na alta d-
tos aos
países
mentava
inflacioni-
monetári-
em 1968,
ções que
financie-
O ex-
certa fim
possibilid-
ou mant-
tudo —
tornar in-
adicional-
Por is-
de uma
traduz-se
das liqui-
rdo act-
bária q-
considers
mais ger

AS TOI

Não
se deve
nómenos
eficácia
a este de
apreciação
então de
ona, que
origem p-
concorrência
A real-
que pode
de inter-
antes pa-
E.U.A.,
que pass-
omadas
colleito
entra-
ção da
lta dos
dos meios
mentos q-
reprova

A UNIFICAÇÃO DA EUROPA CRIARÁ PROBLEMAS AOS E. U. A.

Por ROBERT MARJOLIN (1)



De Gaulle — Saudades do tempo em que a porta bateu com estrondo...

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Económica Europeia encontraram-se, recentemente, no Luxemburgo, com Geoffrey Rippon, ministro britânico encarregado dos Assuntos Europeus, pela primeira vez depois das conversações entre Pompidou e Heath, nos dias 20 e 21 de Maio passado. Entretanto, iniciava-se, em Paris, a décima reunião do conselho ministerial da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico, presidida por William Rogers, secretário de Estado americano. Este abriria a sessão com um discurso sobre as perspectivas económicas da O.C.D.E. e sobre as questões comerciais, a debater no primeiro dia da reunião no castelo de La Muette.

Não cometerei a imprudência de afirmar que o recente encontro entre o presidente Pompidou e o primeiro-ministro Heath assinala uma viragem na história da Europa; para exprimir tal juízo, torna-se necessário esperar pelo que se segue, a regularização das questões ainda em suspensão, em Bruxelas, e pela reacção da Câmara dos Comuns ao acordo que lhe será apresentado.

O que, para já, se pode afirmar é que, graças à coragem, à largueza de vistas e à generosidade dos dois homens de Estado parece provável conseguir-se uma saída feliz para as negociações de Bruxelas.

A minha intenção aqui é explicar porque é que os franceses, seja qual for a sua filiação política, têm boas razões para se sentirem satisfeitos com o modo como as coisas se encaminham. Sublinho que este artigo se destina a leitores franceses. Se tivesse de falar aos ingleses, teria de dizer porque é que, provavelmente, não existe, para a Grã-Bretanha, outra solução dos seus mais importantes problemas que não seja a entrada na Comunidade Europeia.

Dirigir-me-ei, primeiro, aos que parecem ter saudades do tempo em que o general De Gaulle fechava, com estrondo, a porta da Comunidade Europeia aos britânicos. De há dez anos para cá, a situação da Europa mudou muito e profundamente.

Em 1962, a Comunidade Europeia, assim se pode dizer, ainda só gatinhava. Claro, já estavam em curso o desarmamento tarifário e a aproximação de taxas aduaneiras comuns. Mas a política agrícola comum estava ainda, na infância. Em princípios de 1962, tinham sido adoptadas algumas regulamentações de mercados; a regularização financeira, por fundamentação de todo o edifício tinha uma duração limitada, devendo expirar em 1965. Ninguém sabia se se poderia ir até ao fim da empresa, sem precedentes, que consistia em fundir, numa política europeia, seis políticas agrícolas nacionais, profundamente divergentes.

Ora, na ausência de um

acordo completo e final sobre a política agrícola e o seu financiamento, era duvidoso que a união aduaneira para os produtos industriais conseguisse sobreviver. Não só para os governos do general De Gaulle como também para o de Guy Mollet, que tinha negociado e assinado o Tratado de Roma, o desenvolvimento das permutas agrícolas intracomunitárias constituía a indispensável contrapartida para a liberalização das permutas industriais.

EQUIVOCO DISSIPADO

Em 1967, quando a Grã-Bretanha formulou, pela segunda vez, a sua candidatura à Comunidade Europeia, ainda não existia uma regularização financeira definitiva. Foi necessário esperar pelos fins de 1969 e princípios de 1970.

Podemos compreender os que, na altura receavam que o alargamento da Comunidade tornasse mais difícil, senão impossível, o seu acauchamento, ou, pelo menos, que o curso das negociações de Bruxelas fosse desviado num sentido desfavorável aos franceses. É certo que se a Inglaterra tivesse ingressado na Comunidade em 1963 ou em 1968, algumas regularizações de mercado e, sem dúvida, as normas de financiamento e de repartição dos encargos teriam sido, admitindo que se conseguia chegar a um acordo, muito diferentes das que hoje conhecemos.

Mas, em 1971, a Comunidade existe, plenamente constituída em todos os seus aspectos comerciais e financeiros; nada de importante, no que respeita à agricultura, pelo menos, está em suspense. Desapareceu, portanto, aquilo que poderia ser a maior objecção ao alargamento da Comunidade.

Este estado de coisas explica porque é que as questões que ainda se discutem

em Bruxelas (com excepção de uma) se mostram relativamente menores.

Quando, o ano passado, os britânicos aceitaram, logo de entrada, tanto o Tratado de Roma como todas as decisões tomadas pela Comunidade, desde 1958, compreendendo-se nisso as disposições sobre os recursos próprios, pedindo, simplesmente, que lhes fossem concedidos uns tantos anos para se adaptarem completamente e sem excepções importantes, o essencial estava assente.

Se ainda subsistia um equívoco quanto ao momento em que funcionariam os mecanismos agrícolas comunitários, aquele foi dissipado, em Maio último, quando o Governo de Londres deu o seu acordo no sentido de a preferência comunitária funcionar a partir da entrada da Inglaterra na Comunidade.

Perante a solução destes grandes problemas, importa que a duração do período de transição em matéria financeira seja de cinco ou oito anos, que a contribuição inglesa, no primeiro ano, seja de 8 ou 10 por cento! O importante é que, ao fim de um período de transição, a participação inglesa, no orçamento comunitário, atinja um nível suficientemente alto para que a passagem ao período definitivo se efectue sem dificuldades.

Notar-se-á, de passagem, que as concessões que a França poderá ser levada a fazer, tanto quanto a contribuição inglesa inicial como quanto à duração do período de transição, em nada afectarão as verbas que lhe serão atribuídas pela Comunidade, a fim de financiar as suas exportações de produtos agrícolas para países terceiros ou as suas intervenções para defender os preços. Tais verbas serão determinadas pelas regularizações agrícolas e pelos preços, a fixar, de comum acordo, em Bruxelas.

É igualmente difícil para os franceses entusiasmarem-

se pelo acauch proveniente dos países subdesenvolvidos da «Commonwealth» ou pela manteiga e os queijos da Nova Zelândia. No entanto, estas questões, sobretudo a segunda, agitam, profundamente, a opinião pública inglesa. A Nova Zelândia é uma parcela da Inglaterra, perdida no Pacífico. Nós, franceses, devemos compreender este estado de espírito. Não pedimos nós, subitamente, em princípios de 1957, numa data tardia das negociações do Tratado de Roma, a associação, à Comunidade, da África Negra francófona? Os nossos parceiros aceitaram-na, embora isso representasse para eles um acréscimo de encargos.

Ninguém, em França, será afectado por uma solução generosa destes problemas. Quando muito, poderá deixar de se ganhar, e, mesmo assim, bem pouca coisa. Em contrapartida, a posição do Governo britânico, perante os Comuns e a opinião pública inglesa, ver-se-á grandemente, reforçada.

FINDA DIVISÃO

O problema importante a que aludi mais acima é o da libra esterlina, considerada na sua qualidade de moeda de reserva. Ninguém procura minimizá-lo. É evidente que, a certa altura, no movimento para a união monetária, a moeda britânica terá de perder o seu carácter particular. O governo inglês mostra-se de acordo em que a libra deve tornar-se, o mais breve possível, numa moeda nacional como as outras. Mas como chegar a isso? As «balanças de esterlino» são dividas. Como reembolsá-las ou convertê-las em moeda internacional, mundial ou europeia?

Não será possível encontrar uma resposta definitiva a esta questão sem se concluir as negociações em curso. Pode esperar-se, entretanto, dado que os Seis e os ingleses estão de acordo sobre o objectivo final, que o Governo britânico conseguirá, sem demora, dar uns tantos passos nesse sentido, o que completará com uma declaração de intenção, o mais rigorosa possível, sobre o prosseguimento das operações.

Como serão as relações entre a Comunidade alargada e os Estados Unidos? Há quem se inquiete com a pressão que estes exercerão sobre aquela, para a levar a reduzir os obstáculos às importações provenientes da América. Não se tornará o mundo atlântico uma gigantesca zona de livre-cambio, na qual a Europa perderá a sua individualidade?

A questão parece-me mal posta. Que devam surgir dificuldades, até mesmo fricções, entre os dois continentes, é provável, quando não mesmo certo. Não se pode imaginar um empreendimento desta envergadura, a unificação comercial, económica e monetária da Europa, que não crie problemas, mais ou menos sérios,

(Continua na 11.ª página)

1) Antigo vice-presidente da comissão da Comunidade Económica Europeia.



remuneração alcançados nos países vizinhos ou nas indústrias estrangeiras concorrentes. Se levarmos a análise mais longe, apercebemo-nos de que a alta dos salários encontra, na maioria das vezes, a origem, quer seja nos ramos ou nas empresas que reaviam os ganhos de produtividade mais elevados (a concorrência automóvel, por exemplo) quer naquelas, que, na falta de melhorias reais, têm a possibilidade, em consequência de uma concorrência insuficiente, de repercutir integralmente a alta dos seus custos nos preços de facturação (empresas de construção civil nos E. U. A.). Pode assim observar-se que a unificação progressiva do mercado de trabalho não tem, de modo nenhum, o efeito moderador de dela esperava a análise clássica.

Para além do funcionamento do mercado do trabalho, hávém que nos interroguemos sobre a actual relação de forças entre os países mais fortemente industrializados, que os aumentos negociados ultrapassam largamente mesmo nas empresas mais modernas) os progressos produzidos da produção.

E, se procurarmos saber quais são as vítimas da inflação, já não encontramos (como antigamente) de modo sistémico, os trabalhadores. Alguns deles sofrem, obviamente, com o aceleramento da alta dos preços do que beneficiam com a melhoria dos seus salários. Mas parece que a inflação atinge, de modo mais grave, outras categorias sociais.

A atenuação da concorrência pelos preços dá, em todo caso, mais largas possibilidades de as empresas conceberem contratualmente fortes aumentos aos seus assalariados, sem que os seus meios sejam verdadeiramente afectados por isso. Alta de preços e explosão dos salários contam-se então para tornar indispensável a criação de novas liquidez.

Tem-se hoje tendência, por influência de economistas grande mérito, para não ver na inflação mais que o efeito crescimento do poder de compra, devido ao «confinamento» da massa monetária. Por esta óptica, o melhor meio de lutar contra a alta dos preços e dos rendimentos consistiria em reduzir o volume da moeda e em encorajar o recurso ao crédito.

Esta política monetarista tem conhecido derrotas e limitações no decurso dos anos recentes. A acção, que assenta na alta do empréstimo do dinheiro levou a resultados opostos aos que se esperavam: atraíu capitais flutuantes para os Comuns (como a Alemanha Federal) que, por sua vez, aumentaram a massa das liquidez e atenuaram o fogo inflacionista. No plano francês, não foi o acréscimo da massa monetária que provocou a alta dos rendimentos salariais, em 1968, mas pelo contrário, foi o aumento das remunerações que levou as empresas a pedir-lhes às autoridades medidas a concederem) créditos especiais à economia. O exemplo francês não é isolado: as dificuldades de a firma anglo-saxónica ilustraram, nos E. U. A., a impossibilidade, para os poderes públicos, de estabelecerem manterem uma política restritiva do crédito, quando — alta dos preços e alta dos salários — concorrem para paralisar inevitável o acréscimo das liquidez monetárias e salariais.

Por isso, convém marcar os limites duma explicação (e uma medicação) puramente monetária da inflação. Esta, diz-se, é certa, inevitavelmente pelo aumento da massa liquidez. Mas, pelo menos no que se refere ao período actual, o mal é mais profundo e a «inflação monetária» que se verifica nos países desenvolvidos deve ser considerada a manifestação exterior do desregramento geral dos mecanismos da economia do mercado.

TOMADAS DE CONTROLE

Não poderemos, decerto, ignorar que a inflação actual deve, em larga medida, à propagação mundial dos fenómenos especificamente americanos, e, mais ainda, ao facto da balança de pagamentos dos E.U.A., e ao constante desenvolvimento do mercado dos eurodólares. A política intervencionista dos E. U. A. não é estranha ao desregramento; mas, se nos ativermos aos aspectos economicamente económicos e financeiros, apercebemo-nos de que o «defeito» da balança de pagamentos americana, que alimenta o mercado dos eurodólares, tem a sua origem precisamente na transformação dos mecanismos da concorrência.

A realidade da inflação actual é ainda mais complexa do que parece através deste esquema, pois deverá fazer intervir as ligações e relações de forças entre os dois países. Esta análise aplica-se, em primeiro lugar, aos E. U. A., embora a transferência operada na concorrência, passou, como se disse, do domínio dos preços aos das taxas de controlo, de longa data, o facto da balança de pagamentos americana. Aliás, ela entra-se simultaneamente complicada e confortada pelo da economia americana no mercado mundial. A sucessão dos cursos dos produtos de base e o desenvolvimento de meios de pagamento internacionais foram os dois elementos que aceleraram ou reverteram a inflação em muitos países.

MERIDIANO ZERO

O DELFIM ENFRENTA O ZOÓLOGO

Por ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

Ja no ocaso da cintilação solar de copos que, num restaurante do Strand, iluminava com ainda diurno brilho o jantar que um grupo de admiradores ofereceu a José Cardoso Pires, ao anoitecer da mesma tarde em que, do alto da catedral do King's College, o «senhor-escritor» de O Delfim deu a sua derradeira lição na Universidade de Londres, eu e o bigodado homemagente, de mentes matomborraladas pelo álcool, decidimos, pelos motivos que se vão ler, partir no dia seguinte para a Cornualha, com a ideia fixa de pescar um tubarão.

Dera-se o caso que o prof. Thomas W. Shepperton, titular de Zoologia da Universidade de Plymouth, vindo de alcançar-se com toda a bibliografia, romaneada ou não, sobre cetáceos, topara meses antes no «Times Literary Supplement» com uma referência crítica a O Delfim, o que o levou percorrer, devoraz, as duascentas e dezasseis páginas da edição francesa, sem encontrar, no corpo do livro, qualquer referência a um cetodonte que ele pudesse considerar de inconcussamente genuíno.

No fim da palestra cate-dral do Zé Cardoso, e en-

tre várias intervindiscções, das quais sobrenadou com vida aquática-barbatanoide a da jovem antipoeitisa Ana Hatherly, que, lepidíssima nos seus dezasseis anos incompletos, emprateleirou toda a gente com o discreto jungiano pelo qual desvendou, com a clareza de um Poirat de hotpants, o mistério simbólico da Lagoa do Eng. Palma Bravo, mistério redazido agora, e por virtude ainda da sua palavra meliflua, à dúvida afinal simplória de uma adivinha salaia, o prof. Shepperton encavalgando na penca judaica os óculos de ler a o perto, pontificou:

— Eu dizia que um delfim poderia muito bem ter vindo do mar para a Lagoa, na viabilíssima hipótese de uma onda gigante galgar as dunas e arrastar o golfinho de cambalhada. O romance não devia abrir portas a outra hipótese que não fosse esta, já que é preciso ver que há uma grande diferença entre um delfim e um tubarão.

Cardoso Pires carranqueia instantaneamente o seu rosto dos mandamentos — não-cumpridos e a Ana Hatherly toma uma rápida nota num canhenho onde na capa de couro brilham impressas as armas da família.

— É que o delfim, contrariamente ao tubarão, especialmente o tubarão azul que nem os experimentados pescadores da Cornualha jamais conseguiram catrafilhar, é o peixe, digamos mamífero, bon vivant por excelência. Mais: é o único peixe, digamos mamífero, que, por definição, pode gostar de Lagoas. Uma onda gigante, uma tidal wave, tido arrastado até lá. Sublinho: o delfim é o único mamífero, digamos peixe, do mar que pode competir com os da terra. Brinca com o que lhe vem à barbatana. Todos sabem como o delfim é o palhaço dos oceanários da Califórnia para entretenimento das donas de casa, das crianças e dos desempregados. Vejam ainda que o delfim de Geoffrey, a espécie conhecida pelo nome de inia geoffrensis encontra-se em água doce, nos rios da América do Sul, a grande distância do mar. Sustento a minha tese: o romance O Delfim podia ter na Lagoa um delfim autêntico, mas não tem, e isto parece-me que é uma grande falha do livro...

José Cardoso, a quem só faltam agora mais uns pequenos vícios para ser perfeito, vira as pontas do bigode para baixo, e não é por acaso que simulam dois

arções em via de serem arremessados. Mas antes que que dispare, à laia de única resposta, o seu consabido provérbio: «quem tem cabeça de cera não deve andar ao sol» antes mesmo que os arções dos bigodes silvem na sala e se cravem nos costados esqueléticos do Zoólogo, há uma tosse bronquiolónica de cãdeiras fatigadas, as quais, ao estenderem as pernas, propulsionam os assistentes para a coria central, onde algumas espantadas em see-throughs, se precipitam para Pires, de Delfins na mão. Na primeira página quais o extenuado «senhor-escritor» despacha autógrafo com a mesma rapidez com que Alexandre O'Neill engolia ovos cozidos nos dias, já longínquos, em que não se tendo ainda transacionado pela Televisão, calhara às vezes, andar cheio de fome.

ZÉ CARDOSO É CONVENCIDO A IR PESCAR PARA A CORNUALHA

Enquanto suga os últimos restos de um linguado de Dover, o prof. Shepperton, ao salivar algumas espinhas que regressam ao fúculo do prato, expectora do cuizão afunilado do peito:

— Eis um caso singular. Acabei de digerir um falso linguado, o chamado pleuronectes microcephalus, Ca. Mister Cardouzou Pires, é preciso sempre adoptar um approach científico em relação ao problema dos peixes anamiferados. O caso do delfim que, repito, não é nenhum tubarão...

Pires suga o tutano de uma perna de cabrito com aquela dentadura de perfil, fernandelina, no mesmo urreganho quicazal que algumas fotografias da sua laide époquee farão passar à posteridade, os mesmos caninos e incisivos que lhe dão de sobreviver mais de vinte mil anos, para gáudio dos Cuvier do futuro, um dia certamente a braços com a reconstituição, em esqueleto inteiro, do homo delphinus, desarticulando:

— Alto aí professor. Já sabemos que o senhor percebe tanto da bicharada que é capaz de saber como se diz cavalo em dezasseis línguas vivas, sem contar as mortas. O pior é que se vai a uma feira com a ideia de comprar um Rooinante e que o senhor adquiere é mas é uma vaca, todo convencido que é um semelhante quadrúpede que se cavalga. E fique a saber: o meu Delfim é um Tubarão decerto, eu quis tratar especificamente do Tubarão-sem-dentes que passou a Delfim, porque Tubarões é que há mais na minha santa terrinha. Sim senhor o Delfim não é nenhum Tubarão, como demonstrarei no meu próximo romance que terá por título romance que

Q prof. Shepperton radar que:

— Mister Cardouzou Pires, para que a seu novo livro tenha o mesmo comum seria melhor que o senhor

adquirisse a experiência de ma pescar ao tubarão, que o eu dizer: de um tubarão a sério.

— Primeiro, o senso comum não é tão comum como isso — desarranha Pires. — Estamos a falar de tubarões diferentes, ainda não compreendeu?

— Compreendi, é evidente — repete o Zoólogo, que projecta mais algumas espinhas do falso linguado no prato.

— É o que eu digo — desabafa o Zé Cardoso enquanto alfandega mais uma ginginha. — As pessoas que compreendem tudo à medida depressa nunca aprendem nada. Ora diga-me lá, ó professor, então o senhor quer que eu me desloque agora às Caraças para alpardar-me com um realíssimo tubarão?

O Zoólogo expulsa o cabelo compridíssimo que lhe chega às lapelas do casaco e diz:

— Meu caro romancista: aconselho-o a ir até Mevagissey, na Cornualha. Diz-se que em tempos remotíssimos os habitantes da localidade pescaram tubarões autênticos. Tais histórias fazem parte do folklore local. Mas posso dizer-lhe que, embora os barcos disponham de todo o material de pesca para pescar tubarão azul que fosse, nunca conseguiriam mais que reles espécies de peixes-cão: o Scyllium canicula ou o Galeus vulgaris, que aliás, parecem tubarões, mas não são tubarões. Mas mesmo o Chlamydoselachus anguineus, que é tido por tubarão, não é tubarão, e os pescadores da Cornualha sabem-no, toda a gente de lá sabe isso, mas continuam a enganar os turistas. Nunca lá ninguém apanhou sequer um tubarão-cavala, um misero Isurus glauca, quanto mais um tubarão Mako mais conhecido pelo designação científica de Isurus paucus. É evidente que o aconselho a ir até à Cornualha e fazer como o Velho do Hemmingway. O homem, finja ao menos que pesca um tubarão. Claro que o Velho pescou um, o senhor não pescará nenhum mas ao menos no seu livro O Tubarão haverá um cheiro a tubarão, já que no Delfim não há nenhum delfim, embora um verdadeiro delfim, se arrastado por uma onda gigante...

O Zoólogo vai disparado na gunga e Zé Cardoso interrompe erigido:

— Chica! que o silêncio não é a língua materna do fabiano

A CHEGADA A MEVAGISSEY

No dia seguinte, o Pires, o Zoólogo e eu, ao volante do meu escangalhado «Cortina», seguimos para Mevagissey, fomos todos ressacados da vinhaça do dia anterior. O Zoólogo, esparramado no banco de trás, dormia como um funcionário público. Zé Cardoso ia de cabeça pendente a meu lado, mas muito teso no banco porque os cintos de segurança não lhe facultavam grandes liberdades.

Ao atravessarmos um daqueles magníficos prados ingleses de Devon, o inventor do homo delphinus abre um olho e regonga:

— O campo é o mundo sem roupa.

E ninguém mais abriu a boca até chegarmos a Mevagissey. O Zoólogo acordou de supetão na altura em que, num parque de estacionamento junto do pequeno porto de mar, o arrumador me sugentizava directiva.

Saimos e logo ficamos de pupila alenta à vaga turística. Ali «estávamos», na minha mesma da Cornualha. Ingleses de todos os formatos borbotavam sobre as casas típicas, pousavam aqui e ali para retirar um pouco de pólen, e as máquinas fotográficas clicavam sem desfolgar. A esquerda e à direita letreiros: The Shark Fin Restaurant, The Sharky Strip-Tease Club, The Shark Museum, The Shark Tea-Shop, referências a sharks por todos os lados. O porto minúsculo rebentava de barcos pelas costuras.

Tudo vigarice — rosava o Zoólogo. — Assim se intruja o turista. Nunca nesta terra se pescou um tubarão, um Alopias vulpinus, por exemplo, ou um Sphyrna zygaena, ou seja, desculpem o latínório, o tubarão-cabeça-de-martelo. Comer as papas na cabeça ao ignorante da cidade é fácil. Olhem!

Apontou-nos um letreiro onde se lia:

QUER TENTAR A PESCA AO TUBARÃO? ALUGAM-SE BARCOS COM TODO O EQUIPAMENTO SUPERVISADO POR ESPECIALISTAS

— Especialistas! — ri-se o Zoólogo. — Podem intitular-se de especialistas pescadores que não vão além do Hippoglossus vulgaris ou do Gadus aeglefinus?

O esqueleto gargalha-lhe todo e espera que lhe demos uma resposta. O vento é tão forte ali na costa cornualhense que o cabelo do Zoólogo semelha um punhado de algas num aquário de águas agitadas por algum fluro lorrencial de origénio.

Zé Cardoso, que acordou agora, atira ao alvo:

— Este gajo tem o cabelo de tal maneira que ou lho cortam ou o melhor é darem-lhe um violino. Vamos ou não vamos pescar um tubarão?

— Sabe — filosofa o Zoólogo — os ingleses nunca gostam de ir além da própria experiência, mas não se importam de explorar essa inclinação no estrangeiro doidivas, por exemplo, o português que se julga sempre capaz de tudo.

— Obrigado, patrãozinho — responde, Zé Cardoso. — Já que vou escrever O Tubarão concedo que não estará mal pescar um que não seja meramente simbólico. Mas já me contento com uma cavala!

— Uma cavala! — exclama o Zoólogo. — Mas uma cavala não passa da isca que você precisa para apanhar um tubarão!



AUTO MONUMENTAL DO AREIRO, S. A. R. L.

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8, 3-C e 3-D (Ao Areiro)
Telefs. 718607 - 727654 - 727665 - 713057

Agente VOLKSWAGEN do Distrito de Lisboa

GRANDE CAMPANHA DE CARROS USADOS

EXPOSIÇÃO DAS 21 AS 24 HORAS, ATÉ 30 DE JUNHO

FACILIDADES DE PAGAMENTO E CONCESSÕES ESPECIAIS DURANTE ESTE PERÍODO

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE CASCAIS EDITAL

Joaquim António Pereira Baraona, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, faz público que até ao dia 10 de Julho próximo, às 15 horas, se aceitam propostas para alugar de 3 lojas (pórticos) n.º 14, 15 e 16, lado poente/sul da praça de toiros, junto ao Restaurante Guina, destinadas a comércio, tendo para o efeito projecto aprovado pela C. M. de Cascais.

As propostas devem indicar a natureza do comércio e a oferta da renda anual.

As condições encontram-se patentes todos os dias úteis na Secretaria da Misericórdia, telefone 230971, durante as horas de expediente.

Cascais, 23 de Junho de 1971.

O Provedor

a) Joaquim António Pereira Baraona

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 159/71

Faz-se saber que no dia 20 de Julho de 1971, pelas 15.00 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para o FORNECIMENTO DE 200.000 EXEMPLARES DE UMA BROCHURA ILUSTRADA ALUSIVA A ALFAMA, com a base de licitação de 475.000\$ (Processo n.º 92/71/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 11.875\$ e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7678, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 18 de Junho de 1971.

O Presidente,

Fernando Augusto Santos e Castro

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

— 'Tou mesmo a ver que isto é uma terra em que os peixes devem custar mais que os pescadores.

«O SENHOR ESCRITOR» E A LUTA COM O TUBARÃO

Ora seguimos nós já a seis milhas da costa, o Zé Cardoso todo amarrado com correias ao trono dos pescadores de cetáceos, o troço soldado ao convés, e o barco chaluçando a velocidade moderada. Há um quarto de hora houvera um instante de alvoroço quando o «senhor escritor» fora projectado cinco centímetros para a frente e a linha andara veloz não sei quantos metros no convés. Pires, instruído pelos gritos do cornualhudo experimentado que nos acompanhava, puxa o animalóide largo e acastanhado, em forma de S, e o Zoólogo, ao vê-lo saltar fora de água gaitota-nos estridente:

— É um belo espécimen de *Rhombus laevis*, não o *Rhombus Maximus*, para o que basta atentar nas manchas da pele.

Mister Haddock, o nosso capitão, dá uma palmada nas costas de Pires, que improvisa uma máxima «eta flauta».

— Vae mais um pêlo na cabeça que dois no pente! O Zoólogo está delirante. Contempla o pequeno peixe e babuja:

— Ainda há quem diga que o homem é a obra-prima da criação! Mas quem o diz é o próprio homem! Porque não se solicita o depoimento de este *Rhombus laevis*? Afinal, Mister Cardouzo Pirrês, o senhor é um homem cheio de talento.

— Meu caro Zoólogo — volte Pires, modesto como sempre. — O talento tem

Zé Cardoso torce-se todo na sua cadeira de electrocutado:

— Mas, ó professor, para que diabo está também para aí a colaborar no mito dos tubarões da Cornualha? O que eu quero é ir-me embora...

Mas já o atarantado Mister Haddock, num barco que começa a baloiçar em excesso com a força do vento, prepara a noventa iguaria. Eu e o Zoólogo mal nos mantemos de pé, Pires, apesar de estar com vontade de se ver em terra firme, exhibe o mesmo ar que o actor Pedro Armendáriz no filme *A Pérola*, a arrogância de quem se julga capaz de pescar todos os tubarões dos oceanos. No mesmo momento em que o rubby-dubby é atirado à água e o vento lhe projecta na bigodeira o mactio produzido líquido do impacto, Zé Cardoso pragueja, e escarnarri-se:

— Uma brisa destas é que eu queria em Lisboa. A quantidade de cabeças que nós vemos a esvoaçar pelos Rossios. Tás a ver, ó Alexandre, a malta a correr atrás da cachola desperdada, sem mais aquela, da pescocreira!

Seguimos com pouco vapor mais duas milhas. Mevagissey é um ponto de passagem que ficou entregue aos vivos que são, como dizia o Maurício, os mortos em férias. Zé Cardoso, em transe místico, pesca sucessivamente uma *Raja clavata*, um enorme *Gadus merlangus*, um brilhantíssimo e gordo *Clupea harengus*, um pontegudíssimo *Xiphias gladius* (que nem em Sesimbra), e um ameaçador *Pristis antiquorum*. A estes dois últimos a minha soberana ignorância piscicéptica conseguiu atribuir-lhe os dois nomes por que são conhecidos da dona de casa al-

se lhe dessembeiga empurrada pelo vento vai dejectar-se-me na cara. Mudo logo do ponto cardinal. Cardoso Pires aguenta a cana cerrando de tal forma a dentadura que esta range como as rodas das locomotivas da Linha do Vale do Tua. Haddock, rápido e habilíssimo faz girar o carreto que vai engolindo linha. Pires decuplica-se. Fico-lhe com medo porque nunca pensei que tivesse tanta força. Haddock, entretanto es-corra no convés encharcado e prepara-se para arpoar a fera quando esta se aproxima da chalupa. Pires aguenta agora o monstro só-zinho. Está possuído de uma raiva louca, ensopado dos pés à cabeça, já que a água ao espadanar do esqualo, dessembestada pelos ventos contrários, se associa às ondas que, às vezes, ressacam m'ais altas que a amurada.

— É um plagióstomo de respeito — saliva o Zoólogo que já meteu o binóculo no alforje. — Indiscutivelmente o primeiro pescado em águas da Cornualha.

Estamos mergulhados numa nuvem goticular de água, o tubarão já nos salta apenas a vinte metros e o Cardoso Pires transformado num atlas de músculos numa sala de anatomia, varece ter os olhos a um palmo da cara. Haddock berra-me que prepare o martelo. Olho à volta. Vou, por fim, passar de espectador a protagonista. Para que raio servirá o monstruoso martelo que quase me desequilibra a carga de ossos? O Zoólogo vem em meu auxílio:

— Logo que Haddock arpoar o tubarão e o puxar para dentro do barco agape-lhe com isso entre os olhos.

Num esticão terrível em que os ossos do Zé Cardoso parecem desencolatrar-se, o plagióstomo, como lhe chamou o professor, fica ao al-

O Zoólogo, com uma iniciativa que lhe desconhecia, arranca-me o trambolho das unhas e desaba uma tal martelopinolada no tontico que um espicho de anque lhe irrompe ameaçador do tutano e me empasta dos pés à cabeça. Agora é tarde para mudar de ponto cardinal.

CARDOSO PIRES FOGE À TELEVISÃO INGLESA

A nossa chegada a Mevagissey foi de triunfo. Haddock aprestara-se a avisar as autoridades do porto pela rádio, e, mesmo antes de avistarmos o contorno nítido das docas, já umas dezenas de barcos vinham ao nosso encontro apitando com legítima histeria. O tubarão vinha meio rebocado. Haddock catrapinchava como um gorila e Cardoso Pires, tendo ido miscrar ao alforje do Zoólogo, rapara de lá uma garrafa inteirinha de whisky que empinara na boca e já levava em meio.

A bebida já afogou muito mais gente que o mar — comenta o Zoólogo que vê, com pouca alegria, o nível da botelha descer. — Antes de pescar um tubarão nestas águas havia por aqui vastas teorias sobre o processo de se apanhar um. O seu mérito, Mister Cardouzo Pirrês, foi acabar com todas as teorias...

— Da mesma forma que lhe vou acabar com a garrafa — gargoleja Zé Cardoso. — Sabe, ó Zoólogo, esta pesca ao tubarão parece uma coisa impossível.

— Foi uma coisa impossível — frisa o catadrático de Plymouth.

— Não — corrige o «senhor escritor» — foi uma coisa estúpida. Só um estúpido é que podia acreditar que se pudesse pescar por aqui um tubarão. Mevagissey tem florescido turisticamente à custa dessa estupidez, aliás alheia. Não há dúvida que a maior prova da inteligência dos homens foi ter inventado a estupidez. Sabe, ó Zoólogo, se lerms demasiados livros os miolos ficam sem liberdade para se mexerem para lado nenhum.

E empin-a outra vez a garrafa.

Já em terra, pesados os 432 quilos do tubarão, apal-pado por pescadores velhinhos que, em voz baixa, exclamavam: «milagre! milagre!», José Cardoso Pires recusou-se a ser recebido pelo mayor, sobretudo a ficar o tempo suficiente para que chegasse uma carrinha de televisão da B. B. C., que, daquela hora, já partira de Southampton.

Coisa extraordinária: Zé Cardoso estava triste.

— Algum problema? — perguntou-lhe. — Senteste mal?

— Ouve, Alexandre, quero pirar-me daqui para fora. Afinal apanhar um tubarão é a coisa mais fácil deste mundo. Um português até o descobre onde, teoricamente, não os há. Desisto, afinal, do meu livro *O Tubarão*. É esta a grande lição do Zoólogo. Se um sicrano não é génio só lhe resta uma alternativa: ser inteligente.

A multidão empurra Zé Cardoso, quer vê-lo, e nós corremos para o parque de automóveis. Estamos pegajosos de água, lama, óleo, sangue e fezes do Priornarce glauca.

— Mas os teus animais são sempre simbólicos, ó Zé. O Zoólogo já te pôs os miolos a arder!

— Simbólico por simbólico, decidi mudar de bicho, e isto enquanto manobrava o Tubarão. Tenho a certeza que não conseguiria o mes-

mo com um dinossauro, por exemplo. Foi uma pena que Noé e a família humana e animal não tivessem perdido o barco.

Zé Cardoso suspira. Arranco com o Cortina. O Zoólogo toma a apressadas notas.

— Criar o homem — filosofia «homo delphinus» — foi uma ideia original, mas pensando bem a criação do resto dos animais, não passa duma tautologia.

— O que está rigorosamente certo se pensarmos no carneiro — atalho.

— Por associação de ideias: O meu próximo li-

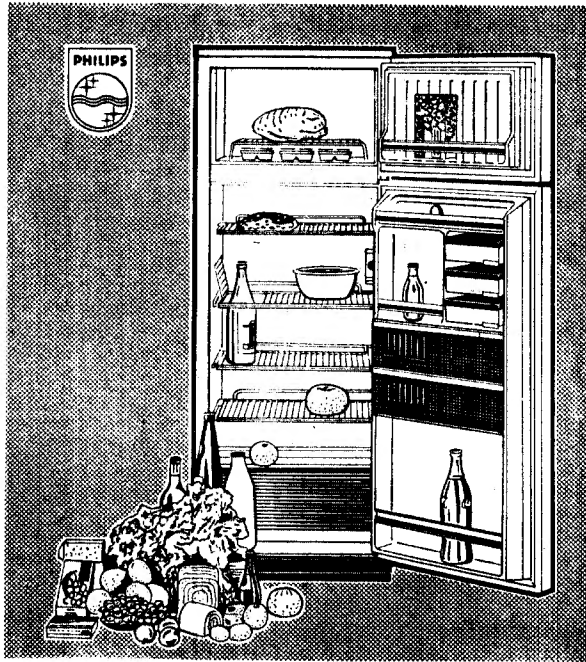
vro vai chamar-se O Dinossauro. O Dinossauro é o Carneiro em grande. Os dois pólos da principal antinomia nacional são o Dinossauro e o Carneiro. Ora «des extrêmes se touchent...»

— José Cardoso Pires diz.

Mevagissey, a quem o «senhor escritor» entregou o primeiro tubarão não mitológico, após o que se ras-pou à francesa, é uma povoação de brinquedo, lá longe, no passado, no extremo do pé exausto de uma família.

Junho de 1971

no espaço desejado o frio apetecido



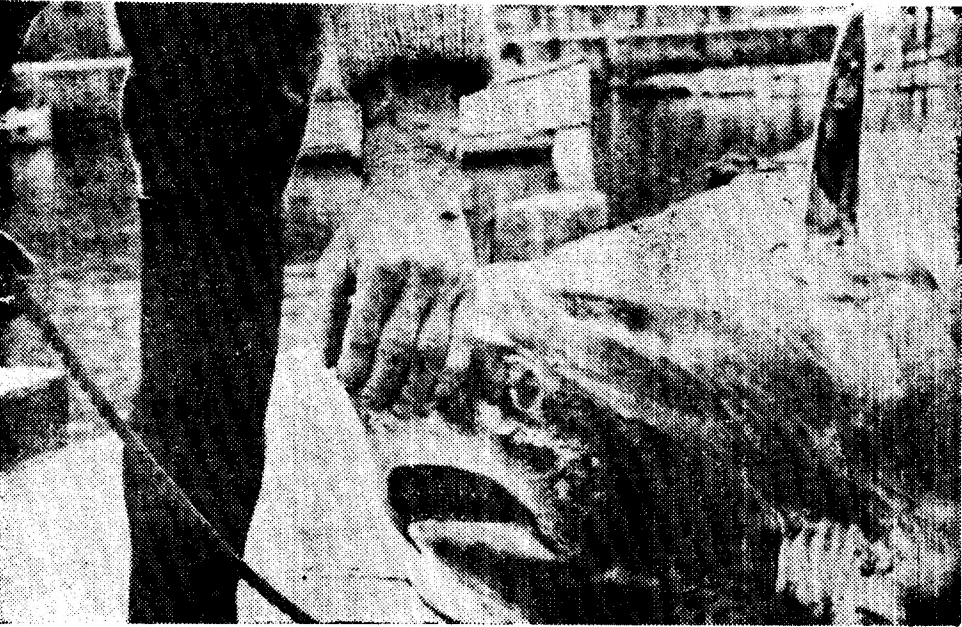
faça num só dia
as compras para toda a semana

Agora pode escolher o dia e o momento para fazer as suas compras. É possível que não ocupe todo o espaço que o frigorífico Philips lhe oferece, mas pode ocupar de outra forma o tempo precioso que perdia nas suas compras diárias.

TORNE MAIS ÚTEIS OS SEUS DIAS ÚTEIS

tenha em sua casa um frigorífico

PHILIPS



Aguentar o monstro sózinho...

as suas limitações. A estupidéz é que não.

É neste instante que o Zoólogo se vira para Mister Haddock e lhe observa carraneado:

— Deixemo-nos de farsas! O senhor nem sequer preparou ainda o rubby-dubby!

O cornualhudo experimentado exhibe um ar de consternação, e eu e Pires encolhem os queiros interrogativos os ombros e projectamos os queiros interrogativos para a frente. Rubby-dubby?

— Rubby-dubby — explica logo o Zoólogo — é uma massa de peixe e sangue que se coloca num saco de rede suficientemente fina para que, depois de lançado à água, embora preso ao barco, deixe um rasto de sangue que atrairá os tubarões.

facinha: um peixe-espada e lo enorme erque-se a mais res à cana e grita:

Até que a grossíssima cana que salta das mãos do Zé Cardoso que dá semelhante berro que o vento se acalma durante um minuto bem medido. Um esqualo enorme ergue-se a mais de quatro metros de altura, a bombordo, à distância de umas cento e cinquenta jardas.

Mister Haddock ajuda Pires à cana e grita:

— A shark! A real shark! A real blue shark!

Olho para o Zoólogo que, rápido, metendo a mão ao alforje, rapa de um binóculo:

— Correcto, Haddock — ronquifera. — É um realíssimo Priornarce glauca.

O tubarão salta repetidas vezes. O Zoólogo não larga o binóculo e a baba que

cance do arpão de Haddock. Este mergulha-o rigoroso e com uma velocidade perfurante de bala dum-dum no corpanzil do realíssimo Priornarce glauca. Uma tromba de água atira-me ao chão e o martelo vai bater nas canelas do Zoólogo que grita mais alto que o berro de triunfo simultâneo de Haddock e do «senhor escritor». Quando ao esforço bruto de ambos o tubarão começa a ser guindado para dentro do barco, eu, já de pé, mas em desequilíbrio, mando-lhe uma martelada ciclópica direita à sobrolhada, tão direita que o camarote vai acertar no debrum da amurada arrancando-lhe enorme lasca.

— Blast! — pragueja Haddock. — You are supposed to hit the shark's head, not the fucking bloody boat!

(Intraduzível)

QUATRO DIAS NO PARAÍSO

Por CHIANCA DE GARGIA

RIO DE JANEIRO



Nome: Sizenando de Manfredo e Telles. Profissão: nenhuma. Vive do aluguer de apartamentos que a mãe, já viúva, lhe deixou como herança em Copacabana. Casado. Mas homem de vida nocturna. Bares, inferninhos, coisas assim. Dos que bebem e aguentam até de madrugada. Fumando cigarro após cigarro. Paquerando tudo que é garota prá frente. Enfim, cheio de sarros, e curtindo todos os baratos em voga. O pai um bigodudo lusitano (conforme retrato pintado por Malhoa) enriquecido, é claro, no comércio, levava-o várias vezes a Portugal (Porto, Viana do Castelo, Braga). Talvez por isso temos batido longos papos num ou noutro botequim discreto onde se pode falar sem ser aos gritos. Dizia-se ateu. Totalmente: — Sou materialista, e daí?

DOIS

Ora ontem, ao fim da tarde, vi-o saltar de um táxi na praça do Lido, carregando uma bolsa de viagem. Riu contente ao ver-me:

— Puxa, que sorte encontrar você. Vamos conversar.

Arrastou-me para um banco diante de um oceano ocasionalmente enfurecido.

— Você sabe de onde eu venho? Nem sequer imagina? O homem de repente muda, sabe? Acabo de passar quatro dias num curso de cristianização. Sim, não se admire. Eu estava cansado de ser quem era...

Puxei de um maço de cigarros, estendi-o para ele. — Obrigado — disse-me, deixei de fumar.

TRES

Falou tanto que nem num «Diário de Lisboa», de ponta a ponta, caberia o relato da sua aventura. Torna-se pois necessário, antes de o deixar expandir-se, resumir para os leitores o que consegui compreender dessa súbita conversação.

Existe no Brasil, criada recentemente, uma nova seita que parte do princípio de que Jesus Cristo é uma semente. Que pode desenvolver-se dentro de nós, tornando-se plantinha, arbusto, árvore, onde, com o tempo, hão-de nascer os frutos morais de uma nova humanidade. Jesus Cristo, seremos nós. Eis a teoria, variante de muitas outras, mais ou menos alfabetizadas.

Pertence, ao que parece, esta nova seita, a uma organização internacional. Ele, no entanto, julgava que fosse um novo apostolado católico. Verificou que não era:

— Esta agora tem uma qualidade, é rápida e eficaz. Como o acto bíblico do lavrador espalhando sementes ao acaso. A semente depois cresce por si própria. Tudo isto em quatro dias.

QUATRO

— Mas onde? Por todo o Brasil. Em mini-seminários. Nós chegamos, conduzidos em segredo. Então, de surpresa estávamos num casarão antigo, pintado por dentro em cores vivas e alegres. No meu caso, éramos trinta e três candidatos, que, de entrada, fomos fechados em pequenas e solitárias celas. Um leito, uma mesa, uma pia, e um vaso com flores. Ali ficámos por 24 horas.

— Fazendo o quê?

— Você sabe o que acontece a uma garrafa de vinho velho quando agitada? Sabe. O vinho enturvesce, não é? Assim tinha sucedido connosco. O negócio era ficarmos em repouso concentrado até que essa espécie de sarro se transfigurasse dentro de nós. Só bebíamos água. Depois, na manhã seguinte levaram-nos a um auditório onde fomos recebidos entre cânticos...

— Por quem?

— Pelos clérigos da nossa seita. De batinas de um azul celeste. Então, durante três dias só de ali saíamos para comer, dormir, ou ir ao banheiro. Nós estávamos vestidos com umas tunicas brancas, amarradas na cintura por uma

corda. Por debaixo, o corpo apenas. Os pés descalços.

CINCO

As primeiras palavras que ouvimos foram precisas:

— Vocês vão ser os santos do século XX.

Então, um outro clérigo, este envolto num manto dourado e verde, ergueu-se e disse:

— Eu sei, vocês sabem, todos sabemos que, como se diz em gíria, o herói já era. O mundo actual despreza os heróis. Não só os heróis como os mártires. Mas vocês irão juntar-se a cinquenta mil conjurados com que já contamos no Brasil, a fim de formarmos todos juntos, um novo São Jorge, invulnerável às setas do inimigo.

Ai todos nós sentimos um friozinho correr-nos pela espinha.

SEIS

Passou-se então á leitura de longos pergaminhos. Vinham em rolos que iam sendo lidos derramando-se, de degrau em degrau, porque o clérigo maior, colocara-se no alto de um trono a que se subia sobre uma alcatifa vermelha como sangue.

— «Nas mesmas estradas / Eu sou teu irmão / Me dá tua alma / Te dou minha mão».

Cantámos, com letras místicas, até marchinhas de carnaval. Perdi a noção do tempo. Depois um outro clérigo, recoberto creio eu, por um manto de pele de coelho, falou assim:

— Agora, recordem vossos pecados e chorem. Quero ver lágrimas descendo em fio de vossos olhos. Pensem, e chorem inundem a terra que estão pisando com o sal das vossas lágrimas. Pisem com os vossos pés descalços as lágrimas que correrem dos vossos olhos, como oceanos...

E todos choramos. Alguns mesmo, tiveram ataque de nervos. Rolaram no chão. Como se estivessem lavando a alma nas lágrimas de todos nós...

SETE

E Sizenando, fitando o sol descendo no horizonte:

— Já disse. Éramos trinta e três. De aí, na manhã seguinte fomos intimados a revelar desde a infância, todos os nossos pecados, sacrilégios, tendências, desejos, obsessões, idealismos, sonhos, tudo que dentro de nós tornava impossível a purificação. Foi duro, sabe? Foram



Ilustração de Carlos Botelho

— Essas leituras não passavam de legendas, histórias, fábulas, e outros ensinamentos arrancados de livros sagrados e que serviam para que nós compreendéssemos que o homem a todo o momento abdica da sua verdadeira missão. A de se preparar para ser anjo.

Ora desde que nós entrámos por aquela porta, agora fechada a cadeado, estávamos ali para respeitar o chamado de Deus...

Esta lição durou cerca de três horas. Depois um outro clérigo, anunciou:

— Agora, vamos cantar.

Fomos então ensinados a cantar coisas assim:

trinta e três homens, uns mais novos, outros mais velhos, arrancando das entranhas, como o dar á luz das mães, tudo que se esmagava amontoado no fundo das nossas consciências. Diante uns dos outros, ouvimos tudo de cada um de nós, crimes, vícios, abjeções, coisas irreveláveis, impiedades, actos de perfídia, injustiças, desejos de vingança, de violência e de morte...

— Pior que psicanálise de grupo?

— Qual. Psicanálise de grupo é teatro, é sexo, é má-fé, é representação...

OITO

— Mas vocês aguentaram?

— Acabámos como farrapos, é certo.

Com nojo uns dos outros.

— E eles?

— Eles? Depois de nos terem «por inteiro», então sorriam. «E um deles, despidamente, desligou os microfones aparentemente invisíveis que tinham gravado nossos terríveis depoimentos. Sentiamo-nos como possuídos por uma desagregação total...»

E eles riam. E nós começámos a rir, porque o riso é contagioso. E, para nos descontraír, el-os contando pilhérias, coisas divertidas. Até anedota de portugueses.

A noite, na última reunião, com todos os clérigos presentes, o mais velho falou assim:

— E agora, meus filhos, ao voltarem lá para fora, não esqueçam o nosso lema: *naturalidade, valentia, alegria*. Se somos homens é porque Deus, antes de sermos anjos, quis que nós vivéssemos na Terra. Vão embora, mas não se esqueçam que serão sempre vigiados. A nossa missão é lutar pela Redenção do Ser Humano...

NOVE

Ficou de olhos fixos, no bater das ondas.

— Hoje, ao voltar a Copacabana, aqui a seu lado, olhando o mar em ressaca, posso dizer convicto que nunca tinha vivido. Sózinho eu sei que não sou nada. Mas ao lado de Cristo, quero ser a maioria total.

— E agora?

— Agora vou para casa. Minha mulher vai estranhar...

— Porquê?

— Sabe, há semanas que eu repetia para ela essa frase que lhe disse agora, que foi a chave para eu passar os quatro dias lá na serra...

— O negócio onde foi?

— Lá para os lados de Petrópolis. Mas já desabafei. Vou indo.

— Val. Felicidades.

— Espera, venha você comigo. O meu encontro com Vanuza vai ser dura. No fundo ela ri de mim. Há anos que eu sei disso. Venha comigo, vem?

DEZ

Fomos. Eu conhecia a casa, no sétimo andar de um dos primeiros edifícios de Copacabana, no tempo em que os apartamentos ainda eram amplos. Várias salas. Muitos quartos. Mobília antiga, do tempo dos pais ou dos avós. Móveis dourados. Coisas do tempo das artes decorativas. Espelhos. Poltronas. Lustres de cristal. Tudo numa confusão estilo 1920.

Bem. Ele meteu a chave na fechadura. Entrámos. Em nossa volta tudo vazio. Eram só paredes nuas. Tudo sumira. E numa folha de cartolina pregada numa porta estavam escritas as «bâton» estas palavras: «Sizenando, vou embora para sempre. Você me encheu. E quanto às suas teorias, meu chapa, eu não preciso que nenhum novo Jesus me queira ensinar a viver. O Cristo que está no céu me basta. Seja feliz, Vanuza.»

LIVROS E CORRESPONDÊNCIA

Tenho aqui livros a quem devia hoje fazer reerência. Mas cadê espaço? Quero no entanto, neste finzinho de página citar o nome de José Manuel Cerejeira Torres, da rua do Sol a Santa Catarina. Enviou-me uma carta escrita com sangue. Carta admirável de juventude. Carta de um poeta rebelde, acompanhada de um poema. José Manuel que se considera um estudante, estuda acima de tudo, o comportamento humano. Acho bacana. É assim que se fazem os Balzacs, os Prousts, os Eças e os Camilos. Vá em frente. E quando quiser desabafar, volte a escrever.

Para envio de cartas:

Rua Fernando Mendes, 28, Ap. 908, Copacabana, G. B. Brasil.

ROMA SEGUNDO FELLINI

ROMA

Por MARIKA ABA

Como de costume, toda a gente aqui fala do novo filme que Fellini está a realizar. Como de costume, também, o homem de «8 1/2», que gosta que toda a gente diga que Fellini está a realizar um filme, revestido de mistério, mostrando-se ambíguo e reticente. Tem-se, porém, a certeza de que será qualquer coisa arrebatadora. Como sempre, aliás.

Trata-se, desta vez, de um tema que tem apaixonado poetas, pintores, filósofos, músicos e escritores de muitas e variadas nações: Fellini decidiu-se a dar-nos a sua versão de Roma, esta «veia e bela cortesã» como muitos, afectuosamente, a chamam que, há bem poucos dias, celebrou o seu 2727.º aniversário. «Ab urbe condita». Roma é mais do que uma cidade: é e sempre foi uma religião, uma filosofia, uma concepção de vida. Como será a «Roma» de Fellini?

«Pois não será um filme histórico, nem um estudo sociológico, a não ser nas recíprocas chamadas Roma O que eu pretendo é contar a história de uma cidade, uma cidade chamada Roma. O é que esta urbe representa para os que nela nasceram: os romanos; para os que, como eu, vieram de outros pontos da Itália e, também, para os «estrangeros», os estrangeiros, que chegam aos milhares e aqui se radicam, para sempre. Todos os que nela vivem se perguntam, uma vez por outra, o que é que Roma é, na verdade». «Claro, não me julgo capaz

de dar uma resposta. Penso que esta cidade será sempre um enigma. Mas, seja como for, o filme dar-me-á a possibilidade de a «revisitar», através dos olhos do passado, do presente e, até, do futuro.

«A coisa começará por se querer saber o que é que a palavra Roma significa para um jovem que, como eu, é natural da província, nunca tendo saído do seu pequeno mundo. Na escola, na minha Rimini, Roma significava Julio César, os bilhetes postais de Castel Sant'Angelo. Mussolini e gesticular, da aquele balcão, em Piazza Venezia, «spaghetti tlla matriciana», regado a vinho de Frascati. Significava, também, gente importante em edifícios importantes, os ministérios, o Papa, os padres, as freiras... o Vaticano. «Roma é e foi muitas coisas. É um lugar esventrado, nos últimos trinta anos, para se construir um metropolitano, coisa de que desistiu por se terem encontrado uns tantos ganchos de cabelo, antigos; significa corrupção e estranhos jogos, um paganismos infantil; quer dizer crueldade, «comédia», máfia e miséria. Mas também significa maravilhosos pores do sol, cores que em mais nenhuma outra parte existem, beleza, poesia e uma a-mos-fera que nos prende para sempre.»

UM ORÇAMENTO ELEVADO

Estamos sentados no camarim de Fellini na Cinecittà, onde o tráfego e a vida

tumultuam, como na auto-estrada que envolve a cidade: camões, Fiat, 500, um Ferrari ou dois e, até, uma máquina produtora de «smog» artificial.

«Isto vai ser uma das oito partes do filme, perto do fim. Nesta sequência, o jovem da província que, depois de ter visto uma Roma idealizada, o esplendor barroco do Vaticano, a crueldade e deformada virilidade do fascismo, as pretensões hollywoodescas de uma Cinecittà de outros tempos e a «dolce vita», se torna um realizador de meia idade, procura penetrar no segredo de Roma, através de uma reportagem da cidade, enquanto, ao mesmo tempo, alguns realizadores «hip-

pies» fazem outro tanto, através da sua crue! e jovem objectividade. Quem vê melhor a cidade — o jovem ou o velho? Sabe-se lá... Eu, pelo menos, não sei».

Trata-se, portanto, e mais uma vez, de autobiografia, uma espécie de versão final dos «Vitelloni», de «Dolce Vita» e de «8 1/2»?

Fellini tem uma das suas explosões temperamentais: «Claro que sim, o que é que você acha que um autor deve fazer? Falar de astronautas na Lua? De que é que eu poderia falar a não ser da minha experiência, das minhas angústias, das minhas alegrias, das minhas observações?»

O filme será realizado

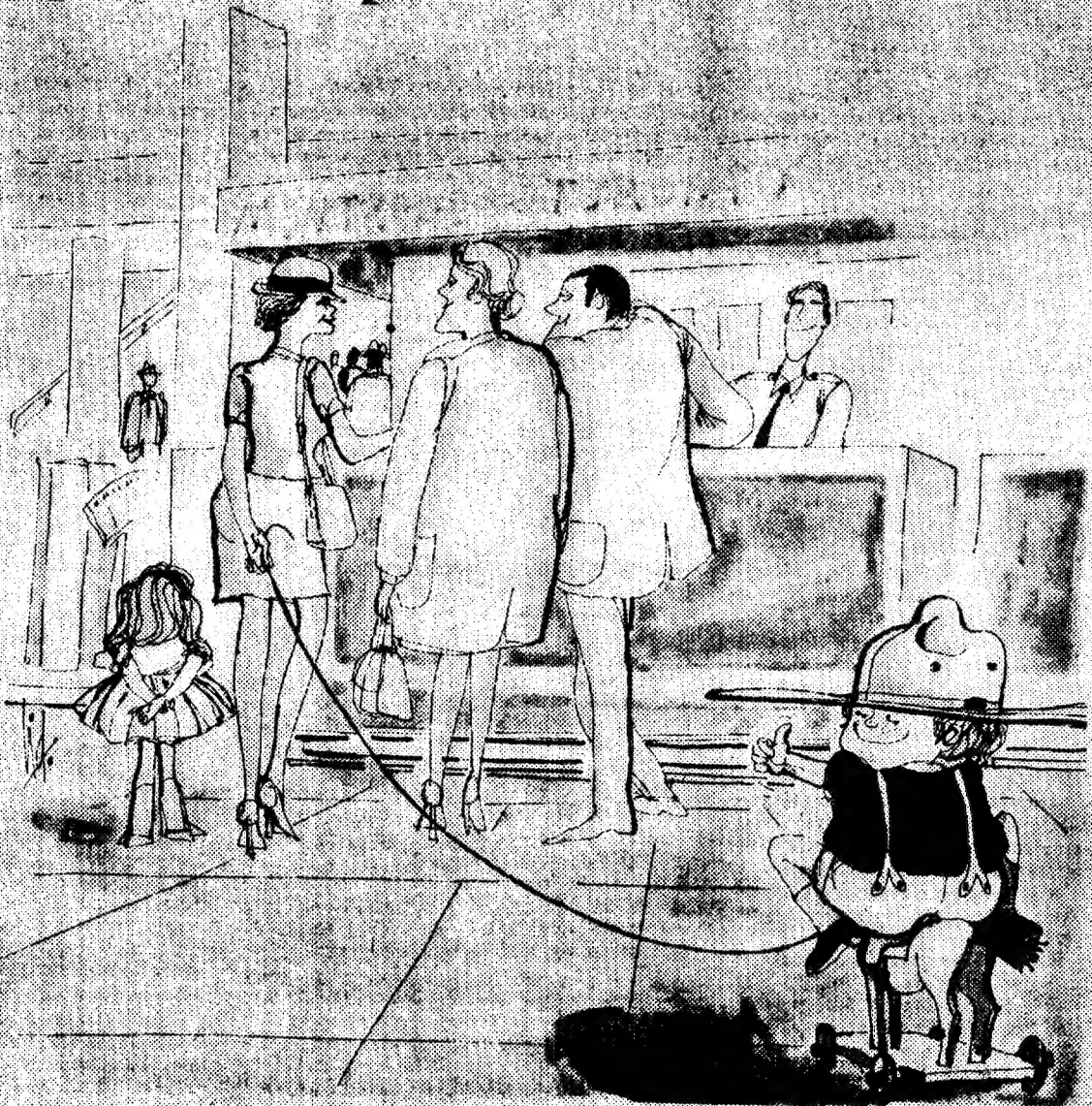
por uns três ou quatro períodos. Entre cada um deles, Fellini e o seu colaborador-argumentista, Bernardo Zappone, escreverão «script», preparando as sequências seguintes, recorrendo, sempre, a novas equipas de trabalho. É um novo sistema, por isso perguntei a Fellini por que é que se tinha decidido a isso. Sorriu, manhoso: «É que nos últimos anos sempre me vi atormentado pelos vários produtores para quem trabalhava, que queriam que fizesse tudo cada vez mais depressa. Eu trabalhava depressa e economicamente, mas nunca tanto como eles queriam. Pois agora sabem que parti com a ideia de levar um ano e meio, de ma-

neira que, se acabar antes, todos se sentirão muito contentes. Entretanto, não os tenho à perna. «Um outro arranjo de dentes, antes de acrescentar: «Agora a sério, isto assim fica muito mais barato».

O filme é financiado por três empresas controladas pelo Estado e custará uns dois milhões de dólares o que, nos nossos dias, é considerado um orçamento elevado, mesmo para um filme de Fellini.

Já estão prontas duas sequências: a do jovem Fellini, recém-chegado da província, a visitar os bordéis romanos e a das emoções que lhe provoca a Igreja, com a sua inesquecível riqueza e o seu esplendor.

uma família unida no presente... ...parte unida para o futuro



(...e o nosso Zé ficou para trás, mas não chegará depois...)

Uma família confiante e optimista desembarca no CANADÁ, o país que ela escolheu para dar um rumo novo à sua vida. O país onde ela vai tornar realidade o sonho dum novo bem-estar. A TAP põe-se à sua disposição, oferecendo-lhe três vezes por semana voos directos para MONTREAL.

Desde a partida, durante a viagem e à chegada, a TAP assegura-lhe um serviço especial, através do qual lhe será prestada toda a ajuda. As nossas assistentes de bordo — falando a língua pátria — estarão presentes ao longo de todo o percurso com a maior solicitude e gentileza.

Para uma nova vida aceite a colaboração da TAP!
Boa viagem e feliz regresso

TAP
TRANSPORTES
AERÉOS
PORTUGUESES

CANADÁ

atmos do mundo

CANADÁ

A UNIFICAÇÃO EUROPEIA

(Continuação da pág. central)

a terceiros países, especialmente os Estados Unidos.

Uma resposta possível está em que o mercado interno europeu criará, assim, uma importância menor do que o mercado interno americano, tal como hoje existe. Pode, entretanto, imaginar-se que os americanos não sintam satisfeitos e peçam que a Europa percorra uma nova etapa na redução das suas taxas exteriores.

Se se tivesse de tratar de uma redução unilateral, sem contrapartida, a Europa nenhuma razão teria para a aceitar, e podemos estar certos, se considerarmos o precedente do «Kennedy Round», em que os interesses europeus foram bem defendidos, que aquela se recusará. Mas porque não há-de a Europa aceitar uma redução equilibrada das protecções, uma evolução que poderia, por fim, e com certo número de excepções, levar a uma abolição das taxas aduaneiras sobre os produtos industriais?

Porque motivo contrair um complexo de inferioridade e pensar que um tal desenvolvimento poderia por a Europa na dependência da América? A verdade parece-me estar, em vez disso, em que serão os Estados Unidos a sentir dificuldade em se comprometerem nesta via, se julgarmos pelo reforço do espírito proteccionista que ali se percebe, mesmo nos meios que pareciam, até agora, partidários do livre-cambio, especial-

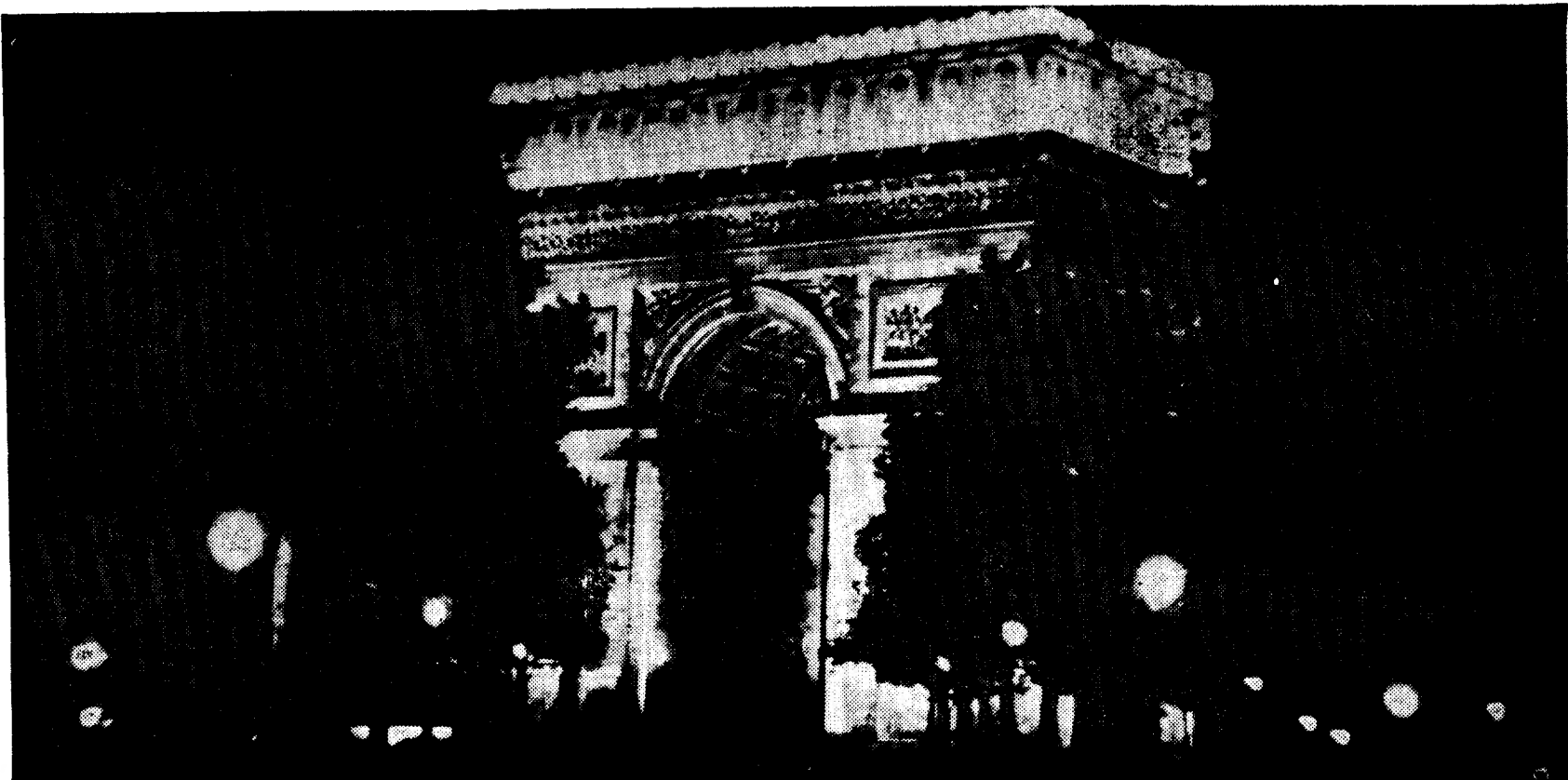
mente os sindicatos operários.

As taxas aduaneiras europeias são, sensivelmente, mais baixas do que as americanas. Não são elas que garantem a coesão da Comunidade mas, isso sim, as instituições e as políticas comuns. Nada temos a temer dum movimento para o livre-cambio, à escala mundial, dos produtos manufacturados.

A entrada da Grã-Bretanha na Comunidade Europeia porá fim à divisão da Europa, não apenas à divisão entre o continente e a Inglaterra como também à que existia no interior dos Seis, dadas as diferentes atitudes assumidas perante o alargamento da Comunidade.

Tendo a Inglaterra aceite o Tratado de Roma e todas as decisões que foram surgindo, num momento em que a Comunidade, tal como foi definida, há quinze anos, se pode dizer concluída e consolidada nos seus elementos essenciais, uma recusa poderia conduzir, não ao desmantelamento da Europa, pelo menos à paralisação das suas instituições; nenhum dos nossos parceiros actuais aceitaria tal decisão, que consideraria contrária ao espírito do tratado.

A adesão da Inglaterra à Comunidade não dá, é certo, a garantia de que a unificação da Europa se concretizará. Mas torna-a possível e fornece o quadro no interior do qual é possível trabalhar-se naquele sentido.



UM PONTAPÉ NO «VENTRE DE PARIS»

Por JONATHAN C. RANDAL

PARIS



Paris está muito perto de ceder mais um dos seus tão típicos locais aos tecnocratas e aos interesses imobiliários, que, nos últimos anos, têm destruído tantos e tão belos recantos desta encantadora cidade.

Depois das enormidades cometidas nos «Champs Elysées», transformados numa espécie de auto-estrada iluminada a néon, depois da profanação de grande parte da margem esquerda e de Montparnasse, por feios e altos prédios de apartamentos, depois da proliferação de parques subterrâneos de estacionamento, em que tantas árvores foram sacrificadas, chegou a vez das Halles.

Celebradas por Zola em «O ventre de Paris», as Halles albergaram, durante séculos, o mercado abastecedor, antes de tudo isto, menos os açougues, ter sido forçado a abalar, em 1969, para os arredores.

São perto de 50 hectares, onde, a partir do centro das velhas Halles, se foi estabelecendo um urbanismo espontâneo, com os seus encantos e os seus atractivos.

A vizinhança confundiu os tecnocratas que estavam convencidos de que tudo morreria mal os milhares de trabalhadores do mercado fossem forçados a partir.

No entanto, a volta das Halles, no rés-do-chão onde se podia comprar de tudo, foram-se estabelecendo livrarias, lojas de antiguidades, «boutiques» e, inevitavelmente, — «sex shops», que até se podem considerar ingenuas se as compararmos com as de Nova York ou Copenhague. São perto de 120 a 150 estabelecimentos — metade dos que existiam nos bons tempos das Halles — a fazer, ainda, bom negócio.

Muitos dos 3.000 quartos dos seus hotéis baratos, que funcionavam em «full times», na 24 horas do dia, para a farandula da prostituição, foram, agora, alugados, ao mês, para fins menos controversos.

A maior modificação verificou-se no próprio coração das Halles, nos pavilhões de ferro. Segundo Império, construídos por Victor Baltard, sob as ordens do barão Haussmann. Seis deles, com os seus ferros e vidros — até parecem catedrais — foram transformados em amplos centros culturais, para alegria dos parisienses, decididos a salvar tão rica herança da arquitectura dos meados do século XIX.

SACRIFICAR AOS TECNOCRATAS

Em 1969, os pavilhões foram visitados por uns três milhões de franceses, que aí foram ver desde as marionetas belgas, o teatro experimental japonês ou os golfinhos amestrados, a filmes sobre a obra de Picasso.

Existem, também, uma pista de esqui, um rink de patinagem, instalado no antigo pavilhão do peixe, e as gigantescas «Nanas» da escultora Niki de St. Phalles, umas senhoras muito grandes, que encantam as crianças de todas as idades.

Paris conseguiu, assim, aquilo em cuja

construção as outras cidades despendem milhões — um centro cultural no coração da cidade — sem ter de ir à algebeira dos contribuintes.

No entanto, este espectáculo cheio de vida contrariou os planos dos tecnocratas, pondo os moradores em conflito com quantos só pensam em lucros materiais. E que se pensava e continua a pensar em «fazer qualquer coisa» de um local que, supunha-se, se transformaria num deserto depois de os mercados terem abalado para longe.

Um grande centro comercial, um novo hotel, prédios de escritórios, uma estação do metropolitano, um centro cultural: tais foram as sugestões apresentadas à Câmara de Paris, para se imprimir novo ritmo ao coração da cidade.

Mas ninguém, responsável, se mostrou interessado em ouvir os moradores, a maior parte dos quais pretende manter-se num bairro espontaneamente rejuvenescido. De modo que a gente do sítio falhou, não conseguindo evitar que, no próximo dia 1 de Julho, os «bulldozers» metam o focinho aos velhos pavilhões. O máximo que se conseguiu foi atrasar as demolições, ao afirmar-se que o custo total das obras, deitar abaixo e erguer de novo, custará 80 milhões de francos ao Zé Pagante.

A verdade, porém, é que tanto os vereadores como o presidente da Câmara, Marcel Diebolt, se não preocupam com os interesses da gente do sítio. Nem o Ministério da Cultura, de onde um funcionário responsável nos disse, pelo telefone: «É mais importante dispor de uma estação de metropolitano do que salvar os pavilhões».

Ninguém contesta a utilidade de uma tal estação, mas compreende-se muito mal a necessidade de a construir debaixo dos seus pavilhões do improvisado centro cultural.

CONTAR COM A INÉRCIA

Típica desta decisão de destruir os pavilhões é a atitude de Christian de la Malene, antigo ministro gaullista e deputado, administrador da Sociedade para o Desenvolvimento das Halles, de cujo capital a cidade detém 51%.

De la Malene, que é, de facto, uma espécie de ministro das Finanças de Paris, afirmou, recentemente, numa conferência de imprensa, que «consideramos esta operação renovadora como um teste que nos permitirá evitar os males que afligem o coração das cidades americanas».

Ele e os seus amigos tiveram, no entanto, de ceder um pedaço. Nos projectos originais pretendia-se demolir uns 40 hectares e desalojar 19 000 pessoas, mas a oposição local conseguiu reduzir a destruição para qualquer coisa como 16 hectares, afectando-se, apenas, uns 3000 moradores.

Parece que tanto o edil-mor como o Governo contavam com a inércia ou o cansaço das gentes para poderem levar a sua

a cabo. Mas os apaixonados pelas Halles mostram-se decididos a prosseguir na luta.

Jean Suchy, que se gaba de possuir 17 «canudos» universitários, e é homem sem papas na língua, lançou um apelo aos estrangeiros, pedindo que lhe escrevam para o n.º 113 do Boulevard St. Michel, na es-

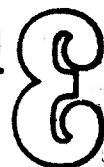
perança de que as cartas vindas do estrangeiro consigam deter aquilo a que chama uma desmiolada ditadura tecnocrática.

«De Gaulle tinha razão ao denunciar os franceses como uma nação de carneiros», afirma Suchy, «o nosso único apoio só pode vir «lá de fora»».

ÍNDIOS AMERICANOS:

UM DUPLO PREJUÍZO

WASHINGTON



Por WILLIAM GREIDER

O «bussing», que vem a ser o transporte, em autocarro, de estudantes brancos ou negros, para os levar dos «ghettos» respectivos a uma escola racialmente mista, constitui, nos Estados Unidos, um instrumento do anti-segregacionismo. Tal instrumento, que aparece, cada vez mais, perante os juizes americanos, provocou muito menos controvérsias ao ser aplicado a uma outra minoria étnica e isto dá já bastante tempo: trata-se aqui dos índios.

Consideramos o caso da escola índia de Intermountain. Terminada a II Guerra Mundial, deu-se início à desmobilização, pelo que o Governo decidiu encerrar o hospital de Bushnell, na cidadezinha de Brigham, no Utah. Mas como isso significaria um prejuízo de 14 milhões de dólares para a comunidade, descobriu-se uma solução: transformar o hospital em escola oficial para os índios. E não faltavam reservas onde ir buscar a população estudantil.

A 600 quilómetros do local encontrava-se a vasta reserva dos navajos, instalada na fronteira entre o Arizona e o Novo México.

O Governo começou, assim, a transportar as crianças para a escola. Estas saem da reserva, geralmente

de autocarro, para aquela cidade, ao Norte de Utah, onde ficam internadas durante o ano escolar, só regressando a casa pelas férias. São perto de 1600 alunos da «reserva» a frequentar a escola índia de Intermountain.

ISOLAMENTO RACIAL

Este estabelecimento não é único e não constitui, sequer, um caso limite: as crianças que vivem isoladas, no Alasca, são enviadas, de avião, para uma escola no Oregon, a 2400 quilómetros. Pode dizer-se que há nisto um progresso pois que as crianças, até há pouco tempo, eram transportadas para a Oklahoma, que fica 1600 quilómetros mais afastada.

Esta situação existe há anos. Intermountain constitui um caso típico na medida em que o Governo Federal, quando se vê perante um forte que se tornou obstáculo, em qualquer ponto do Oeste, faz dele uma escola para índios. Que diferença existe em mandar as crianças para locais que ficam a 100 ou a 1000 quilómetros?

Um espírito mal intencionado poderia achar divertido comparar a política aplicada às crianças índias e aquela

que os tribunais e os poderes públicos preconizam para a educação dos outros jovens americanos. Com efeito, aqueles são de opinião que o isolamento racial significa um obstáculo insuperável no caso de uma criança negra, cuja segregação seja deliberada.

Tudo indica que as crianças índias sofrem um duplo prejuízo. Perdem as vantagens sociais e culturais que poderiam colher frequentando uma escola no seu próprio meio e, entretanto, não são postas em contacto com os garotos das outras raças, brancos ou negros.

O caso foi posto perante os tribunais: um estudante de Intermountain, de 21 anos de idade, é de opinião que o Governo não tem o direito de transportar as crianças navajas, ao longo de enormes distâncias, com o fim de as educar.

Os índios, em geral, preferem afastar-se dos problemas postos pela dessegregação. Sentir-se-iam encaixados se conseguissem viver à parte, mas como iguais. No processo de Intermountain, pede-se ao Governo que cumpra as suas obrigações legais para com a tribo navaja, dando às crianças índias escolas decentes — nas reservas onde vivem os pais.